Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Universitat Politècnica de València
Facultad de Bellas Artes San Carlos

Camila Mozzini-Alister

Corpos de luz: afetos da imagem ubíqua

Rio de Janeiro
2018

Camila Mozzini-Alister

Corpos de luz: afetos da imagem ubíqua

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e do grau de Doctor ao Programa de Doctorado en Artes: Producción e Investigación da Universitat Politècnica de València, em regime acordado de cotutela entre as duas universidades.

Orientador: Prof. Dr. Erick Felinto de Oliveira (UERJ)

Orientadora: Prof[a]. Dra. Josepa López Poquet (UPV)

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M939 Mozzini-Alister, Camila.
Corpos de luz: afetos da imagem ubíqua / Camila Mozzini-Alister – 2018.
147 f.

Orientador: Erick Felinto de Oliveira
Orientadora: Josepa López Poquet
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social; Universitat Politècnica de València. Facultad de Bellas Artes San Carlos.

1.Comunicação – Teses. 2. Artes – Teses. 3. Mediação – Teses. 4. Meditação – Teses. I. Oliveira, Erick Felinto de. II. Poquet, Josepa López. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. IV. Título.

es CDU 316.77::7

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Camila Mozzini-Alister

Corpos de luz: afetos da imagem ubíqua

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e do grau de Doctor ao Programa de Doctorado en Artes: Producción e Investigación da Universitat Politècnica de València, em regime acordado de cotutela entre as duas universidades.

Aprovada em 09 de julho de 2018.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Erick Felinto de Oliveira (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____
Prof[a]. Dra. Josepa López Poquet (Orientadora)
Facultad de Bellas Artes San Carlos - UPV

_____
Prof. Dr. Fernando Antônio Resende
Departamento de Estudos Culturais e Mídia – UFF

_____
Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

_____
Prof. Dr. Gustavo Bernardo Galvão Krause
Instituto de Letras - UERJ

_____
Prof.[a] Dra. Maribel Domenech
Facultad de Bellas Artes San Carlos – UPV

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

A todos e todas que com quem cruzei por este longo trajeto de quatro anos e meio de vida e pesquisa, meu mais sincero sentimento de gratidão:

Aos meus dois orientadores, Erick Felinto de Oliveira e Josepa López Poquet: pela confiança, liberdade de pensamento e apoio nos momentos difíceis. Palavras não sintetizam a gratidão pelo quanto esta experiência me fez aprender, crescer e amadurecer como artista, pesquisadora e, acima de tudo, ser humano.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelas bolsas de estudos no Brasil e na Espanha ao longo do processo de doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS: a todos os professores, servidores e funcionários que tornaram possível encontrar com Michel Foucault e metabolizar em meu corpo outras formas de sentir e habitar o mundo.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidad Politécnica de Valencia (UPV) pela possibilidade de pesquisa, transformação, trocas e conhecimento. A todos servidores, professores e funcionários que mantém viva a possibilidade da universidade pública.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UERJ) e ao Doctorado em Artes: Producción e Investigación (UPV), pela acolhida do saber e da experiência. A todos os professores e mestres. A todos membros da secretaria. A todos os colegas de classe, em especial, Helena Klang, Filipe Feijó, Fabiola Lorenço, Alessandra Maia, Pollyana Escalante, Francine Tavares, Grécia Falcão, Ramona Rodriguez.

À Diretoria de Cooperação Internacional (DCI) da UERJ e à Escuela de Doctorado da UPV, pela tessitura do acordo de cotutela, em especial aos funcionários Marcos Paulo e Javier Martinez.

Aos grupos de pesquisa “Comunicação, Arte e Redes Sociotécnicas” (PPGCOM-UERJ), “Culturas Tecnológicas: Medialidades, Materialidades, Temporalidades” (PPGCOM-UERJ) e “Pantallas Mutantes: La proyección audiovisual interactiva con técnicas de mapping en espacios no convencionales” (Laboluz-UPV), pela oportunidade de aprendizado, trocas e crescimento acadêmico e pessoal.

Ao Vilém Flusser Archiv, pela alegria de trabalhar em um ambiente horizontal, aberto e inspirador, acompanhado por cartas de Flusser, chimarrão e cumplicidade. À Família

Flusseriana Anita Jóri, Alexander Schindler, Rafael Alonso, Martha Schwendener, Lucas Maia: vocês moram no pedaço mais alegre do meu coração.

Ao Instituto Mesa, o Coletivo E e a Casa Daros: pela abertura de horizontes no curso de formação “Laboratório contemporâneo: Propostas e descobertas do que a arte é (ou pode ser)”. Pela parceria com os artistas Aline B, Antônio Amador, Beatriz Coelho, Bianca Lopes, Henrique Castro, Felipe Nunes, Gabriel Cavalleiro, Jandir Jr., Julia Staneck, Luan Machado, Lucas Bueno, Luiza Coimbra, Michel Schettert, Raphael Giammattey, Tathi Peixoto, Fernanda Castilhos e Tomaz Bevilaqua.

À Oficina prática de Performance “Arte Ao Vivo”, ministrada por Nadam Guerra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A todxs os colegas que junto se lançaram aos limites entre arte e vida e por ter ali materializado a primeira versão da performance “: can we touch?”.

A todxs os integrantes do workshop “Horizontes Invisíveis”, ministrado por Fernanda Gomes no Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho – Castelinho do Flamengo: pelos aprendizados, intercâmbios, performances e intervenções em espaços públicos da cidade.

A todxs os integrantes dos coletivos artísticos Desviu (RJ-Brasil), Bacia (RJ-Brasil) e Esoc (Valência-Espanha): pela amizade, acolhida, por tantas trocas, risadas, peripécias, experiências, performances e intercâmbios que fazem do viver um objeto de arte.

A todxs os professores, colegas e funcionários da Formação Técnica em Bailarino Contemporâneo da Escola Angel Vianna, em especial ao colegas Carla do Eirado, Georgina Santos, Layla Saad, Agueda e Nayana Carvalho, Flavia Meireles, Marina Garcez, Alexandre Mendes, Lia Paiva.

Aos integrantes da banca de qualificação da UERJ nos idos de 2016, quando ainda morava no Brasil, Fernando do Nascimento Gonçalves e Muniz Sodré: por todo o apoio, acolhida, sugestões e críticas que foram fundamentais para que a presente tese ganhasse corpo.

Aos “evaluadores” da banca de qualificação da UPV: aos professores suplentes Rafael Diehl, Cíntia Sanmartin Fernandes e Denise Siqueira, pelo aceite em participar desta etapa; aos professores titulares Ana Taís Martins Portanova, Leticia Matheus e Cesar Baio, pelo diálogo, *feedback*, comprometimento e generosidade diante da pressão dos prazos e burocracias de um doutorado em cotutela.

À banca final de defesa: aos professores suplentes Charles Feitosa, Patricia Rebello, Emilio Martinez e Paula Sibilia pelo aceite em participar desta fase; aos professores titulares Fernando Antônio Resende, Fernando do Nascimento Gonçalves, Maribel Domenech e

Gustavo Bernardo Krause, pelo aceite em participar desta última e derradeira etapa de um longo processo de estudos, imersão, experiência e investigação.

Aos psicólogos Alexandre Melo, Elli Adams, Götz Mundle, Flávia Gonzalez, Eliana Zákis, Peter Burge, aos médicos Deepti Rampal e Poobalan Naidoo, e aos homeopatas Carmen Comin, Lakshimi Subramanian, Maria Inês Garbino Rodrigues: por me ajudarem a manter a saúde física e mental em meio à loucura do processo de duplo doutoramento.

À Thibery Maillard: por ter vetorializado e dado vida digital a meus desenhos em papel de modo tão generoso, comprometido e solícito.

À Fábio Valenti Possamai: por ter sido um solícito apoio intelectual em momentos de tradução, dúvidas acadêmicas e pendências burocráticas as mais diversas.

A todos os amigos feitos ao longo das andanças pelo mundo, em especial Porto Alegre, Córdoba, São Paulo, Rio de Janeiro, João Pessoa, Valência, Berlim, Melbourne, Sunshine Coast: pelo verdadeiro e puro vínculo da amizade. Em especial, por ser sido presenteada com a amizade de pessoas como Marilene Batista, Angela Bagattini, Samira Boligian, Charlotte Bernaulte, Helen Santos, Fernanda Bassani, Paula Bianchi, Joseane Flor, Rosilda Santos, Teresinha Jorvino, Isabella Joyce, Lucas Neiva, Amanda Torres, Paulo Souto Maior, Olga, Kalyan Pérez, Raphael Meissner, Francisco Santos, Celina Martins, Fabiana Daniel Felicio, Mariana Conte, Carla Camila Moreira, Flávia Azambuja, Joana Amaral, Marian Jamil, Ivan Galaxto, Volkan Knopfler, Maria Cristina Lodoño, Davy Guedes, Adil Es, Lucia Antonini, Luíze Bueno, Juliana Winckler, Ana Negreiros, Alvaro Herrero, Nina Hilmann, Alyona Ved, Valeria Flores, Mariana Faro, Paul Cercueil, Etiane Araldi, Elis Mori, Robertha Oliveira, Tiago Pires, Regina De Miguel, Sandra, Chantelle, Lockie, Fernanda Gomes, Elmir Matheus, Diana Kolker, Michel Schettert, Jéssica Gogan, Raphael Giammattey, Clarisse Fonseca, Clarice Greco, Lilian Hack, Iliriana Rodrigues, Dalva Bavaresco, Dasha Lavrenikov, Ludi Bobbe, Luiz Guilherme Vergara, Nadam Guerra, Nahema, Leonardo, Vanessa Costa, Manoela Resek.

À Rosângela Vilar e Marcos Espindola: pela tão genuína amizade e pela generosidade em aceitar ser uma extensão de meus braços em todos os processos burocráticos do doutorado envolvidos no Rio de Janeiro.

À Família Tântrica: aos ensinamentos de todos os mestres, companheiros de caminhada e viajantes que compartilham do corajoso desafio de mergulhar no próprio inconsciente em busca de autorrealização, autoconhecimento e serviço à humanidade. À sabedoria milenar que me sustentou nos limites mais difíceis do viver.

Ao Facebook: por ter sido um amplo reduto de autoconhecimento e bons encontros ao longo dos anos de doutorado.

Às Famílias Alister, Fitzgerald e Bussey: por terem concebido e esculpido o único homem ao qual eu poderia chamar de “esposo”. Pelo apoio e acolhimento incondicional na longínqua Austrália com tanto cuidado, amor e respeito. Por acreditarem no mistério do amor e serem exemplos de delicadeza e empenho no servir ao próximo.

Às Famílias Milani e Mozzini: aos meus pais, irmãos, avós, primos e todos antepassados alemães, italianos, negros e indígenas que em sangue se cruzaram e nos tornaram um só corpo, uma só alma que incessantemente sonha e luta por um mundo melhor e mais justo. Por acreditarem em mim mesma quando nem eu mesma acreditei dando-me incondicional apoio para seguir adiante e enfrentar todos obstáculos ao longo do caminho. A certeza da incondicionalidade desse amor foi meu sustento último em meio às agruras da distância física.

À Vilém e Edith Flusser: pela generosidade de terem deixado um legado tão vasto, vivo e apaixonante aberto ao desbravamento daqueles que buscam fazer da arte ao mesmo tempo, vida, do viver simultaneamente, científico, e da ciência concomitantemente, ficção.

À meu marido, companheiro, amante, melhor amigo e parceiro: Ajit Nicholas Alister. Sem a tua presença e teu apoio incondicional, essa tese não só não seria possível como tampouco teria sentido. Nosso encontro é, e sempre será, uma prova da existência divina em meio ao caos do viver.

À Baba, Jesus, Maria, à minha avó Maria Jesus (*in memoriam)* por terem me conduzido ao milagre da tese.

À Deus: por tudo aquilo que não sei.

Meu corpo, de fato, está sempre em outro lugar. Está ligado a todos os outros lugares do mundo, e, para dizer a verdade, está num outro lugar que é o além do mundo. É em referência ao corpo que as coisas estão dispostas, é em relação ao corpo que existe uma esquerda e uma direita, um atrás e um na frente, um próximo e um distante. O corpo está no centro do mundo, ali onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo não está em nenhuma parte: o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. O meu corpo é como a Cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.

Michel Foucault

RESUMO

MOZZINI-ALISTER, Camila. *Corpos de luz: afetos da imagem ubíqua*. 2018. 147 f. Tese (Doutorado em Comunicação em co-tutela com Doutorado em Artes: Producción e Investigación) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, 2018.

Por que não basta mais estar na ordinariedade *off-line* do aqui-agora? Partindo da premissa de que há nas atuais práticas de mediação algo que escapa ao simples cooptar mercadológico da subjetividade, veremos no ato de ininterruptamente tocar telas a busca por um desejo comum às práticas da meditação: o desejo de ilimitado, ou de iluminação. Para tal, o presente estudo visa investigar tal desejo cruzando mediação e meditação a partir do seguinte problema de pesquisa: "como o desejo de onipresença vem produzindo modos de expansão do substrato biológico?". Investigaremos tal questão a partir de uma tríade metodológica que teoricamente alia uma arqueologia dos meios (PARIKKA, 2012) à experiência (FOUCAULT, 2011a) prática de uma etnografia sensorial (PINK, 2009) organizada formalmente através de um jogo *vampyrotheutico* (FLUSSER & BEC, 2011) de analogias que se complementam tal qual um espelho invertido (BERNARDO, 2011), materializando aquilo que Flusser urgia por uma "fenomenologia do corpo" (FLUSSER, 1974). Conceitualmente, entenderemos mediação e meditação enquanto modalidades de expansão operacionalizadas a partir da noção de antropotecnia, ou seja, "técnicas pelas quais as comunidades da espécie humana e os indivíduos que as compõem agem sobre sua própria natureza animal com o intuito de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico" (ROMANDINI, 2012, p. 9). Neste percurso, organizaremos o trajeto de pesquisa em três capítulos: 1) mediação, 2) meditação e 3) medi(t)ação. No primeiro, sistematizaremos o desejo de onipresença a partir de uma arqueologia material da tela dividida em três etapas: telas e choques; telas e pontos; e telas e ondas. No segundo, sistematizaremos o desejo de ilimitado mediado não mais pela tela de *smartphones*, mas sim pelas sete telas internas da mente (ÁNANDAMÚRTI, 2005) a partir de uma arqueologia material da mente dividida em três etapas: mente e ondas; mente e ponto; e mente e choque. Por fim, na última fase intitulada "medi(t)ação", investigaremos o encontro entre mediação e meditação, mente e tela (PEPPERELL, 2006) a partir de uma economia geral da luz que visa reprogramar os afetos de modo a fazer do corpo um corpo de luz tal qual o modelo do corpo ressurreto de Cristo (ROMANDINI, 2012). Esperamos que o traçado desta longa e descontínua caminhada de quatro anos possa dar visibilidade aos limites em jogo no tão humano desejo de querer ser mais que o corpo.

Palavras-chave: Mediação. Meditação. Expansão. Desejo. Afeto.

RESUMEN

MOZZINI-ALISTER, Camila. *Cuerpos de luz: afectos de la imagen ubicua*. 2018. 147 f. Tese (Doutorado em Comunicação em co-tutela com Doutorado em Artes: Producción e Investigación) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, 2018.

¿Por qué ya no basta estar en la ordinariedad off-line del aquí-ahora? Partiendo de la premisa de que hay en las actuales prácticas de mediación algo que escapa al simple cooptar mercadológico de la subjetividad, veremos en el acto de ininterrumpidamente tocar pantallas la búsqueda de un deseo común con las prácticas de la meditación: o deseo de ilimitación, o de iluminación. Para ello, el presente estudio busca investigar tal deseo, cruzando las prácticas de la mediación y de la meditación a partir del siguiente problema de pesquisa: "¿cómo el deseo de omnipresencia viene produciendo modos de expansión del substrato biológico?". Investigaremos tal cuestión a partir de una tríade metodológica que teóricamente alía una arqueología de los medios (PARIKKA, 2012) a la experiencia (FOUCAULT, 2011a), práctica de una etnografía sensorial (PINK, 2009), organizada formalmente a través de un juego vampyrotheutico (FLUSSER & BEC, 2011), de analogías que se complementan tal como un espejo invertido (BERNARDO, 2011), materializando aquello que Flusser urgía por "fenomenología del cuerpo" (FLUSSER, 1974). Conceptualmente, entenderemos tanto mediación como meditación, como modalidades de expansión operacionalizadas a partir de la noción de antropotecnia, o sea, "técnicas por las cuales las comunidades de la especie humana y los individuos que las componen actúan sobre su propia naturaleza animal, con el intuito de guiar, expandir, modificar o domesticar su substrato biológico" (ROMANDINI, 2012, p. 9). En este recorrido, organizaremos el trayecto de pesquisa en tres capítulos: 1) mediación, 2) meditación y 3) medi(t)ación. En el primero, sistematizaremos el deseo de omnipresencia a partir de una arqueología material de la pantalla dividida en tres etapas: pantallas y choques; pantallas y puntos; y pantallas y ondas. En el segundo, sistematizaremos el deseo de ilimitación mediado no ya por la pantalla de smartphones, sino por las siete pantallas internas de la mente (ÁNANDAMÚRTI, 2005), a partir de una arqueología material de la mente dividida en tres etapas: mente y ondas; mente y punto; y mente y choque. Finalmente, en la última fase, titulada "medi(t)ación", investigaremos el encuentro entre mediación y meditación, mente y pantalla (PEPPERELL, 2006), a partir de una economía general de la luz que busca reprogramar los afectos de modo a hacer del cuerpo un cuerpo de luz, tal como el modelo del cuerpo resurrecto de Cristo (ROMANDINI, 2012). Esperamos que el trazado de esta larga y discontinua caminata de cuatro años pueda dar visibilidad a los límites en juego en el tan humano deseo de querer ser más que el cuerpo.

Palabras clave: Mediación. Meditación. Expansión. Deseo. Afecto.

RESUM

MOZZINI-ALISTER, Camila. *Cossos de llum: afectes de la imatge ubíqua.* 2018. 147f. Tese (Doutorado em Comunicação em co-tutela com Doutorado em Artes: Producción e Investigación) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, 2018.

Per què ja no és suficient de romandre en l'ordinarietat off-line de l'ara i ací? Partint de la premissa que hi ha en les actuals pràctiques de mediació alguna cosa que escapa a la simple cooptació mercadològica de la subjectivitat, veurem en l'acte de tocar ininterrompudament pantalles la cerca d'un desig comú amb les pràctiques de la meditació: o desig d'il·limitació, o d'il·luminació. Per a açò, el present estudi cerca investigar aquest desig, creuant les pràctiques de la mediació i de la meditació a partir del següent problema de perquisició: "com el desig d'omnipresència ve produint maneres d'expansió del substrat biològic?". Investigarem aquesta qüestió a partir d'una tríada metodològica que teòricament alia una arqueologia dels mitjans (PARIKKA, 2012) a l'experiència (FOUCAULT, 2011a), pràctica d'una etnografia sensorial (PINK, 2009), organitzada formalment a través d'un joc vampyrothèutic (FLUSSER & BEC, 2011), d'analogies que es complementen tal com un espill invertit (BERNARDO, 2011), materialitzant allò que Flusser urgia per "fenomenologia del cos" (FLUSSER, 1974). Conceptualment, entendrem tant mediació com meditació, com a modalitats d'expansió operacionalitzades a partir de la noció d'antropotècnia, o siga, "tècniques per les quals les comunitats de l'espècie humana i els individus que les componen actuen sobre la seua pròpia naturalesa animal, amb la intenció de guiar, expandir, modificar o domesticar el seu substrat biològic" (ROMANDINI, 2012, p. 9). En aquest recorregut, organitzarem el trajecte de perquisició en tres capítols: 1) mediació, 2) meditació i 3) medi(t)ació. En el primer, sistematitzarem el desig d'omnipresència a partir d'una arqueologia material de la pantalla dividida en tres etapes: pantalles i xocs; pantalles i punts; i pantalles i ones. En el segon, sistematitzarem el desig d'il·limitació mediat no ja per la pantalla de smartphones, sinó per les set pantalles internes de la ment (ÁNANDAMÚRTI, 2005), a partir d'una arqueologia material de la ment dividida en tres etapes: ment i ones; ment i punt; i ment i xoc. Finalment, en l'última fase, titulada "medi(t)ació", investigarem la trobada entre mediació i meditació, ment i pantalla (PEPPERELL, 2006), a partir d'una economia general de la llum que cerca reprogramar els afectes de manera a fer del cos un cos de llum, tal com el model del cos ressurrecte de Crist (ROMANDINI, 2012). Esperem que el traçat d'aquesta llarga i discontínua caminada de quatre anys puga donar visibilitat als límits en joc en el desig tan humà de voler ser més que el cos.

Paraules clau: Mediació. Meditació. Expansió. Desig. Afecte.

ABSTRACT

MOZZINI-ALISTER, Camila. *Bodies of light: affections of ubiquitous image*. 2018. 147 f. Tese (Doutorado em Comunicação em co-tutela com Doutorado em Artes: Producción e Investigación) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, 2018.

Why is not it enough just to be in the offline ordinariness of the here-now? Starting from the premise that there is something in the current practices of mediation that escapes the mere market co-opting of subjectivity, we will see in the act of uninterruptedly touching screens the search for a common desire for the practices of meditation: the desire for unlimited, or enlightenment. To this end, the present study aims to investigate this desire by crossing the practices of mediation and meditation from the following research problem: "How does the desire for omnipresence produce modes of expansion of the biological substrate?" We will investigate this question from a methodological triad that theoretically allies an archeology of the media (PARIKKA, 2012) to practical experience (FOUCAULT, 2011a) of a sensorial ethnography (PINK, 2009) formally organized through a vampyrotheutic game (FLUSSER & BEC, 2011) of analogies that complement each other like an inverted mirror (BERNARDO, 2011), materializing what Flusser urged by a "body phenomenology" (FLUSSER, 1974). Conceptually, we will understand mediation and meditation as modes of expansion operationalized from the notion of anthropotechnology, that is, "techniques by which the communities of the human species and the individuals that compose them act on their own animal nature with the intention of guiding, expanding, modifying or domesticating its biological substratum" (ROMANDINI, 2012, p. 9). In this course, we will organize the research route in three chapters: 1) mediation, 2) meditation and 3) medi(t)ation. In the first, we will study the desire for omnipresence from a material archeology of the screen divided into three stages: screens and shocks; screens and dots; and screens and waves. In the second, we will enter into the desire for omnipresence mediated no longer by the screen of smartphones, but by the seven inner screens of the mind (ÁNAMAMÚRTI, 2005). As a substrate for the unlimited, we will follow a material archeology of the mind along three stages: mind and waves; mind and point; and mind and shock. Finally, in the last phase titled "medi(t)ation", we will investigate the encounter between mediation and meditation, mind and screen (PEPPERELL, 2006) from a general economy of light that aims to reprogram the affections in order to make the body a body of light just like the resurrected body of Christ (ROMANDINI, 2012). We hope that the tracing of this long and discontinuous four-year walk can give visibility to the limits at stake in the so human desire to be more than the body.

Keywords: Mediation. Meditation. Expansion. Desire. Affection.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – "A criação de Adão", Michelangelo 20
Figura 2 – Tela intermediando toque divino 23
Figura 3 – Tripé metodológico 30
Figura 4 – Coleta de postagem sobre depressão 38
Figura 5 – Círculo do "eu" e ponto do perfil 45
Figura 6 – Duplicar-se pela tangente 46
Figura 7 – Via de retro alimentação entre círculo e ponto 47
Figura 8 – Viral "Eu autorizo" 50
Figura 9 – Processo de duplicação do eu enquanto perfil 53
Figura 10 – Linguagem de emoticons 58
Figura 11 – Movimento de translação do "eu" em torno do perfil. 60
Figura 12 – Proliferação dos pontos de perfil 62
Figura 13 – Postagem coletada ironizando processo de bloqueio em redes sociais 63
Figura 14 – Performance da artista Elia Torrecilla no Facebook 65
Figura 15 – Grande Mente de "Nós" do Facebook e união do "eu" com todos os pontos da rede 66
Figura 16 – Postagem coletada sobre popularidade da meditação 69
Figura 17 – Postagem aleatória sobre Chakras 72
Figura 18 – Posturas de ásanas 74
Figura 19 – Círculo do "eu" e ponto divino do "Eu" 78
Figura 20 – Cortar pelo raio 78
Figura 21 – Postagem coletada da cartunista Bruna Maia 80
Figura 22 – Paralisação dos giros do círculo do "eu" 81
Figura 23 – Fragmentação do círculo do "eu" 83
Figura 24 – Afunilamento dos pontos mentais a um único ponto 84
Figura 25 – Atravessamento do estreito entre "eu" e alma 85
Figura 26 – Atravessamento das três últimas camadas da mente 86
Figura 27 – Postagem coletada sobre energia Kundalini 89
Figura 28 – Samádhi e união entre "eu" e alma 94
Figura 29 – Diagramas de expansão exterior e expansão interior 96
Figura 30 – Grande Mente de "Nós" do Facebook e Samádhi 98
Figura 31 – Postagem coletada sobre Ascensão do corpo de luz 99

Figura 32 – Reta de elevação energética pela polarização dos afetos 102
Figura 33 – Postagem coletada sobre depoimento Sinead O'Connor 103
Figura 34 – Postagem coletada sobre relação entre espiritualidade e adição a telefones 105
Figura 35 – Postagens coletadas sobre autopromoção 106
Figura 36 – Postagem coletada sobre achatamento dos afetos 108
Figura 37 – Oscilação energética entre mente e tela 109
Figura 38 – Ponto de equilíbrio entre mente e tela 111
Figura 39 – Propaganda mental de si enquanto modelo 111
Figura 40 – Alteração da percepção de realidade pela curvatura da reta sob o modelo do militante de redes sociais 112
Figura 41 – Postagem coletada para ilustrar a subjetivação do "eu" enquanto juiz 113
Figura 42 – Curvatura da indiferença do *Voyeur* 114
Figura 43 – Postagem coletada sobre procrastinação em redes sociais 115
Figura 44 – Postagem coletada para ilustrar o panóptico do Facebook 117
Figura 45 – Espelhamento entre corpo e corpo do aparato 118
Figura 46 – Fechamento do círculo e finalização do processo de transformação do corpo em corpo de luz 120
Figura 47 – Postagens coletadas para ilustrar atual processo de alienação técnica 122
Figura 48 – Postagens coletadas sobre tecnologia de leitura da mente desenvolvida pela Facebook 123
Figura 49 – Postaem coletada para ilustrar questionamento acerca do humano 124
Figura 50 – "Angelus Novus" por Klee 126

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	**MEDIAÇÃO E PROCESSO DE EXPANSÃO EXTERIOR**	33
1.1	**Telas e choques**	36
1.2	**Telas e pontos**	45
1.3	**Telas e ondas**	55
2	**MEDITAÇÃO E PROCESSO DE EXPANSÃO INTERIOR**	68
2.1	**Mente e ondas**	70
2.2	**Mente e ponto**	77
2.3	**Mente e choque**	86
3	**MEDI(T)AÇÃO E SEDE DE ONIPRESENÇA**	96
	CONCLUSÃO: LIMITES	127
	REFERÊNCIAS	134
	ANEXO - Flusser e Fenomenologia do Corpo: Carta à Dora Ferreira da Silva	145

INTRODUÇÃO

Afetos como pesquisa

> Migrar é situação criativa, mas dolorosa.
> Toda uma literatura trata da relação entre criatividade e sofrimento. Quem abandona a pátria (por necessidade ou decisão, e as duas são dificilmente separáveis), sofre. Porque mil fios o ligam à pátria, e quando estes são amputados, é como se intervenção cirúrgica tenha sido operada. Quando fui expulso de Praga (ou quando tomei a decisão corajosa de fugir), vivenciei o colapso do universo. É que confundi o meu íntimo com o espaço lá fora. Sofri as dores dos fios amputados. Mas depois, na Londres dos primeiros anos da guerra, e com a premonição do horror dos campos, comecei a me dar conta de que tais dores não eram as de operação cirúrgica, mas de parto. Dei-me conta de que os fios cortados me tinham alimentado, e que estava sendo projetado para a liberdade. Fui tomado pela vertigem da liberdade, a qual se manifesta pela inversão da pergunta "livre de quê" em "livre para fazer o quê". E assim somos todos os migrantes: seres tomados de vertigem.
>
> *Vilém Flusser*

A presença da imagem sempre me intrigou. Cresci na década que viveu a pleno vapor a transição do analógico para o digital. Meus discos viraram fitas, as fitas se transformaram em CDS, os CDS se converteram em disquetes, os disquetes em pendrives, os pendrives em Wetransfer e Google Drive. Lembro-me do dia em meus pais compraram nosso primeiro computador, uma geringonça imensa que rodava um Windows 95. Eu tinha apenas oito anos e aquilo parecia um novo mundo. Enquanto eu brincava nos jogos de colorir, meus dois irmãos mais velhos, entravam no Mirc e entulhavam a conta de telefone nos serviços de chat. Lembro-me também de meu primeiro celular. Um Samsung Slim. Fui uma das últimas da turma a desfrutar desta tecnologia tida como um indicador de status entre meus colegas de colégio. "Os últimos serão os primeiros", diz o ditado. Bom, pelo menos nesse caso foi verdade: meu celular era um dos mais modernos da sala e eu finalmente me sentia inclusa no grupo dos "tecnologicamente inseridos". Sempre tive muita dificuldade em acompanhar a velocidade de todas essas transformações. Eu sentia que tudo mudava rápido demais e que todas aquelas informações novas seriam, ao fim, inúteis porque descartadas de novo e de novo

nos incessantes ciclos de obsolescência programada. Interessava-me mais em viajar na maionese: filosofar, divagar, dançar, desenhar. Não sou a melhor nem mais atualizada pessoa para falar sobre tecnologia. Não sei programar e mal sei usar editores de imagem. Meu computador é um Dell com tão diminuta capacidade de memória que, de cara, denuncia meu atraso nos altos escalões de investigação em arte mídia mundo afora. Regados a "Ferraris" da marca Apple, eu com meu "fusquinha", tomo tal "ineficiência" como um ponto de partida para o estudo das relações com os atuais dispositivos de imagem e comunicação: um ponto de partida menos funcional e naturalizado, mais afetivo e existencial.

Desde que entrei no doutorado aderi ao uso de *smartphones* dotados de tecnologia *touchscreen*. Nos últimos quatro anos, vi meus hábitos e meu cotidiano serem drasticamente alterados pela presença desse novo ser, desse novo intruso que, sem que eu percebesse, conquistou tamanho espaço em minha vida. Aos poucos, tornei-me adicta a siriricar a ponta dos dedos em telas fotossensíveis ao toque. Mesmo quando não havia mensagens, constantemente eu checava e me perdia em redes sociais, ou melhor, em meu perfil no Facebook e em mensagens de Whatsapp. Basicamente, esse era o brilhante foco de uso de meu "telefone inteligente". A cada quinze minutos, era como se um alarme interno disparasse e eu tivesse que imediatamente acessar tais plataformas de comunicação: o que se passa em meu Facebook? Alguém estaria me chamando por Whatsapp? Eu estava condicionada[1]: havia ali uma incontrolável sensação de urgência... Agora mesmo, neste exato instante, tal reloginho mental soa enquanto aqui escrevo estas palavras. Só eu sei o quanto faço força para resistir ao excesso de acessos ao qual me sinto convidada. Não que eu não tivesse o que fazer: eu tinha,

---

[1] Há algum tempo, tanto Walter Benjamin (2012) quanto Marshall McLuhan (2005) haviam chamado atenção para o fato de que as materialidades dos meios aos quais estamos em relação não são neutras: elas mudam nossa percepção e implicam em outros modos de estar e habitar no mundo. Para Benjamin (2012), "o modo como se organiza a percepção humana, o meio pelo qual ela se realiza, não depende somente de sua natureza, mas também de sua história" (p. 13-14). Ou seja, há uma esfera de historicidade que diz respeito não só às características intrínsecas de um certo meio, mas sobretudo às condições espaço-temporais de emergência que estão em jogo para que tal aparato cristalize funções sociais. Desse modo, a imagem da pintura é diferente da imagem fotográfica, que é diferente da imagem no vídeo. São diferentes mas, ainda assim, imagens. Imagens que carregam um mínimo lastro de semelhanças, de comuns, de encontros que possibilitam que a imagem da pintura exista na imagem fotográfica, as quais existem na imagem audiovisual. Ou seja, não há uma ruptura intransponível entre pintura, fotografia, vídeo, mas sim cortes e recortes que se cruzam como vetores no caos e criam condições de possibilidade à existência de um no outro. Uma paradoxal contiguidade anacrônica. Nesse sentido, a própria materialidade dos meios serviria como um vetor narrativo dos conflitos e embates, dos acordos e deslizamentos éticos e estéticos de um período histórico. Mas não há como falar em natureza e história dos meios sem mencionar McLuhan (2005): apenas algumas décadas antes da efervescência da internet, ele não somente insistiu que a natureza de um livro não é a mesma que a de um aparelho de televisão, que por sua vez difere da natureza de um computador, mas também que tais diferenças implicam não só em transformações perceptivas, mas também, em sintonia com Benjamin (2012), em reconfigurações do próprio estatuto de produção social do viver. A máxima mcluhaniana de que "o meio é a mensagem" de modo algum significa que um computador ou uma televisão são, ao mesmo tempo, meio e mensagem. Para além deste redundante reducionismo, o que está em jogo nesta tão sintética frase é que o meio é composto pelo conjunto de seus efeitos, ou seja, de todo um ambiente oculto de serviços relacionados a uma ambiência histórico-social: "o que muda as pessoas é o ambiente, não a tecnologia" (MCLUHAN, 2005, p. 284).

e muito! Contudo, paulatinamente me vi automatizando uma nova necessidade de presença[2]. Estranha presença: mesmo com total consciência dos mecanismos de captura neoliberal em jogo no uso de redes sociais e aplicativos de comunicação por tê-los tão minuciosamente estudado em um mestrado em Psicologia Social e Institucional, eu perdi o controle. Desde então, meus dias passaram a ser marcados por acirradas lutas contra sintomas como: dificuldade de concentração em tarefas cotidianas em prol de olhadelas recorrentes ao celular, relutância em interromper o cíclico deslizar de dedos sobre telas fotossensíveis e ansiedade por conversar com pessoas que não estavam perto de meu corpo: o que tanto me enganchava em tais práticas?

Talvez meu histórico cigano seja um agravante para que tal quadro se instaurasse. Nunca soube o que é fincar raízes em um solo ou casa estável: filha de bisavós italianos e alemães migrantes que se mesclaram ao sangue negro e índio brasileiro cujos netos, meus pais, também migraram do Sul ao Nordeste do Brasil quando eu tinha apenas quatro anos. Dos 0 aos 4, morei na cidade de Tapejara, interior do Rio Grande do Sul. Dos 4 aos 10, em Campina Grande, no estado da Paraíba. Dos 10 aos 18, na capital João Pessoa. Dos 18 aos 26, voltei sozinha a Porto Alegre para estudar. Nesse meio tempo, morei seis meses em Córdoba, Argentina. Dos 26 aos 29, mudei-me para o Rio de Janeiro a fim de realizar os estudos de doutorado. Aos 29, parti rumo a Valência, Espanha, com o sonho de realizar uma cotutela com a Universidad Politécnica de Valencia. Morei ali nove meses e novamente parti rumo a Berlim por três meses, onde fui *trainee* no Vilém Flusser Archiv. Foram doze meses intensos. Até para quem está acostumado com a lonjura das distâncias, ir a outro continente, dessa vez, o "velho", e passar doze meses sem sentir o calor do abraço daqueles que se ama, dói. Senti a dor dessa velha companheira chamada "solidão" tornar-se aguda. Aguda não somente pela distância de minhas raízes, de meus familiares, de meus amigos e da doçura da sonoridade da língua portuguesa, mas também pelo mais inesperado encontro de almas que implantaria em minha vida a mais longa de todas as distâncias: Austrália. Casei-me com um australiano e resolvemos fazer do "novíssimo" continente nosso lar, de onde agora digito, em um café da pacata cidade de Frankston, as teclas de meu obsoleto Dell para dar forma a estas palavras.

Há um ditado no mundo acadêmico que diz "problema de pesquisa, problema do pesquisador". Cada um tem o seu buraco existencial. O meu chama-se "distância". Educada pelas escolhas que assumi como minhas, sem querer, especializei-me no tema das distâncias o qual, consequentemente, trouxe o problema das mediações como centro de meus afetos. A

---

[2] Para Muniz Sodré (2002), as dinâmicas de aproximação e distanciamento que instauram a criação de vínculos e, portanto, de comuns, constituem a própria problemática do campo da Comunicação. Por isso que, frente a dinâmicas vinculativas crescentemente atravessadas por um *bios* midiático (2002) que coloca em xeque as tradicionais experiências de tempo e de espaço, a vida "cada vez mais é apresentada em sua forma de espectro, fantasmática... Em sua forma abstrata com relação ao toque. Mas ainda assim pode ser uma vida cada vez mais verdadeira" (SODRÉ, 2001).

experiência da distância é algo que me constitui subjetivamente: abrir mão do toque físico dos que amo em prol seja de estudos, seja para estar ao lado de outros seres amados, sempre foi, para mim, uma constante. E é aí que entra a presença da imagem. Desde muito cedo, a imagem foi o único meio capaz de trazer para perto aqueles que não mais estavam ao meu lado. Ao habitar um corpo mediado por outras formas de "carne", aprendi a agarrar o outro pela materialidade da imagem. Tal discrepância daquilo que se toma por "real", em mim, entranhou lentes que me permitiram vislumbrar o presente a partir dos "olhos do afeto": vejo na pregnância das formas imagéticas de presença um eixo central nos atuais modos de vida e não apenas um "problema meu". Cansei de testemunhar cenas e mais cenas de momentos de pausa preenchidos pelo deslizar de dedos em telas sintonizadas ao Facebook e ao Whatsapp, de pessoas para lá e para cá com o celular grudado à mão, de meios de transporte cujos passageiros viajam também pela velocidade de sinais Wi-Fi e redes de dados, de mesas de bar povoadas por *drinks* e ruidosos dispositivos se intrometendo na conversa, de mães que enquanto conduzem seus filhos em carrinhos de bebês, falam com a imagem de pessoas em telas. Por que não basta mais estar na ordinariedade *off-line* do aqui-agora? O que é isso que escapa nesse processo de trocar a privacidade de dados pessoais pelo incessante desejo por comunicar?

Foi somente quando passei a insistentemente me perguntar porque cargas d'água continuo no Facebook mesmo consciente das políticas de uso afetivo de estratégias de *marketing* e de adestramento subjetivo que um outro ângulo do problema se apresentou: a sede de onipresença. Será por esse motivo que cada vez mais pessoas ignoram ou menosprezam os nebulosos usos mercadológicos de seus rastros digitais em prol da produção de outras formas de presença que não mais se limitam ao raio de alcance do corpo humano? Sede de simultaneamente habitar distintos espaços-tempo, de ao mesmo instante estar aqui e lá, no espaço do corpo físico e no espaço do corpo mediado. Sede de ser mais que corpo. Sede de superar a própria condição humana. Sede de estender o perímetro de braços, pernas e visão. Sede de ser super-humano. Sede de ilimitado: de divinização? Divinização que desde 2014, ano em que entrei no doutorado em Comunicação da UERJ, aliou a constante necessidade de mediação à disciplinada prática da meditação.

A meditação foi algo que entrou em minha sem muita explicação. Apesar de minhas fortes origens cristãs, havia no universo do Yoga algo que me fascinava e me atraía. Por mais que eu tentasse resistir, foi algo como que inevitável. Fui iniciada no Tantra Yoga, vertente shivaista cujo fim último é a expansão de todas as potencialidades humanas. Muito rapidamente, mergulhei meu cotidiano em ásanas, mantras, estudo dos cakras, alimentação vegetariana, práticas de respiração e, duas vezes por dia, pelo menos 20 minutos de meditação. Eu sentia os efeitos em meu corpo. Eu sentia a aceleração de minha vida a níveis

nunca antes vividos. Eu queria alcançar a prometida liberação da mente. Eu aspirava tornar-me "anjo", ser um corpo de luz e viajar tal qual as ondas de Wi-Fi do celular *touchscreen* deslocavam meu corpo a um outro espaço-tempo. Mediação e meditação se tornaram, então, as duas principais atividades que inscreveram meu corpo ao ritmo de hábitos cotidianos cultivados durante os últimos quatro anos de doutorado. Media(t)ação. Duas ações que decisivamente moldaram e esculpiram minha percepção da realidade na medida em que, ainda que em princípio pareçam desconectadas, Tantra Yoga e mediação se encontram no comum desejo de onipresença. Não por acaso, diversos autores apontam para as íntimas relações entre tecnociência e o anseio da transcendência, entre espiritualidade e a cultura digital (DAVIS, 1998; COYNE, 2001; MOSCO, 2004). Desse modo, trazer uma discussão sobre a Yoga como prática espiritual, de sutilização do corpo e mesmo de relativização da identidade é um modo rico e interessante de explorar as dimensões espiritualizantes da técnica tal proposta por estudiosos alinhados aos chamados "*Consciousness Studies*" e "*Screen Consciousness*" (PEPPERELL, 2006; TIKKA, 2006; PISTERS, 2006; STUART, 2006; PUNT, 2006; BLASSNIGG, 2006). Implicando mente e tela, imagem e corpo a partir de abordagens transdisciplinares, abertas ao diálogo entre fé e ciência, espiritualidade e arte, técnica e cognição, tais pesquisadores vislumbraram "que o tema da *Consciousness Studies* inevitavelmente formaria uma das linhas que teceriam seu caminho por qualquer tentativa de pensar em torno da tecnologia moderna em relação ao uso humano e significados culturais" (PUNT, 2006, p. 16).

Ainda assim, mais de três anos foram necessários não só para que eu me desse conta, mas também para que eu aceitasse a forma como essas duas práticas se cruzavam em meu trajeto como pesquisadora. Inconscientemente imbuída de preconceitos acadêmicos, de todas as formas possíveis neguei a entrada de qualquer vestígio do que possa ser classificado na categoria "espiritualidade". Eu sentia medo de que meu texto fosse julgado como "místico" e, portanto, "sem fundamento". Contudo, encontrar no próprio processo de pesquisa tais bibliografias articularam um vasto campo de exploração acadêmica aberto a percursos de investigação semelhantes. Tais empreitadas, somadas ao desejo de relativizar o princípio totalitário do distanciamento acadêmico, levaram-me a pensar mais detidamente sobre como minhas práticas meditativas me traziam continuamente para perto do horizonte de experiências que também tinha na dimensão *online*. Tive que conter o desejo de preencher todos os espaços vazios de meus argumentos: os tantos autores e as milhares de páginas de livros e artigos que li ao longo do doutorado não articulavam uma hipótese a ser comprovada. Não havia como provar algo que é da ordem do frágil, do vulnerável, do incompleto porque parte da experiência. Experiência da extrapolação de todos os limites possíveis da medi(t)ação

em meu próprio corpo que, na sua cega busca por expansão, encontrou nestas palavras o desafio à criação de um meio-termo.

Pesquisa dos afetos

> As tecnologias contemporâneas de comunicação quase cumprem o sonho de onipresença, que é o sonho de fazer a experiência vivida se tornar independente dos locais que nossos corpos ocupam no espaço.
>
> *Hans Ulrich Gumbrecht*

Figura 1 – “A criação de Adão”, Michelangelo

Estávamos eu e Ajit, meu companheiro australiano, visitando o Vaticano em julho de 2017. Após uma longa caminhada, chegamos ao destino final: a Capela Sistina. Mesmo lotado de turistas, havia ali um ar de silêncio. Os afrescos de Michelangelo no teto calavam o ruído humano ao mudo falar do sagrado tal qual a gravidade apresentava seu tom grave. E foi sem pronunciar uma única palavra que Ajit fez uma inesperada relação: ele apontou para o alto, sinalizou a obra-prima “A criação de Adão” e depois tocou a tela de seu celular. Diante da semelhança do gesto de toque, fui tomada por um espanto: estaríamos mediando nossa relação com o divino por meio de telas? Se sim, qual a relação entre a mediação das telas e as práticas de meditação? E o que tais gestos teriam a ver com os afetos da imagem ubíqua? A máxima do Yoga ecoou em meus pensamentos. Por mais distintas que sejam as tantas linhagens espirituais provenientes da Índia, há em todas uma premissa comum: “você não é o seu corpo”. Como chegaram a essa conclusão, não cabe aqui detalhar, mas é fato que, para a sabedoria iogue, o corpo físico é apenas uma das camadas energéticas da mente, por sinal, a última e menos sutil. Lógica que estranhamente vem sendo reencenada nos atuais

smartphones dotados de tecnologia *touchscreen:* ao contrário de botões e teclas protegidos com material isolante, hoje transportamos o corpo via ondas de radiofrequência que viajam através de trocas diretas de corrente elétrica entre telas fotossensíveis e ponta dos dedos. Há aí algo singular: pela primeira vez, a humanidade de nossas técnicas eletromagneticamente insere o corpo em outras camadas de presença não mais restritas ao campo do visível. Busca. Busca por alcançar algo que está além do substrato corpóreo, por algo que rompa com as convenções tridimensionais de espaço e de tempo, por algo que possibilite estar simultaneamente em todos os "aquis" e "agoras". Algo que nos torne, por fim: ilimitados. O que sairá do encontro entre mediação e meditação?

Antes de iniciar nosso trajeto em direção à investigação desta pergunta, sejamos específicos com o sentido de alguns termos que aqui se farão recorrentes: a) ilimitado, b) imagem ubíqua, c) meditação e d) mediação. A começar pelo termo que hoje se tornou um lugar comum em qualquer *slogan* publicitário que incite à conexão digital: por a) "ilimitado" entenderemos "dimensão de onipresença na qual as experiências de tempo e espaço não mais se aplicam". Dimensão esta usualmente relacionada ao campo sagrado, ao divino: Deus. Já b) imagem ubíqua", terminologia que engloba o escopo geral da presente pesquisa, será entendida como "meios de expansão do espaço e tempo". Por fim, aos dois campos sobre os quais nos debruçaremos para proceder ao estudo da imagem ubíqua: c) "meditação": "processo ativo de unificação da mente em direção ao ilimitado". Para tal, técnicas de sutilização do corpo, como vegetarianismo, ásanas e mantras buscam o controle dos cakras inferiores e habilitam o sintonizar de frequências de ondas invisíveis ao olho humano; e d) "mediação": "processo inconsciente no qual o sujeito busca tocar o ilimitado através do toque de imagens em telas que criam formas de simbiose energética entre corpo e aparato". Para tal, técnicas de interação em redes sociais, tais como o *scrolling* de *newsfeed* e o compartilhamento de pensamentos e emoções incitam à constante atualização do *status* de perfis virtuais.

Estudaremos estas duas modalidades de expansão dos limites presenciais do corpo, meditação e mediação, a partir do operador conceitual "antropotecnia", ou seja, "técnicas pelas quais as comunidades da espécie humana e os indivíduos que as compõem agem sobre sua própria natureza animal com o intuito de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico" (ROMANDINI, 2012, p. 9). Porém, como "toda antropotecnologia implica um substrato zoopolítico que jaz em seu centro" (ROMANDINI, 2012, p. 10), adentraremos no delicado território da *zoé*[3], isto é, da espectralidade[4] que aqui chamo de

---

[3] Em *A comunidade dos espectros*, Romandini (2012) faz duras críticas ao filósofo italiano Giorgio Agamben. Uma delas é a distinção realizada por este entre *bíos* como vida qualificada e *zoè* como vida nua, aquilo sobre

"divino" por um simples motivo: sem o estudo "da dimensão espectral resulta de todo impossível a compreensão cabal, não apenas da deriva política contemporânea em geral e da zoopolítica em particular, mas também de novas possibilidades de ontologia" (ROMANDINI, 2012, p. 12). Ontologias outras que, desviando da pergunta "o que é isso?" em direção a questões "como isso se produz?" e "como isso se possibilita?", cada vez mais operam uma autocrítica de nós mesmos a partir da problematização das formas pelas quais milenarmente nos fabricamos enquanto "humanos", e não mais "animais". Nesse sentido, ousaremos tatear o estudo do contemporâneo "clima espectral" (FLUSSER, 2008) a partir do sutil conhecimento do Tantra Yoga não somente porque Flusser era um ativo praticante da linhagem tântrica[5]. Tal escolha deve-se também pelo fato de que o próprio o objetivo do Tantra está intimamente relacionado ao núcleo duro do conceito de antropotecnia enquanto método de expansão e domesticação do substrato biológico: "a prática espiritual que libera o aspirante do embotamento ou animalidade da força estática e expande o "eu" [espiritual] do aspirante é tantra"[6] (ÁNANDAMÚRTI, 1993, p. 167).

Desta maneira, diante da imensa oferta de antropotecnias contemporâneas, tais como "a nova biotecnologia, a AI, a nanotecnologia, a biologia molecular, a física e as ciências cognitivas e informáticas"[7] (p. 224), pincelaremos na banalidade do binômio mediação/meditação elementos para dissecar os atuais modos de desconstrução e, portanto, de

---

cuja exclusão se funda a cidade dos homens. Para Romandini, não há embasamento filosófico para esta separação nem em Platão nem em Aristóteles, tratando-se apenas de "uma estratégia retórica de Agamben para introduzir no texto aristotélico a suposta identificação (inédita) de uma espera apolítica da *zoè* em contraste com a vida qualificada do *bíos* da política" (p. 31). Como seria possível, então, interpretar essa definição aristotélica? Para o autor, "a afirmação aristotélica é muito mais inquietante e carregada de consequências: se não há uma verdadeira distinção categorial entre *zoè* e *bíos*, então a política é, em Aristóteles, desde seus primórdios, uma política da vida" (p. 32). Ou seja, "o homem é chamado político simplesmente porque é o único animal que toma em seu encargo a direção consciente de sua própria *zoè* de acordo com os critérios do justo e do injusto" (idem).

4 Por espectro, Romandini (2012) assinala duas acepções: em sentido amplo, diz respeito às "criaturas incorpóreas como, por exemplo, os anjos" (idem) e Deus, com "D" maiúsculo, que se "manifesta através do Espírito" (idem) e carrega um solo ontológico comum entre Espírito e Espectro; em sentido estrito, remete-se aos "entes que sobrevivem (mesmo que sob a forma de um postulado) à sua própria morte, ou que estabelecem um ponto de indistinção entre vida e morte" (ROMANDINI, 2012, p. 13). Sob esse ponto de vista, "o espectro pode ser completamente imaterial ou adquirir diferentes 'consistências'" (idem).

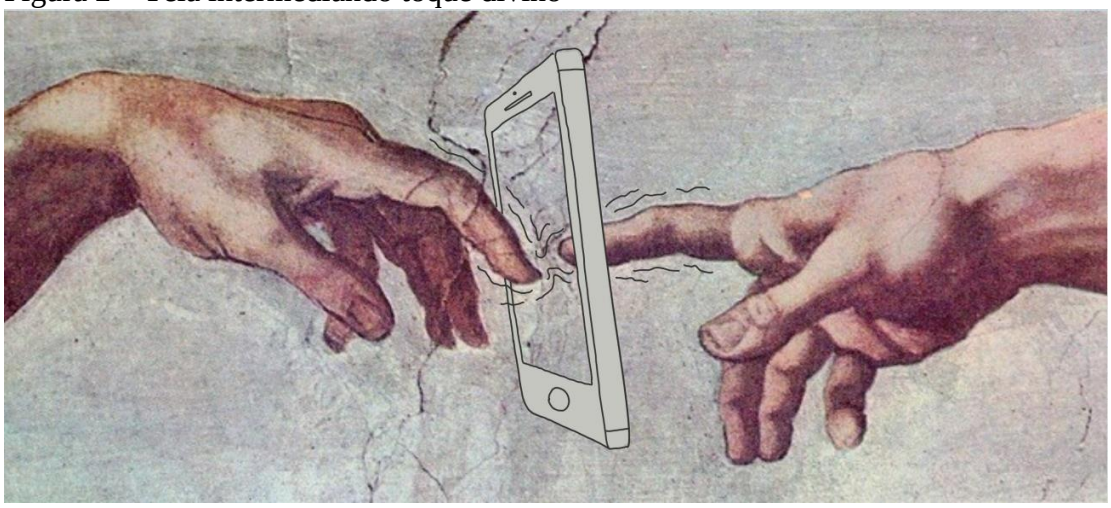
5 Em cartas trocadas com a poeta e amiga Dora Ferreira da Silva, Flusser (29/06/1974) relata a experiência de seu "período orientalizante" e menciona o profundo conhecimento de *swamis* como Vivekananda, Ouribindo e Ramakrishna, todos iogues com raízes tântricas.

6 Trecho da tradução extraído do original em inglês: "*The significance of the term tantra is "liberation from bondage [the bondage of dullness, or staticity]". The letter ta is the seed [sound] of dullness. And the root verb trae suffixed by da becomes tra, which means "that which liberates" – so the spiritual practice which liberates the aspirant from the dullness or animality of the static force and expands the aspirant's [spiritual] self is Tantra sádhaná. So there cannot be any spiritual practice without Tantra. Tantra is sádhaná*".

7 Cabe ressaltar que Romandini (2012) não considera que a antropotecnia seja "um processo inelutável de fabricação do humano que conduz 'do humanismo clássico' a uma nova era antropotécnica da eugenia biotecnológica" (p. 10). Ao contrário de uma espécie de premissa deontológica com um alvo predestinado, os modos de concretização antropotécnicos dizem respeito à "*forma contingente* assumida pelas próprias tecnologias de poder aplicadas sobre o animal humano" (idem).

expansão, da forma física do corpo. Corpo que, nas práticas da medi(t)ação, reconfigura sua anatomia a partir de técnicas de manipulação do espectro eletromagnético ou, em linguagem iogue, do "prana". Seja na busca pela iluminação da mente através da sutilização do corpo, seja na eletrocutação do corpo por meio do condicionamento da mente ao constante toque de telas sintonizadas em perfis de redes sociais, cruzaremos estes dois universos em princípio distantes com o intuito de investigar modos de afeto, ou seja, os efeitos de tangibilidade, a partir de corpos que não mais se restringem ao corpo tido "o sólido, o tangível, o que é sensível e, principalmente, o que é banhado pela luz e é, portanto, bem visível" (DAGOGNET, 2012, p. 2). Afetos que, desviando de sua acepção corrente associada ao sentimento de afeição em direção a algo ou alguém, permite falar do potencial de impacto sensório-material produzido nas relações – ou afecções, como interpretará Deleuze (1978) acerca de Espinosa – entre corpos, sejam estes de carne ou de luz.

Figura 2 – Tela intermediando toque divino



Método à pesquisa dos afetos

> Meu corpo está implicado em tudo. Talvez meu fígado menos que meu olho, mas não tenho certeza nem disto. Toda análise do mundo revelará, em última instância, meu corpo. [...] Urge fazer uma fenomenologia do corpo, antes de fazer não importa que cristologia.
>
> *Vilém Flusser*

Tomando como problema de pesquisa a questão "como o desejo de onipresença vem produzindo modos de expansão do substrato biológico?", nortearemos esta investigação a partir da premissa de que há nas atuais práticas de mediação algo que escapa ao simples

cooptar mercadológico da subjetividade. Atentos à dimensão de produtividade deste fenômeno que, ao contrário de somente coibir, proibir, submeter, obrigar ou determinar, também constitui uma espécie de ação sobre ação que "opera sobre um campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos" (FOUCAULT, 2010b, p. 288), veremos no ato de ininterruptamente tocar telas a busca por um desejo comum à prática da meditação: o desejo de expansão rumo ao ilimitado ou, em suma, de iluminação. Por isso, diante do objetivo geral de "investigar os afetos da imagem ubíqua em jogo nos modos de expansão do substrato corpóreo a partir dos cruzamentos entre mediação e meditação", serão desenvolvidos três objetivos específicos: 1) sistematizar o processo de expansão exterior em jogo nas práticas de mediação a partir de uma arqueologia material da tela; 2) sistematizar o processo de expansão interior nas práticas de meditação a partir de uma arqueologia material da mente; 3) operar o cruzamento do desejo de onipresença de ambas práticas de expansão de modo a sistematizar os distintos graus de programação dos afetos que levam a cabo o projeto antropotécnico de fazer do corpo, um corpo de luz.

Para tal, organizaremos nosso trajeto através da interlocução de três capítulos: 1) mediação, 2) meditação e 3) medi(t)ação. O pano de fundo, o *background* argumentativo partilha do solo comum permeado pela máxima da escalada da abstração[8] (FLUSSER, 2008) de que, para tomar consciência do mundo concreto, primeiro tomamos distância para melhor agarrá-lo por meio de abstrações do concreto. Subjetivamente secularizados e, portanto, distanciados da possibilidade de agarrar a experiência do divino, do ilimitado, pela banalidade do nível molecular da matéria, hoje desesperamos tal busca através de abstrações que, aqui se materializam sob a forma de dois contemporâneos meios de expansão do substrato biológico: mente e tela[9]. Mergulhando no vazio[10] do espaço cósmico e no vazio do espaço topológico,

---

[8] Diante do ímpeto de tomar consciência da concretude do mundo e, dele nos distanciarmos para melhor agarrá-lo, distanciamo-nos de tal modo que passamos a agarrar não mais coisas, mas sim abstrações de coisas sob a forma de "imagens técnicas" (FLUSSER, 2008). Como manifestações do mais alto grau de abstração em relação ao mundo concreto, imagens técnicas seriam, muito sinteticamente, imagens que prescindem da ação direta da mão humana através da mediação de aparelhos que funcionam tal qual caixas pretas: herméticas, automatizadas e programadas. Herméticas porque seus mecanismos de funcionamento se escondem em compartimentos fechados que alienam do usuário comum o *know-how* técnico implicado nos processos de produção da imagem. Automatizadas porque seu funcionamento calcula séries de coincidências em uma velocidade tal que não só ultrapassa como prescinde das decisões humanas. Programadas porque, longe de meros objetos, estas "máquinas de imagem" (BAIO, 2015) sedimentam em sua materialidade uma série de camadas de ordem social, econômica, política, cognitiva.

[9] Tal perspectiva da tela como expansão da mente e da imbricada relação entre mente e tela vem sendo fascinantemente trabalhada pelos pesquisadores alinhados à "Consciousness Studies". Em artigo publicado no livro "Screen Consciousness", Pepperell (2006), já de partida lança como título a questão: "*Where's the screen? The paradoxical relationship between mind and world*" a partir dos debates da Filosofia da Mente e Neuropsicologia em torno das concepções internalistas e externalistas de mente. Tudo apenas ressalta o quanto tal temática, ao contrário de recente, vem ganhando cada vez mais espaço de invenção, investigação e interlocução frente à contemporânea disseminação de telas *smart*.

procederemos uma arqueologia material tanto da mente quanto da tela a partir da proposta de uma arqueologia dos meios (PARIKKA, 2012). Enquanto método de investigação das "camadas profundas do corpo" (PARIKKA, 2012, p. 30) inscritas no campo não-visual de algoritmos, semicondutores e em tecnologias como Wi-Fi, Bluetooth, UMTS, EDGE, HSPA, GSM e GPS – e por que não, dos *cakras*? – escavaremos a presente manifestação disso que chamo por "desejo de onipresença". Desejo que somente pode ser tateado a partir de uma abordagem metodológica "de natureza bravamente transdisciplinar na qual as histórias alternativas às culturas dos meios são buscadas em alguma parte difusa nas fronteiras entre arte/ciência/tecnologia" (p. 14).

Inspirada pelos "estudos em arqueologia do poder e saber por Michel Foucault (1926-1984), nas primeiras escavações nos escombros da modernidade por Walter Benjamin (1892-1940), e na New Film History na década de 1980", bem como em "vários estudos que, desde os anos 1990, têm procurado compreender culturas do digital e do software com a ajuda do passado, um 'inconsciente' em camadas da cultura da mídia técnica"[11] (PARIKKA, 2012, p. 3), a arqueologia dos meios atrela a noção de arquivo (FOUCAULT, 2010d) à de aparato e Vê nas tecnologias mais que meras tecnologias: elas encarnam dispositivos complexos e ferramentas ao pensamento imersas em uma plataforma social de memória (PARIKKA, 2012) capazes de produzir afeto. "Afeto" que cada vez mais adentra o campo do cognitivo e emerge enquanto ferramenta estratégica para pensar as formas pelas quais corpo humano e mediação midiática entram em processos de simbiose (GRUSIN, 2010). Nesse sentido, falar nos processos cognitivos de agenciamento entre mente e tela implica em cutucar um controverso e acirrado debate: como aprendemos, apreendemos e empreendemos o entorno que nos impele e é ao mesmo tempo processado opticamente enquanto imagens feitas de raios (FLUUSER & BEC, 2011)? Nos relacionamos mentalmente com um mundo pronto e já dado ou o criamos a partir da relação entre mundo e processos sensoriais? Onde afinal estariam mente e tela naquilo que internamente imaginamos e tecnicamente exteriorizamos? Trazendo tais perguntas ao cerne da querela cognitiva sob a perspectiva da *"Screen Consciousness"*,

---

[10] Penetrar a dimensão do vazio é primordial porque, conforme Esposito (2003), para além do processo de transmissão de informação, comunicar implica em eminentemente mobilizar a produção do comum enquanto vazio: é neste nada, em meio ao território do não saber e do não atributivo, que se abre a possibilidade de criação de espaços e mundos capazes de colocar em jogo não o "entre" do ser, "mas sim o próprio ser como "entre".

[11] Tradução livre do original: "*Media archaeology has stemmed from various directions. These include inspiration offered by the studies in archaeologies of power and knowledge of Michel Foucault (1926-1984), the early excavations into the rubbles of modernity by Walter Benjamin (1892-1940), New Film History in the 1980s, as well as the various studies that, since the 1990s, have sought to understand digital and software cultures with the help of the past, a layered 'unconscious' of technical media culture*".

Pepperell (2006) situa a dialética corpo-mente a partir da clássica disputa entre as vertentes internalista[12] e externatista[13] (PEPPERELL, 2006). Porém, reconhecendo não só a impossibilidade, mas também a improdutividade de tomar partido de um lado em detrimento do outro, o autor lança mão para uma terceira via: uma via que abre as fissuras do paradoxo, da relação dos opostos complementares e da circularidade para explorar a relação entre tela, mente e mundo a partir de "modos de investigação transdisciplinares, buscando *insights* de todos os ramos das ciências humanas, ciências e artes, e talvez formas mais esotéricas de conhecimento que ainda não estão academicamente sancionadas"[14] (PEPPERELL, 2006, p. 194).

E por que não proceder uma análise deste fenômeno a partir da ciência experimental do yoga (FLUSSER, 2010) que há dezenas de milênios se utiliza do corpo para

---

[12] Mais conhecidos por cognitivistas ou computacionalistas, esta corrente defende que "o comportamento inteligente pressupõe a faculdade de representar o mundo de uma certa maneira" (VARELA, s/d, p. 30-31). Dessa forma, "a cognição consiste em agir na base de representações que têm uma realidade física sob forma de código simbólico num cérebro ou numa máquina" (VARELA, s/d, p. 31,). A crítica à abordagem cognitivista reside na ideia que a limita à resolução de problemas e na noção de que o mundo está dado e o que se faz é apenas representá-lo por meio de símbolos. Legitimada enquanto vertente hegemônica, tal linha parte da premissa de que "há muita evidência teórica e empírica para apoiar uma distinção entre experiência subjetiva interna e realidade objetiva externa e, portanto, uma visão internalista do modelo de mente. Porque este modelo requer uma relação indireta entre a mente e realidade onde a realidade é representada e não diretamente acessada no mundo exterior, ele pode ser entendido como uma forma de "representacionalismo". Dentro representacionalismo, percebemos as coisas diferentemente do que elas são" (PEPPERELL, 2006, p. 183).

[13] Contudo, apesar da predominância de modelos internalistas, Pepperell (2006) defende que também há fortes evidências sugerindo uma visão contrária: a de "que o desenvolvimento e operação da percepção, pelo menos em o caso da cognição visual, é totalmente dependente do envolvimento direto com a mundo externo" (PEPPERELL, 2006, p. 187). Nessa perspectiva, cognição está alinhada ao processo de enação que introduz o termo fazer-emergir, ou seja, o entendimento de que "estamos sempre imersos no mundo" (VARELA, s/d, p. 78). Aqui, a inteligência passa a ser entendida como a faculdade de "*penetrar* num mundo partilhado" (VARELA, s/d, p. 78). Nesse sentido, "o contexto e o senso comum não são artefatos residuais que possam ser progressivamente eliminados graças a regras mais sofisticadas. São, na verdade, a própria essência da cognição criadora" (VARELA, s/d, p. 78). Tal perspectiva implica no entendimento de que o conhecimento depende de uma conexão inseparável entre o ser/estar no mundo e nosso corpo, nossa linguagem e história social, ou seja, de uma corporificação ou *embodiment*. Segundo Pereira (2006), uma das ideias interessantes trazidas pela noção de *embodiment* é a aposta de que o "corpo atua como mais um dos agentes que compõem o conjunto de práticas culturais e subjetivas – a partir de características somáticas, fisiológicas e funcionais as mais variadas – e não apenas, como um produto de tais práticas". Nelas, o corpo atuaria como um elemento de pesquisa e um organizador social de afetos, vínculos, trocas e processos cognitivos, os quais implicam uma problematização do conceito de mente, como sendo um assunto puramente cerebral, e uma reconfiguração do que se entende por conhecimento científico. Um conhecimento científico que resgate o senso comum (SANTOS, 1995) na medida em que o processo cognitivo não pode ser entendido sem ele: senso comum não é nada além do que nossa história social e corporal. Disto resulta a conclusão de que mundo e mente estão em relação de mútua especificação e dependente co-originação (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991).

[14] Tradução livre do trecho: "The question of how mind and world relate is ultimately a metaphysical one that may never be definitively resolved. But it is a question that nevertheless remains central to all epistemological and ontological debates, and upon which all solutions will finally depend. In our quest to respond productively to these debates we will turn increasingly, I believe, to transdisciplinary modes of inquiry, seeking insights from all branches of the humanities, sciences and arts, and perhaps more esoteric forms of knowledge that are as yet to be academically sanctioned. In seeking to orchestrate knowledge from across several disciplinary fields this chapter is a microscopically small contribution to this larger project".

empiricamente dissecar os mecanismos cognitivos da mente? Não são poucos os escritos em que Flusser aliou mente e investigação dos meios técnicos sob a luz do ferramental iogue: obras como "Até a Terceira e Quarta Geração" (inédito), "História do Diabo" (2010), "A dúvida" (2011) e inclusive "O universo das imagens técnicas" (2008) dão alguns indícios do quanto a dialética de seu pensamento bebia na caudalosa filosofia-prática da meditação. Assim, honrando o trajeto biográfico-filosófico de Vilém Flusser, operacionalizaremos uma arqueologia dos meios da mente e da tela a partir da articulação de três eixos comuns no processo material de abstração do concreto: choque, ponto e ondas. Não casualmente, estas três regularidades discursivas[15] emergem tanto nas práticas de mediação quanto de meditação: elas cristalizam pontos de coincidência, recorrência e correlação entre produção social de realidade e fenômenos em princípio banais e dispersos no espaço-tempo. Contudo, tal como Flusser e Bec (2011a) exploraram os abismos que separam e aproximam humanos e a rara espécie do gênero octopodal *Vampyroteuthis infernalis* a partir de regularidades que se organizam em um jogo de simetrias, operaremos tais variáveis através da lógica formal de um espelho invertido (BERNARDO, 2011). Isto porque, se mediando, primeiro sofremos o choque entre ponta dos dedos e tela que permite habitar o universo imagético de pontos de *bits* e *pixels* de perfis irradiáveis via ondas através de antenas, meditando fazemos o exato contrário: há que primeiro contorcer por completo o corpo em *ásanas* e dietas de modo a sutilizar sua frequência vibratória, depois sentar para meditar de modo a equilibrar os pontos dos *cakras* e, por fim, eletrocutar-se em *samádhi*. Nesse jogo mimético, *Vampyrotuethis Infernalis*[16] serve também como inspiração para um percurso discursivo experimental no qual a narrativa pessoal e o exercício do imaginar servem de combustível à busca epistemológica: se Flusser inventa a "ficção filosófica" (FELINTO & SANTAELLA, 2012) enquanto gênero narrativo peculiar, não é simplesmente por apreciar a poeticidade das alegorias e do imaginário. Assentado na longa tradição, tanto filosófica quanto científica dos experimentos

---

[15] Longe de ser entendido enquanto aquilo que se fala ou um "fenômeno de expressão" (FOUCAULT, 2010b, p. 61), discurso aqui implica um território aberto de práticas no qual se busca "um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade" (idem). Desviando da ideia de discurso enquanto meras palavras, frases ou proposições, ele "apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria" (FISCHER, 2001, p. 200). Assim, para além da análise dos conteúdos léxicos, da estrutura semântica e da linguística dos signos de palavras ou coisas, o discurso em Foucault "é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse 'mais' que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (FOUCAULT, 2010a, p. 55).

[16] Nesta obra, Flusser e Bec (2011) fazem um exercício imaginativo que busca, beirando as dicotomias que separam e aproximam humanos e a rara espécie do gênero octopodal Vampyroteuthis infernalis, espelhar a existência humana a partir da óptica deste animal que vive onde morremos e que morre justamente onde o viver nos é permitido.

mentais, Flusser, assim como Foucault[17] (1994), traz à superfície um percurso metodológico singular: a aliança entre o rigor da ciência às potencias exploratórias da imaginação.

Assim, com o intuito de dar visibilidade aos modos de programação que impactam os mais animais afetos do corpo humano, coreografaremos o projeto de uma morfologia *vampyroteuthica* entre corpo iogue e corpo *smartphone* a partir de uma estrutura de sustentação mútua: das práticas de meditação, construiremos uma sistemática processual à assistemática prática da mediação; das práticas de mediação, levaremos a oscilação inerente aos processos técnicos de abstração do concreto à sistematicidade das práticas de meditação. Como pilares em mútuo apoio, não há como entender um capítulo sem o outro pois, flusseriando a meditação da mente e estruturando a mediação da tela, seguiremos rumo ao terceiro e último capítulo no qual mente e tela enfim materializam a sede de onipresença diluindo-se rumo à conquista do ilimitado: o perfeito e onipresente modelo do corpo ressurreto de Cristo (ROMANDINI, 2012). Como "resultado de um primeiro experimento verdadeiramente técnico-biológico da zoopolítica divina" (ROMANDINI, 2012, p. 187), o Messias consagra em sua ressurreição o poder da imortalidade: "homem e Deus, nascido (*natum*) e não nascido (*non natum*), carnal (*carneum*) e espiritual (*spiritalem*), débil e fortíssimo, morrente (*morientem*) e vivente (*viventem*)" (TERTULIANO apud ROMANDINI, 2012, p. 130). "Com efeito, que outra coisa é *tecnicamente* um ressuscitado senão um morto-vivo?" (ROMANDINI, 2012, p. 127). E diante da distenção zoopolítica do binômio vida/morte em prol da criação de modos de sobrevida que alteram a própria matéria daquilo que se entende por corpo, investigaremos no cruzamento entre mediação e meditação os germes para a ascensão dos contemporâneos corpos de luz.

Para tal, daremos visibilidade à manifestação do desejo de onipresença a partir daquilo que autores como Hayles (2006) e Thrift (2004) abordam por inconsciente tecnológico, isto é, uma série de hábitos cotidianos iniciados, "regulados e disciplinados por múltiplos estratos de dispositivos tecnológicos e invenções, variando de um artefato tão comum quanto um relógio de pulso aos efeitos extensivos e pervasivos da World Wide Web"[18] (HAYLES, 2006, p.

---

[17] Em 1977, quando entrevistado por Lucette Finas para *La Quinzaine Littéraire*, Foucault deu uma categórica resposta quando questionado acerca do caráter ficcional relacionado a seus textos: "Quanto ao problema da ficção, ele é para mim um problema muito importante; eu me dou conta claramente que nunca escrevi nada senão ficções. Eu não quero dizer por isso que estas estejam fora da verdade. Me parece que é possível aí fazer trabalhar a ficção na verdade, induzir efeitos de verdade com um discurso de ficção, e de fazê-lo de tal forma que o discurso de verdade suscite, fabrique qualquer coisa que não existe ainda, e assim "ficcione". "Ficciona-se" a história a partir de uma verdade política que a torna verdadeira, "ficciona-se" uma política que ainda não existe a partir de uma verdade histórica".

[18] Tradução livre do trecho: "*the everyday habits initiated, regulated, and disciplined by multiple strata of technological devices and inventions, ranging from an artifact as ordinary as a wristwatch to the extensive and pervasive effects of World Wide Web*".

138). Entranhado em práticas como as de "*scrolling*, interação com vozes computadorizadas, conversas e mensagens de texto em telefones celulares e pesquisas na *web* para encontrar qualquer informação necessária ao momento"[19] (HAYLES, 2006, p. 140), tal desejo de existir para além dos limites do próprio corpo cada vez mais se entrelaça ao inconsciente técnico de aparatos inteligentes. E neste amálgama de sistemas cognitivos técnico-nervosos capazes de modular efeitos e afetos ao humano comportamento, a repetibilidade e banalização de certos ímpetos de mediação usualmente "caem abaixo do limiar da atenção consciente"[20] (idem). Não por acaso, Grusin (2010) sustenta que inúmeros gestos incorporados às nossas práticas midiáticas escapam à ordem do conhecimento que se sabe que conhece "não porque foram reprimidos ou sublimados, mas porque são ocultados, invisíveis ou não reconhecidos nas práticas cotidianas das quais participamos e tomamos como dadas"[21] (GRUSIN, 2010, p. 71). Como então trazer à superfície aquilo que não está na ponta do *iceberg* e, ao mesmo tempo, manifesta-se através de práticas cada vez mais automatizadas?

Para dar conta disso que escorre pelos porões do inconsciente, e, portanto, do oculto, despercebido e não reconhecível, aproximaremos o desejo de onipresença nas práticas de mediação às de meditação. E como todo empreendimento arqueológico requer um delicado percurso, realizaremos tal escavação material da relação entre mente e da tela a partir do campo da experiência. Experiência, termo do latim, "*experientia*", composto pela união do prefixo "*ex*" (separação do interior) à raiz "*peri*" (tentar, arriscar) e ao sufixo "*entia*" (qualidade de um agente) e relacionado à qualidade de provar ou experimentar a partir de certas práticas e elementos. Nesse sentido, "experiência, como sua etimologia sugere, é uma passagem contínua por riscos e perigos" (SHUSTERMAN, 1998, p. 267) que trazem à tona a articulação de três eixos vitais: "primeiro, as formas de saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis" (FOUCAULT, 2011a, p. 4). Não por acaso Foucault dirá que "o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar" (FOUCAULT, 2011b, p. 28). Posicionando a "experiência como matriz para a formação" (p. 6) daquilo que Foucault, no

---

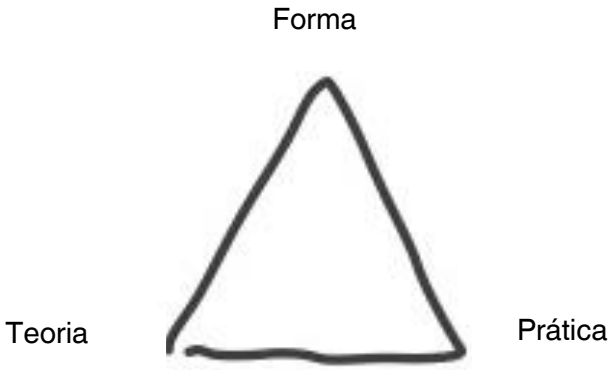
[19] Tradução livre do trecho: "*Human cognition increasingly takes place within environments where human behavior is entrained by intelligent machines through such everyday activities as cursor movement and scrolling, interacting with computerized voices tress, talking and text messaging on cell phones and searching the web to find whatever information is needed at the moment*".

[20] Tradução livre do trecho: "*Enmeshed within this flow of data, human behavior is increasingly integrated with the technological nonconscious interacions, and a wide variety of other cognitive activities that are habitual and repetitive and that therefore fall below the treshold of conscious awareness*".

[21] Tradução livre do trecho: "*That is, in addition to those "unknown knowns" that resides in our unconscious there are any number of other unknown knowns built in to our media practices in ways that we are not aware of, in ways that we do not know - not because they have been repressed or sublimated but because they are concealled or invisible or unrecognized in everyday practices that we participate in and take for granted*".

transcurso entre vida e obra, denominou por saber, poder e ética de si, procederemos metodologicamente o estudo do impacto sensório-material, dos afetos medi(t)ados através da experiência do próprio corpo-pesquisador. Corpo aqui faz-se cobaia do próprio experimento[22] e que, frente à angústia de viver uma vida mediada por distâncias, encontrou no Facebook mais que um mero entretenimento: nele estão condensadas também regularidades, padrões afetivos inconscientes capazes de cristalizar um amplo espaço para a análise social dos atuais modos de inscrição do "eu".

Figura 3 – tripé metodológico



Assim, lançando mão de uma tríade metodológica que teoricamente alia uma arqueologia dos meios (PARIKKA, 2012) à experiência (FOUCAULT, 2011a) de uma etnografia sensorial (PINK, 2009) organizada formalmente através de um jogo *vampyrotheutico* de analogias que se complementam tal qual um espelho invertido (BERNARDO, 2011), buscaremos no cruzamento entre práticas de mediação e meditação atender ao pedido daquilo que Flusser urgia por "fenomenologia do corpo" (FLUSSER, 1974, p. 2). Fenomenologia que, no ímpeto de agarrar os modos de abstração da experiência concreta do real, lança-se a um radical mergulho: o mergulho tanto no inconsciente coletivo exteriorizado na tela quanto no inconsciente individual interiorizado na mente. Por este motivo, menos que confissões, o uso da primeira pessoa do singular procura aqui lançar provocações. Provocações que convidam o leitor-cúmplice a implicar-se enquanto co-autor de

[22] Não por acaso, a palavra "experimento" repetidamente aparece em diversos textos relacionados ao campo de investigação dos afetos. Em sintonia com o desafio lançado pelo livro "*Affective Methodologies*" de investigar de forma pragmática e discutir "possíveis maneiras (1) fazendo perguntas de pesquisa sobre o afeto, (2) produzindo 'dados incorporados' para pesquisas de influência qualitativa, e (3) identificando traços afetivos de processos em material empírico" (KNUDSEN & STAGE, 2015, p. 3), a inventividade do método emerge enquanto uma "particular analítica da experimentação primariamente performativa" (BLACKMAN, 2015, p. 26). Performativa porque, ao espremer e extrair a substância do conceito de performance "encontraremos sempre um elemento irredutível, a ideia da presença de um corpo" (ZUMTHOR, 2007, p. 38).

narrativas de si nos atuais jogos de mediação: como diria Didi-Huberman (2012, p. 15) "para saber é preciso imaginar-*se*". É neste processo de imaginação de si e de implicação da subjetividade como condição de abertura à alteridade do saber que o "eu" enquanto recurso argumentativo visa, no processo de partilha da experiência do corpo-pesquisador, lançar luz à experiência de qualquer outro "eu" que se veja seduzido pelo hoje tão irresistível desejo de ir além da presença física do substrato biológico: "você" torna-se "eu" tanto quanto "meu" corpo for também "seu" corpo.

Corpo anônimo que, à mercê dos processos de "saturação do sistema perceptivo no novo ambiente metropolitano" (FELINTO e PEREIRA, 2005, p. 86) é aqui posicionado enquanto primeira mídia (FELINTO e PEREIRA, 2005; PEREIRA, 2006) e "objeto fundamental da proposição epistemológica que se aventa para os estudos em comunicação" (FELINTO e PEREIRA, 2005, p. 88-89). Corpo que aqui se faz palavra e se materializa através da relação entre tela e mente e seus respectivos impactos no corpo a nível fenomenológico e sensório-cognitivo: afetos, desejos, sensações diretamente implicadas ao um elaborado sistema de glândulas, secreções hormonais, sinapses nervosas e vórtices energéticos ou "*cakras*". Isto porque, enquanto superfície de inscrição dos acontecimentos[23], "o corpo – e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros" (FOUCAULT, 2011, p. 22). Por isso que, menos que trabalhar a partir de um conceito pré-conceituado de "afeto", entraremos em sintonia com o chamado "Affective Turn" (CLOUGH & HALLEY, 2007) que se debruça sobre a *matéria da matéria* para pensar como as formas de auto-organização dos corpos implicam em "capacidades corporais para afetar e ser afetado ou o aumento ou diminuição da capacidade de um corpo de agir, de se engajar, de se conectar"[24] (CLOUGH, 2008, p. 2). Capacidades que, tal como propõe Hardt (2015) "além de obviamente chamar a atenção para o corpo e para as emoções" (p. 1), produz um deslocamento importante: "o desafio da visada afetiva reside primariamente na síntese corpo/mente que essa perspectiva requer, ao envolver tanto a razão quanto as paixões" (idem) em "uma nova ontologia do humano" (p. 8).

---

[23] Cabe ressaltar que Foucault (2011) entende por acontecimento "não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada" (p. 28). Desse modo, o autor instaura os acontecimentos enquanto uma instância imanente aos jogos de forças que tensionam embates e disputas no exercício do poder.

[24] Tradução livre do trecho: "*bodily capacities to affect and be affected or the augmentation or diminution of a body's capacity to act, to engage, to connect*".

Por fim, oscilando a palavra em sua função ao mesmo tempo analítica e performática, representativa[25] e ficcional[26], o leitor - seja ele acadêmico ou não acadêmico – é incitado a ocupar o lugar tanto de espectador como de partícipe desta diegese aberta à completude do vazio do outro que lê e permite se afetar pelo lido de modo único e singular. Após mais de quatro anos intuitivamente salvando, coletando e arquivando toda espécie de *posts* publicados no *newsfeed* da dita rede social[27], após ver-me a mim mesma capturada pelo deslumbre mediativo que se transformou em vício, recorreremos aos mestres da mente humana - os iogues tântricos - para, na obsessão da vontade de iluminação, traçar pontes sensório-cognitivas que conectam mente e tela, tela e mente à sede de onipresença que hoje convoca à expansão daquilo que se experiencia por corpo. Que na partilha desta experiência-limite (FOUCAULT apud O'LEARY, 2008) na qual o sujeito, em meio ao processo de estranhar-se, afasta-se de si mesmo para não mais voltar a ser o que era antes encontre, no leitor, também um companheiro de leitura aberto a tornar-se "outro".

---

[25] A noção de representação implica em um polêmico debate. Nas Artes, por exemplo, muitas vezes a noção de "apresentação" emerge como saída ao conceito de representação, entendida como algo da ordem da cópia. Segundo Hall (1997), representar "é a produção de sentido através da linguagem", ou seja, através de signos diversos utilizados para criar pontes de comunicação com o outro. Sentido não como uma abstração: ele é enraizado e produzido em meio às práticashistóricas de uma época. Desse modo, Hall (1997) assinala a existência de dois sistemas, diferentes, mas relacionados, de representação: um primeiro, cria um mapa conceitual por meio da elaboração de cadeias de correspondências e equivalências entre coisas e conceitos; um segundo, constrói uma série de correspondências entre o mapa conceitual constituído e uma série de signos que possibilitam a emergência de uma linguagem, ou seja, signos organizados em múltiplas relações. Para Michel Foucault (1989), Georges Didi-Huberman (2012) e Jaques Rancière (2012), representar, não mais diz respeito àquilo que é da ordem da cópia, do realismo e da figuração. Não está mais em questão ser contra ou favor da representação, mas sim estar atento ao *como* diferentes modos de representar implicam em regulagens do sensível e arranjam nossa relação com aquilo que se coloca na ordem do visível e do invisível, do pensável e do impensável, do representável e do irrepresentável. Colocando em xeque as divisões estabelecidas tanto pelo regime mimético quanto pelo regime estético (RANCIÈRE, 2012), trabalharemos a partir de uma terceira via: incluiremos o espanto do irrepresentável como parte de uma *dinamis* representacional inerente ao processo de produção de saber (MOZZINI-ALISTER, 2017).

[26] Pensar a linguagem em sua dimensão ficcional implica em operá-la não apenas como uma mediadora neutra que fala *sobre* as coisas, mas sim enquanto força política capaz de produzir realidade e efeitos *no* mundo. Ou seja: em vez de "descrever o plano dos fatos, a linguagem, em continuidade com ele, passa também a construí-lo. E, pode-se acrescentar que, se existe ação dos signos sobre o mundo, o inverso é também verdadeiro" (TEDESCO, 2008, p. 119-120).

[27] Mesmo com um *corpus* de mais de 600 *posts* salvos, analisados e catalogados a partir de publicações dispostas em meu *newsfeed*, por questões éticas eles serão tanto protegidos de sua identificação pessoal quanto divulgados de forma a respeitar a intimidade alheia, trazendo à luz seu caráter problematizador através de imagens, informações, declarações amplamente compartilhadas em rede. Os *posts* que aqui aparecem identificados dizem respeito à divulgação social de trabalhados artísticos e passaram pelo devido processo de autorização para tal.

1 **MEDIAÇÃO E PROCESSO DE EXPANSÃO EXTERIOR**

Janeiro de 2014. Pela primeira vez, toco uma superfície *touchscreen*. Antes, meu celular tinha teclas, botões de plástico que eu apertava para que ele me mostrasse na tela os comandos por mim enviados. Ele era um celular do tipo "*dumb*": não fazia *download* de aplicativos, não acessava a internet e, para enviar mensagens de texto, eu tinha que pressionar várias vezes os mesmos botões para que as letras do alfabeto ali distribuídas entre números e símbolos virassem palavras. Meu dia claramente se dividia entre tempo *off-line* e tempo *online*. Se me mandassem um *e-mail* ou algo no Facebook, eu só os responderia quando chegasse em casa e ligasse o computador. Não mais. Com a entrada daquele dispositivo que me ofertava apenas uma tela enquanto interface, tive que aprender a manejar todo um novo universo de botões que agora viravam imagens a serem tocadas. Livre de ter que repetidamente fazer pressão sobre teclas, agora suavemente deslizava meus dedos em um cristal que me obedecia e imediatamente entregava todas as minhas demandas não mais restritas a ligações e mensagens de texto. Tanto meus gestos quanto o ritmo de meu comunicar não eram mais o mesmo: a partir de então eu podia configurar meu aparato "*smart*" para receber *e-mails* em tempo real, e o Facebook, passou a ser acessado através de um "aplicativo" que insistentemente dedurava a quantidade de atualizações adicionadas a meu perfil no exato instante em que aconteciam.

Meio que por osmose, sem um grande e consciente momento de escolha, a mediação entrou na minha vida. Osmose sutil, como a osmose publicitária que não me obrigava a aderir aos seus imperativos de felicidade exclamando: "compre agora um celular com tela fotossensível e internet e baixe aplicativos de redes sociais!". Ela apenas me incitava[28], seduzia, docemente sussurrava em todos os *outdoors*, comerciais de televisão, propagandas de jornais, embalagens de produtos, cantos de vídeos no YouTube e anúncios provenientes de meus rastros digitais[29]: "você pode ser mais feliz, você pode ser mais que seu corpo, você

---

[28] É importante ressaltar que tal presença, ainda que contínua, não implica, de forma alguma, em uma espécie de obediência passiva aos incitamentos publicitários, pois "os efeitos da publicidade nos modos de ser não se produzem porque ela obriga as pessoas a fazer algo que, no seu íntimo, realmente não desejam. Tais efeitos são *da ordem do incitamento*, já que o discurso publicitário pauta formas de pensar, sentir, se divertir, cuidar de si, consumir, e assim por diante, evidentemente associando-os a produtos/serviços" (HENNIGEN, 2011, p. 5).

[29] Tais estratégias de utilização de protocolos de uso da *web* para personalização de anúncios está presente não só em redes sociais, mas também em sites de pesquisa e de *e-mails* como o Google e o Gmail tendo em vista que "o monitoramento de informações e ações dos indivíduos no ciberespaço é intrínseco a qualquer motor de busca, fazendo parte do seu funcionamento e eficiência" (BRUNO, 2010, p. 158). Nesse sentido, um rastro digital pode não só ser entendido como um "vestígio de uma ação efetuada por um indivíduo qualquer no ciberespaço" (BRUNO, 2012, p. 5), mas também por processos automatizados, realizados por robôs e

pode ser ilimitada se conectada a isso que te oferecemos: mas a escolha é sua". Eu queria "ser conectada". Eu queria ser mais que meu corpo. Eu queria ser ilimitada. Eu tinha receio de "ficar para trás" e me sentir um peixe fora d'água. E vendo que "todos" ao meu redor já sabiam o que era isso, eu também quis ser "parte". Tinha cansado de ter que dar explicações sobre os irônicos comentários em torno do atraso de meu celular menos "*smart*" e de, por isso, me sentir "fora", "isolada", "desconectada" daquilo que tantos pareciam fascinadamente comungar. Ainda que a contragosto e desconfiada, eu cedi. Cedi tanto aos imperativos publicitários quanto à pressão social até que, lá estava eu, desbravando os dedos em uma tela escorregadia que me abria os portais ao aplicativo do Facebook.

Fui iniciada ao "Facebook" em 2009, durante o intercâmbio acadêmico com a Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina. Enquanto para mim ele soava como "a última das novidades", os estrangeiros com quem fiz amizade nesse período já a surfavam aquela "nova onda" há algum tempo. Eu era adepta ao "Orkut", rede social do Google que era febre no Brasil. Dentro de minha ingenuidade, eu pensava que o Orkut era "a" rede social que congregava pessoas do mundo inteiro. Mas, de novo, não: os amigos gringos mais descolados usavam o *site* criado em 2004 por Mark Zuckerberg. E como eu queria manter o contato com aquelas amizades quando cada um voltasse para seu canto, criei um outro perfil de rede social. No começo, eu não entendia bem seu funcionamento nem o que eram as tais de *timeline* ("linha do tempo") e *newsfeed* ("alimentador de notícias"). Mas não demorou muito para que aquela nova arquitetura se tornasse familiar e eu não só contatasse os amigos feitos em terras *hermanas*, mas também os amigos de colégio e de faculdade que aos poucos migravam do Orkut para o Facebook. Tal debandada de perfis foi tão feroz que o Orkut deixou de ser território febril: morno e pouco acessado, extinguiu-se em 2014 em sintonia com minhas primeiras incursões de dedos sobre telas sintonizadas à onda *facebookiana* de conexão.

Desde então, a ação de mediar me levou a um outro estágio de conectividade: eu não só podia manter contato com aqueles que não mais estavam perto, reencontrar amigos de infância e adicionar pessoas que ia encontrando vida afora como fazia isso com o simples deslizar da ponta dos dedos sobre uma superfície macia, lisa, que parecia me acarinhar. Mais do que pressionar os botões de clique em um *mouse* e apertar letras de um teclado quando chegasse em casa, fazer o remoto *login* a meu perfil pelo "*app*" do Facebook naquele móvel aparato era, também, dotar a ponta do meu dedo com um poder: com aquele mínimo e tão

---

metarrobôs através de sofisticadas programações de algoritmos. Todavia, não há como estar *online* e não deixar rastros[29] – a não ser quando se efetuam as providências para tal –, pois eles acompanham toda e qualquer ação que se efetue na medida em que "quanto mais se deseja inscrever presenças na rede, mais rastros involuntários são deixados" (p. 7).

rápido gesto, abria-se a mágica possibilidade de estar junto de todos que não estavam ao meu lado. Ao fazer do mundo uma miniatura acessível (BENJAMIN, 1985) ao suave deslizar dos dedos, aquele dispositivo e sua interface de cristal repleta de imagens passaram a exercer sobre mim uma tremenda atração. Eu queria me fundir com a tela, unir-me com a rede, ser um com o todo. Era difícil controlar a ânsia em estar ali, sempre acessível e com livre acesso a todos com quem cruzei em vida: a nítida sensação de que um mundo de coisas aconteciam enquanto eu me desconectava para comer, dormir, ler, escrever, sair e meditar fizeram com que eu passasse a fazer todas essas atividades em paralelo, com o celular logo ali ao lado.

Aos poucos, passei a cada vez mais desejar também estar presente naquele espaço que me levava além do espaço ocupado pelo meu corpo - e pelo jeito, estou longe de ser a única: segundo o Instituto Kantar, líder mundial em mensurações estatísticas, a quantidade de vezes que usuários entre 17 e 25 anos nos Estados Unidos destravam a tela de iPhones para checar seus aparelhos é, em média, 123 vezes por dia. Ou seja: cerca de oito vezes a cada hora acordado, contando as horas de sono e sem incluir o período de tempo que se fica após o desbloqueio. "Se você é um jovem adulto e possui um iPhone, as únicas ações físicas que você pode realizar mais vezes por dia do que verificar o telefone são respirar, engolir saliva e piscar", diz a reportagem do Portal Uol Tecnologia[30]. Já no Brasil, outra pesquisa conduzida pela Global Mobile Consumer Survey indicou que a média de desbloqueios do celular ao dia é de 78 vezes, e que "logo nos primeiros cinco minutos após o despertar, 57% dos brasileiros já estão com ele em mãos"[31], prontos para executar três atividades principais: tirar fotos (67%) acessar redes sociais (55%) e visualizar vídeos curtos (40%). Ou seja: tocar imagens. O que tanto estaríamos a buscar na tela? Como esse incontrolável desejo por mediar fornece pistas sobre os modos de expansão do substrato biológico? E de que forma o tão instantâneo processo de mediação manifesta a sede de onipresença?

Diante de tais questões, daremos largada rumo à primeira das antropotecnias a serem aqui estudadas: mediação. Inspirados pela filosofia fenomenológica da imagem proposta por Vilém Flusser, investigaremos a sede de ilimitado modulada por telas de *smartphones* sintonizadas em aplicativos de redes sociais, mais especificamente, ao Facebook. A razão de tal escolha deve-se ao fato de esta ser hoje a plataforma com maior número de usuários cuja declarada missão visa a todos englobar. Mapeando o desejo por conexão enquanto um meio de conexão com o toque divino, procederemos a uma arqueologia material da tela ao longo de

---

[30] Reportagem completa em: https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/10/04/jovens-adultos-checam-iphone-em-media-123-vezes-por-dia-diz-pesquisa.htm, acesso em 25/04/2017.

[31] Reportagem completa em: http://exame.abril.com.br/tecnologia/brasileiros-consultam-celular-78-vezes-ao-dia/, acesso em 25/04/2017.

três etapas: na primeira, estudaremos o processo de simbiose energética do choque pelo toque entre dedos e plano que produz o aparato enquanto um corpo; após, mapearemos o percurso de animação do corpo do aparato pela duplicação de si enquanto ponto de perfil; por fim, visibilizaremos como os processos de irradiação entre pessoa e perfil, corpo e corpo do aparato a partir de métodos de interação social que visam fundir a mente individual na Grande Mente do Facebook. Esperamos que, com esta empreitada, possamos lançar luz sobre os modos de aproximação entre corpo e luz a partir do estudo dos atuais mecanismos de eletrocutação do corpo.

1.1 **Telas e choques**

O fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos.

Vilém Flusser

Em março de 2013 eu finalmente terminava o mestrado. Foram dois intensos anos de muito trabalho, às cegas tateando o estudo de como a publicidade estava constituindo a conexão digital enquanto um novo universal: eu havia me tornado uma feroz crítica dos imperativos de felicidade mercadologicamente diluídos em anúncios que propunham uma vida melhor vivida porque conectada (MOZZINI-ALISTER, 2019). "Vida conectada", ou seja, vida que se deleita nas mil possibilidades abertas pela conexão digital através de um *smartphone* com tecnologia *touchscreen*. Em meio ao imenso e heterogêneo amálgama que posicionava a possibilidade da "conexão digital" a partir da ascensão de culturas ou eras do digital (SANTAELLA, 2003), do acesso (RIFKIN, 2001; SANTAELLA, 2003; CANCLINI, 2009) e da conexão (WEINBERGER; LEMOS, 2004b), da constituição de uma cibercultura (LÉVY, 1999; LEMOS, 2004a, SANTAELLA, 2003), de uma galáxia da Internet (CASTELLS, 2003) e de uma monocultura informática (CAZELOTO, 2010), diversos espaços de inscrição social dos sujeitos impulsionavam a um novo ímpeto. Eu ainda não tinha aquele mágico aparato portátil capaz de sintonizar frequências de *wireless* que prometiam me "conectar ao mundo" na velocidade "de um piscar de olhos". Eu era parte dos 64% que, no Brasil, ainda não estavam devidamente incitados à conexão digital e não só faziam uso de "celulares básicos"[32] e acessavam as redes sociais de casa. Talvez por isso fosse mais fácil adotar a postura crítica e apontar os regimes de verdade implicados no processo de

[32] Dados recolhidos na reportagem do link: http://tecnologia.ig.com.br/2013-01-18/entre-os-celulares-usados-no-brasil-36-sao-smartphones-diz-nielsen.html. Acesso em 10/01/2018.

interiorização do discurso publicitário: eu estava a uma distância segura e blindada tanto de *smartphones* quanto do Facebook. Depois de ter revirado a política de uso da dita rede para escrever a dissertação, eu achava simplesmente patético o modo como gratuitamente para ela trabalhávamos postando sorridentes fotos acompanhadas de frases de efeito para lograr algumas curtidas e um certo *status* social.

Mas como bem avisa a sabedoria dos ditos, "tudo na vida vai e volta" e, amargamente, tive que engolir aquele sentimento de superioridade disfarçado enquanto postura crítica. Cansada de ter tido que tanto furunfar o Facebook para dar conta daquilo que a publicidade trazia enquanto material de análise, resoluta desativei meu perfil por tempo indeterminado. E foi aí que uma inesperada reação novamente trouxe a dita rede social ao centro de meus afetos. Consternado pelo sumiço de meu perfil, meu parceiro à época soltou uma contundente sentença: "senti como uma morte". Há dois anos e meio mantínhamos a relação à distância e agora que estávamos finalmente juntos, ele me soltava essa frase "*nonsense*": por que sentir saudade de algo que está logo ali ao lado? Nem mesmo o erudito doutor em Filosofia formado nos Estados Unidos pôde evitar ficar desnorteado por uma estranha sensação de luto. Alguns meses depois desse episódio, já de volta à rede social, a relação de sete anos terminou. Ver todas as fotos que tínhamos em conjunto serem drasticamente apagadas causou uma sonora crise de choro. Eu estava em choque: junto com a falência de meus planos amorosos e o cansaço acumulado pelo estresse do mestrado, vinha a notícia da reprovação na seleção de doutorado em Comunicação na UERJ, o fim do período de trabalho como arte-educadora na Bienal do Mercosul, a despedida de oito anos de vida em Porto Alegre e a volta a morar na casa dos pais depois de tanto lutar por independência. Tudo que parecia estável, do nada desmoronou. Eu não passava fome ou sede, não tinha uma doença terminal nem carecia de um teto, mas havia em mim um rombo no peito. Um rombo suficientemente sem fundo para tornar minha vida um incontrolável mar de lágrimas: tomada pelo desespero de não mais me sentir em meu corpo, tornei-me mais uma a integrar a enorme estatística de depressivos mundo afora.

Figura 4 – Coleta de postagem sobre depressão

Foi nesse momento que tive em mãos meu primeiro *smartphone*. A sensação de não me sentir suficiente como pessoa aliada ao sentimento de insuficiência tecnológica passaram a incomodar: eu ainda acessava todos aqueles sorridentes perfis de Facebook pelo apertar de um *mouse* plugado a uma tela de computador. Ironicamente, também queria experimentar aquilo que a publicidade propagandeava como "a nossa forma do infinito" (VAZ, 2010, p. 201), que artistas como Roy Ascott (2010) diziam ser o espaço onde "nós podemos realmente voar" (p. 245) e que todos pareciam gozar em *selfies* compartilhadas em tempo real. Resgatada da fossa, "reconectada" comigo mesma depois de uma semana imersa em um miraculoso retiro de meditação, eu desejava digitalmente "conectar-me" com o mundo e de vez deixar para trás aquela Camila "atrasada" que padecia em lágrimas. E despois do retiro, a vida só parecia melhorar: o doutorado que então me reprovara, convocou-me no último momento. Alguém havia desistido e dado vez para que eu entrasse. Doutoranda, residente da sonhada "Cidade Maravilhosa", sem mais crise existencial e de posse de um novíssimo *smartphone*, agora eu apenas ansiava por compartilhar na rede que tanto condenei o fortuito golpe de destino de volta à felicidade. Contudo, ao me entregar a este ímpeto por extroversão, sem perceber, dei vazão ao primeiro vetor de expansão e desconstrução da forma física do substrato biológico: a expansão exterior.

Quais os procedimentos técnicos deste modo de expansão? Para enfrentar tal interrogante, é preciso dar continuidade ao projeto de deciframento de planos. Planos, ou seja,

telas, suportes mnemônicos, superfícies de inscrição material da imagem. Estruturas sem profundidade, bidimensionais, apenas com altura e largura. Planos que hoje se manifestam sob a forma de telas de telefones *smart* capazes de nos "conectar ao mundo" pelo reluzir de imagens que fazem apenas uma exigência: a de que também conectemos a energia da ponta de nossos dedos à energia dos circuitos eletrônicos do aparato a partir de um choque. Choque sutil, instantâneo, automático[33]. Mas necessário caso queiramos penetrar o mágico reino reservado à partilha social de felicidade chamado "Facebook". Pode parecer difícil enxergar alguma dimensão de processo no deslizar de dedos sobre telas justamente por esse ser um gesto, assim, tão imediato e fugidio. Sem muito esforço, pelo mínimo movimento de dedos hoje realizamos o sonho recalcado no trauma de Narciso: ver a nitidez da própria imagem sem correr o risco de nela se afogar pelo ardente desejo de agarrá-la. Mas adicionamos também com um novo traço de requinte: o desejo de agarrar a imagem de si se combina ao desejo de remotamente se conectar à imagem de outros espalhados por aí, casa, rua, cidade, estado país, continente, globo afora por meio de "redes sociais"[34]. Quais serão as técnicas que permitem por fim às distâncias que apartam a conexão de meu "eu" individual a todos os outros "Nós" da rede[35]?

---

[33] O conceito de choque, no século XIX, estava relacionado ao treino dos corpos à vida na urbe por meio da velocidade das imagens do cinema e dos rompantes dos parques de diversão (CRARY, 2010). Contudo, hoje o choque deixa de ser psíquico e se torna literal: toque e choque umbilicalmente se atrelam nas práticas de mediação ao passo que a ascensão da tecnologia *touch* se transmuta em gesto banal, corriqueiro e recorrente.

[34] É interessante ressaltar que a noção de rede social é bastante anterior à existência de qualquer *site* com formato como os do Orkut, Facebook ou Twitter na medida em que o que hoje comumente se entende por redes sociais já existia antes mesmo do surgimento da própria internet. Circunscritas aos estudos antropológicos e sociológicos a partir da década de 1950, teóricos como J. A. Barnes, J. C. Mitchel, P. Bourdieu e J. S. Coleman trabalharam exaustivamente e com as mais diversas abordagens em relação ao conceito. De modo geral, um núcleo comum dentre tantas linhas teóricas se refere às redes sociais como um estudo dos processos de pertencimento a certos grupos e categorias. As redes sociais estariam, então, diretamente associadas à acumulação de capital social, ou seja, às vantagens e benefícios individuais que se obtém através da inserção nestas comunidades de convívio e participação. Entretanto, desde a ascensão da *web* e da explosão nos anos 2000 de diversos *sites* também denominados redes sociais, a formação de capital social ganhou novos contornos visto que "a internet, muitas vezes, constitui-se uma via alternativa para o envolvimento em grupos sociais. A mediação pelo computador, assim, seria uma via de construção do capital social, permitindo a indivíduos o acesso a outras redes e grupos" (RECUERO, 2009, p. 52).

[35] Não são poucos os estudiosos que identificam na noção de rede um "receptor epistêmico ou um cristalizador" (MUSSO, 2010, p. 17), uma "figura empírica da ontologia do presente" (KASTRUP, 2010, p. 88), uma "espécie de paradigma e personagem principal das mudanças em curso" (PARENTE, 2010, p. 92), um "espaço-rede, dinâmico, infinito, configurando-se na dinâmica das associações" (LEMOS, 2012, p. 2). Historicamente, a noção de rede é bastante antiga: no oriente, há o milenar legado do pensamento holístico que concebe a interligação entre vida e cosmos como uma unidade inseparável. No contexto ocidental, Musso (2010) assinala três movimentos principais: um primeiro seria a ideia de rede como um objeto externo ao corpo, exemplificado através da noção francesa de *réseau* enquanto redes de pesca, caça e tecidos e malhas que envolvem o corpo. O momento em que as redes adentram tanto as estruturas e tecidos do corpo quanto aparecem em formas da natureza como cristais e minerais traz um segundo movimento. Já o terceiro seria a grande ruptura que faz advir a noção de rede na passagem do século XVIII ao XIX, quando esta sai do corpo e das formas da natureza e se apresenta como algo que pode ser construída artificialmente em relação ao espaço. O processo de exteriorização das redes enquanto artefatos técnicos se intensifica ainda mais a

Já dirá Flusser (2008) que, diante do ímpeto de tomar consciência da concretude do mundo e dele nos distanciarmos para melhor agarrá-lo, distanciamo-nos de tal modo que passamos a agarrar não mais coisas, mas intermediários de coisas. Ou seja, ao invés de criar um círculo pela união das extremidades de um fio para dele nos aproximarmos, escrevemos a palavra "círculo", designamos a tal junção de letras um fonema a ser pronunciado e, por fim, simplesmente desenhamos a dita forma em um plano. *Voilá*: trouxemos para perto um círculo sem precisar de fato tê-lo em mãos. Do mesmo modo são pessoas. Quando queremos tocá-las sem de fato estarmos ao seu lado, singularizamo-nas pela escrita de um "nome próprio", associamos ao nome uma determinada sequência de sons passíveis de serem chamados e, enfim, traduzimos em imagens bidimensionais os contornos físicos daquele ser dotado de um nome singular. Não por acaso, Emanuelle Coccia propõe que para uma imagem nascer, basta que haja "uma separação da forma da coisa em relação ao lugar de sua existência: *onde a forma está fora de lugar, tem lugar uma imagem*" (COCCIA, 2010, p. 23). E parece que hoje cada vez mais pessoas exercitam esse dissociar de forma e lugar, corpo e espaço ocupado pelo corpo, para diariamente se conectarem a imagens de perfis em rede social: "Nós estamos fazendo progresso conectando o mundo, e agora vamos fazer o mundo ficar mais próximo"[36], celebrou Mark Zuckerberg em 2017, ano em que o Facebook atingiu dois bilhões de usuários.

Não por acaso tal cifra cresce com o avanço do acesso da rede social por meio de aplicativos de *smartphones* e, no ano em que termino o mestrado, pela primeira vez a venda de *smartphones* superou tanto a de *dumbphones* quanto de computadores[37]. Hoje a quantidade de "telefones inteligentes" porque "digitalmente conectados" se igualou à quantidade de humanos a povoar o planeta. E ainda que tal número seja resultado da posse de mais de um aparato por pessoa, assim como o número de cinco bilhões de inscritos em serviços de telefonia móvel[38] espelhe o uso de mais de um *SIM card* ou *chip* por usuário, tais estatísticas não deixam de ser surpreendentes. Liderados por China, Índia e Estados Unidos em termos de

---

partir do momento em que a internet ascende, se expande para além do restrito âmbito militar e se articula enquanto plataforma organizacional que atravessa o modelo capitalista. Desde então, a noção de rede materializa novos cenários e contornos: hoje é possível pensarmos na existência de uma rede mundial de computadores que interliga espaço-temporalmente através de cabos, fibras ópticas, satélites e ondas eletromagnéticas não só usuários de redes sociais, mas também de sistemas financeiros, plataformas de atualizações de dados, centros de pesquisa em *marketing*, sistemas públicos e privados de administração, redes de serviços educacionais, sistemas de mídia e informação, serviços de pesquisa e buscas, dentre tantas outras possibilidades.

36 Reportagem completa em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml. Acesso em 20/01/2018.

37 Dados disponíveis em: https://www.businessinsider.com.au/smartphones-and-tablets-penetrate-globe-2013-10. Acesso em 21/01/2018.

38 Relatório completo em: https://www.gsma.com/newsroom/press-release/number-mobile-subscribers-worldwide-hits-5-billion/. Acesso em 21/01/2018.

celulares em uso, o Brasil vem logo em seguida, em quarto lugar, com cerca de 234,6 milhões de conexões sem fio e uma estimativa de haver equiparado os seus 208 milhões de habitantes ao montante de *smartphones* em outubro de 2017. Aumentar o índice de penetração em localidades rurais, pequenos povoados, zonas de periferia, pobreza e vulnerabilidade social são alvos cruciais para que cada indivíduo, de fato, possa acessar a ágora virtual dessa rede de sociabilidade que promete tornar o mundo mais feliz porque menos distante. Por este motivo, o continente africano é o continente com maior porcentagem de aumento da quantidade de tais aparatos: mesmo que muitas vezes falte saneamento básico, a possibilidade de ir além do "básico" e estar conectado a isso que nos leva "além" do alcance do substrato corpóreo não pode faltar.

"Além", ou seja, não mais condicionado ao limitado alcance de braços, pernas, visão, voz, ouvidos, cheiro e tato. Quem dera pudéssemos fazer isso esticando aquele fio do círculo e adornando-o com duas latas sem tampa nas extremidades. Quando criança, brincar de "telefone sem-fio" funcionava. Mas hoje, o desejo de querer ser mais que o corpo e em âmbito global se conectar modula-se pelo massivo uso de telas fotossensíveis ao toque em aparatos *smart*. Então, a primeira e crua realidade para adentrar os portais que abrem ao Facebook é juntar dinheiro para adquirir um destes dispositivos. Há também que associá-lo a uma operadora de telefonia móvel capaz de dotar o aparato de um número irrepetível, único, que o identifica e o habilita a se comunicar com o somatório de telefones existentes, sejam eles fixos ou móveis, *smart* ou *dumb*. E é quase que ilógico ter um *smartphone* sem que ele possa se conectar. Por isso, recorre-se mais uma vez à operadora de telefonia para contratar um pacote de serviços de dados mais conhecido como "3G", "4G" ou "5G". Adicionado esse tão rentável serviço às funcionalidades do dispositivo, estão cumpridas estas primeiras etapas – a financeira e a burocrática. Amarrado a um variável custo mensal, finalmente o "eu" está armado do objeto de consumo que hoje materializa o desejo por conexão.

A posse do novo aparato causa uma certa euforia: o que de novo posso fazer com ele? Como minha vida irá mudar agora que o tenho e posso fazer a simultânea partilha de meus afetos em uma plataforma interligada em nível mundial? Para alguém que, como eu, adquiria seu primeiro *smartphone* nos princípios de 2014, tal façanha implica em reaprender todo um código, uma série de regras de etiqueta para que de fato, entre mim e aparato, se estabeleça uma relação. E a primeira regrinha com a qual há que se deparar é a ausência do teclado: como fazer esta "coisa" funcionar? Nesse momento é necessário tirar proveito da faculdade da intuição: sob o rótulo de "computação ubíqua", desde 1988, nomes como Mark Weiser vêm trabalhando para desenvolver interfaces intuitivas passíveis de conexão em rede. E para

proporcionar experiências não mais limitadas à estrutura estática de computadores tipo *desktop*, e sim acessadas a qualquer momento e de qualquer lugar, Mark cunhou algumas premissas: a) o propósito de um computador é ajudá-lo a fazer outra coisa; b) o melhor computador é quieto, invisível e servil; c) tecnologia deve estender o inconsciente humano, isto é, quanto mais se realizar por intuição, mais inteligente é o usuário; e, por fim, d) tecnologia deve criar calma, ou seja, informar sem demandar foco ou atenção. Com um detalhe: o que ele chamava de "computador" hoje se aliou ao "telefone" e virou "*smartphone*": móvel, portátil e conectado.

E, assim, sem muito esforço ou reflexão, apenas pela intuição, o pressionar do remanescente botão de "ligar" na lateral acorda o dispositivo e depara os olhos com imagens a serem prazerosamente tocadas. Basta tocar tais imagens para, servilmente, o tão liso plano sem titubear obedecer: dedo e tela estão energeticamente conectados. Como se deu esse comando que, de tão imediato, parece não ter processo? Será esse um dos motivos do *frisson* em torno das atuais práticas de mediação? Satisfazer o desejo por conexão desperta em seus portadores de *smartphones* um sutil desejo: o desejo de tecnicamente penetrar nos circuitos do aparato pelo choque do toque na tela. Haveria como ser um com o todo sem antes tornar-se um com o dispositivo? Por isso, primeiro é preciso se entregar, deixar-se afetar por esta nova espécie de pele feita de três finíssimas camadas: a) uma de vidro ultrarresistente; b) uma de película condutora transparente; e por fim, c) uma de capacitores simbióticos. Engenhosa pele. Sua criação e combinação constitui uma verdadeira eureca da engenharia a começar pelo cristal: na superfície mais exterior, está a nova espécie de vidro bem distinta do vidro da janela. Um vidro transgênico[39]. "Transgênico" porque sua estrutura molecular é geneticamente alterada com o objetivo de produzir uma versão ultrarresistente: vigoroso o suficiente para suportar quedas, arranhões e impactos mas, ainda assim, estreito o bastante para tornar a tela sensível ao toque. E por que é tão imprescindível fazer do vidro, um super-vidro?

Mais que uma questão de durabilidade e suavidade do produto, vidros resilientes são cruciais para proteger e criar condições à ativação do que está logo abaixo: a "película condutora transparente" (*transparent conducting film* - TCF). TCFs se tornaram itens obrigatórios em aparatos com tecnologias como telas de cristal líquido, iluminação LED,

---

[39] Desenvolvido muito provavelmente pela empresa Corning, líder mundial detentora do monopólio nas pesquisas em vidro, cerâmica e óptica e que pomposamente anuncia em seu site o advento da "Era do Vidro": "ao longo da História, materiais transformaram a sociedade e a cultura. Houve a Era da Pedra, a Era do Bronze e a Era do Aço. Esta é a Era do Vidro" Site da empresa disponível no link: http://www.corning.com/worldwide/en.html. Acesso em 22/01/2018.

fotovoltaica e *touchscreen*. Hoje, o composto mais comumente fabricado para tal fim chama-se "óxido de índio e titânio" ou ITO[40]. Sua matéria é fruto da conjunção dos minérios de índio e titânio extraídos em condições predatórias minas afora e industrialmente arranjados na forma de um sólido que se comporta como um líquido: ao mesmo tempo translúcido e condutor de eletricidade. Se por muito tempo, materiais condutores e não condutores bifurcavam entre metais nem um pouco transparentes que conduzem corrente ou materiais translúcidos inábeis ao fluxo elétrico, é com a virada do século XX ao XXI e a emergência dos TCFs que isso se redimensiona. E se redimensiona em sintonia com um novo achado da engenharia: a criação de capacitores simbióticos.

Logo mais abaixo, no profundo da superfície, estão os capacitores: espécies de terminais eletrônicos responsáveis por temporariamente armazenar energia. Capazes de criar um elaborado circuito de emissão e circulação de fótons e elétrons, seu mecanismo é parecido com o da bateria: há que se dispor dois materiais condutores separados por um outro não condutor, o que produz uma diferença de potencial (DDP) ou tensão. Mas com dois detalhes. Primeiro: enquanto a bateria alimenta o aparato pela lenta liberação de sua energia, como um *flash* de câmera fotográfica, o capacitor instantaneamente libera toda a carga armazenada. E mais um: nas superfícies sensíveis ao toque, ao contrário de duas, existe apenas uma placa de material condutor. A outra placa é o próprio corpo, ou melhor, a ponta dos dedos que funcionam como ótimos condutores de eletricidade. Daí vieram os "capacitores simbióticos" que batizaram as atuais "telas capacitivas". Telas que no tímido interagir do campo eletromagnético dos dedos com o campo eletromagnético dos capacitores, extraem uma mínima fração de nossa própria energia para o funcionamento dos circuitos eletrônicos do aparato. Ao contrário de matéria inerte, de um lápis, caneta ou pincel, é o tecido mole e eletrizado da pele que dá ignição aos comandos programados para governar elétrons, fótons e *bits* na produção de imagens. Ou seja: somente quando literalmente doamos nossa energia ao aparato e a ele nos acoplamos, seus capacitores carregam e descarregam e automaticamente devolvem-nos imagens a serem agarradas pelo choque. Que espécie de pele é essa que estamos a tocar?

Pele sem poros, sem suor e nem pelos. Mas ainda assim, pele sensível. Lisa: absolutamente lisa, a pele que envolve o exoesqueleto dos atuais *smartphones* exibe imagens

---

[40] No caso do ITO, o estanho é um metal abundante e acessível, com coloração prateada, maleável, sólido em condições ambientes, facilmente oxidável pelo ar e resistente à corrosão. Já índio é maleável, macio, lustroso, altamente tóxico e hoje emerge como o pivô da atual "corrida do ouro" disputada em torno de sua escassez e, portanto, de sua relevância econômica. Por este motivo, outras misturas de metais ligados na forma de um óxido menos dispendiosas também são criadas como alternativas ao ITO, tais como o aluminum-doped zinc-oxide (AZO) e o indium-doped cadmium-oxide.

e acarinha pelo suave eletrocutar daqueles que a tocam. Se tivéssemos olhos na ponta dos dedos e braços infinitamente esticáveis, não precisaríamos expandir nosso aparato sensório-motor através dos sensores acoplados ao aparato *smart*: enfim realizaríamos o sonho de envolver o universo e agarrá-lo com nossos próprios braços. Mas não. Os olhos estão na cabeça. Os dedos, nas mãos. E os braços tampouco se esticam. Resta-nos submetermos à fisiologia programada do aparato e eletromagneticamente adentrar seus circuitos pelo choque. Choque quase imperceptível, mas ainda assim potente porque pregnante e extensivo aos bilhares de indivíduos espalhados pelos quatro cantos do mundo com seus celulares aptos a conectá-los a outros recantos. O que será que acontece quando a maciez da pele humana encontra a maciez da pele do aparato? Para onde vai esse nanochoque que eu e dispositivo intimamente trocamos? Aonde no corpo ele entra, e em que lugares do dispositivo penetra? O exato percurso não se sabe, mas o que nos é sensível são os seus efeitos: ele diretamente afeta o sistema nervoso e captura o toque pelo choque enquanto condição mesma do ver[41] (DELEUZE, 2007). Nessa superficial e invisível troca de fluídos elétricos, inaugura-se um jogo de excitação mútua: cedemos ao choque entregando-lhe um pouco de nossa energia pelo acariciar da ponta dos dedos, e a tela imediatamente devolve tal gesto de entrega com o brilhar de imagens a serem novamente tocadas. Toco-a. Apalpo-a. Deslizo-a. Acarinho-a. Sinto prazer. A cada novo toque, um desejo é retribuído ao passo que outro é incitado.

Basta descansar os dedos e cessar de tocá-la para que a pele da tela literalmente se apague. O dispositivo que antes parecia tão *smart* vira apenas mais um mero objeto inanimado, um delgado e negro retângulo sem imagens. A tela está morta. E somente o toque de meus dedos pode ressuscitá-la. Tal controle seduz. E seduz a sempre querer mais: mais e mais imagens a serem alisadas pelo sebo epidérmico. Lambuzo então meus dedos para cima e para baixo, de um lado a outro, da esquerda para a direita, nos cantos e nas diagonais dessa pele de cristal que passivamente se alimenta de minha energia para responder a meus mais desvairados movimentos. Adquiro o poder de, pelo simples toque dos dedos, dar vida ao aparato. Sem que eu perceba, gozo de prazer pela obediência de um tecido que responde de forma personalizada a todos os meus anseios. Eu e tela, pele de carbono e pele de cristal estabelecemos uma relação não só íntima, mas erótica. Oscilamos entre perto e distante,

---

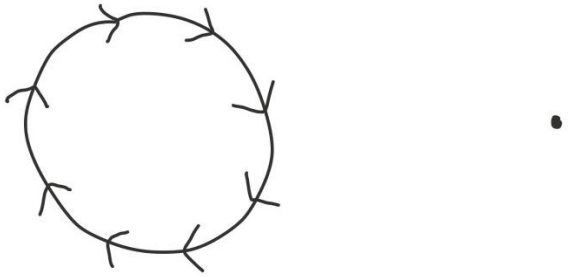
[41] A atual fusão entre os sentidos da visão e do tato em favor da produção de visualidades táteis e tatibilidades visíveis pode ser pensada com Deleuze (2007) a partir do conceito de háptico. Diferenciando-o de óptico, ou seja, do estritamente direcionado ao olhar, o háptico é aquilo que quebra com o regime lógico, representativo e perspectivado de um mundo organizado pela visão e promove uma presença. Uma presença capaz de criar blocos de sensações, de tocar o sistema nervoso e instaurar um espaço que perde sua profundidade extensiva e mensurável. No regime háptico, o olho investe uma função tátil: a partir de uma zona espacial de proximidades, o olhar procede como um prova tátil daquilo que constitui presença.

“entre o controle e a renúncia, entre ser doador e receptor” (MARKS, 2002, p. 16). E nesse êxtase de experienciar o senso de si, o autocontrole, ser ao mesmo tempo retirado e restaurado (MARKS, 2002), criamos um vínculo energético forte. O *smartphone* se torna parte do viver, dos hábitos cotidianos, do dormir e do despertar, do mover-se e do parar, dos mais privados e públicos afetos: ele não só nos pauta como alimenta. Será essa a razão de tantos bares e restaurantes servirem também “*free Wi-Fi*” como parte da refeição? E assim, ao escancarar seus circuitos e deixá-los abertos à completude apenas pelo ativar de meu toque, o aparato deixa de ser somente um aparato e se torna um corpo. Um corpo que, com apenas alguns poucos toques na “Play Store” - a “loja de jogar” - instala na tela um novo ícone: o aplicativo do “Facebook” pronto para dar acesso a novas camadas da sede por ilimitado.

1.2 **Telas e pontos**

> Estamos começando a tecer imagens com os pontos do nada lá fora, e a tecer redes informativas com os bits de informação do nada cá dentro.
>
> *Vilém Flusser*

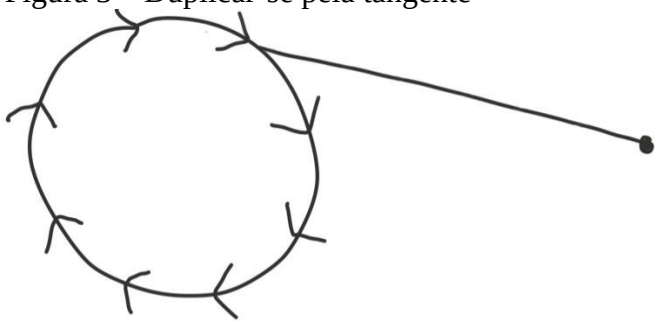
Figura 5 – Círculo do “eu” e ponto do perfil



Visualize um círculo que gira em torno de si. Visualize também que fora do círculo existe um ponto. Seduzido pela pregnância publicitária somada à pressão social, o círculo almeja ser um ponto na rede: um “eu” individual se insatisfaz por viver uma vida desconectada da possibilidade de habitar um “Eu” perfil que o conecta a outros dois bilhões de pontos em um Grande Nó chamado “Facebook”. Como vincular aquele ponto ilimitado do “Eu” à rotação do círculo contido em seus limites? O que fazer para unir o “eu” unitário ao “Eu” multiplicável? Diante da agonizante distância que aparta círculo e ponto, não resta muita escolha a não ser extroverter os giros do viver e voltar-se para fora, ou em síntese: “duplicar-se pela tangente”. Etimologicamente, a palavra “tangente”, do latim “*tangens*” significa

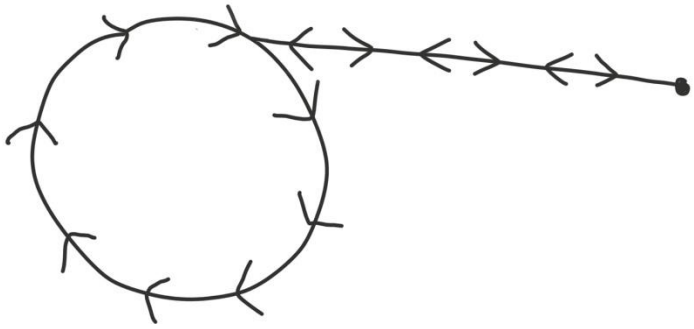
“aquilo que toca ou tange” o que, em termos geométricos, se traduz por uma reta que tangencia o círculo, que toca perpendicularmente um único ponto da curva sem invadir as interioridades do que está dentro. Desviando do ponto no núcleo da circunferência, nas práticas de mediação tal reta implica em distanciar-se do centro onde habitam a alma individual para indiretamente tocá-la pela duplicação de si enquanto perfil. Indiretamente, ou seja, criando uma via exterior que possibilite conectar o “eu” à totalidade de “Nós” da rede. Isto porque, devidamente excitadas pelo sutil choque com o aparato, a ponta dos dedos agora inauguram uma nova fase de simbiose: animar o aparato aplicando-se no processo de *linkar* “pessoa” e “perfil” pelo método da “mediação”.

Figura 3 – Duplicar-se pela tangente



Mal poderíamos imaginar que as medidas tomadas para dar fim àquele incômodo em não ter um *smartphone*, juntar dinheiro para comprá-lo, adquirir um plano de internet móvel e aprender a manejar o teclado pelo eletrocutar dos dedos na tela seriam suficientes para arrematar a reta tangente: com elas, já foi possível baixar o aplicativo do Facebook. Enfim, a pessoa “eu” e o perfil “Eu” estão criando um canal de retroalimentação. Mas acrescentar ao corpo do dispositivo uma nova função sem de fato utilizá-la é como morrer de sede quando se tem água: simplesmente não faz sentido. Por isso, agora cabe ao “eu” ser rapidamente iniciado ao processo de aplicar-se no uso do aplicativo. “Aplicativo”: palavra de dupla origem que, do latim “*apllicativus*”, remete ao ato de aproximar, entrelaçar, unir e, do latim “*apllicare*”, une o prefixo “*ad*” (a, para) ao radical “*plicare*” (dobrar) ao sentido de devotar-se por colocar coisas em contato entre si. Ou seja: contatar o movimento rotacional do círculo do “eu” ao ponto do “Eu” perfil logo ali, fora do corpo e ao alcance das mãos, esperando para ser enxertado com dados, imagens e informações pessoais. E tal conexão requer devoção. Devoção não porque seja um trabalho difícil ou árduo, mas sim porque é preciso fazer da reta tangente mais que uma mera reta: é preciso que ela seja uma linha de fluxo, recursividade e contínuo *feedback* para que ela forme um cordão umbilical que anima, ou seja, que confere um “*anima*”, do latim, “alma”, ao perfil mostrado na pele de cristal no corpo do aparato.

Figura 7 – Via de retro alimentação entre círculo e ponto



Contudo, para que se estabeleça uma ampla e viva via de mão dupla entre pessoa e perfil, antes é preciso abrir uma rota de mão única, um passo a passo através da qual o perfil pode ser criado. Nesta primeira etapa, ao contrário de se torturar com questões existenciais tais como “de onde vim?”, “para onde vou?”, ou “quem sou eu?” e contorcer o corpo para meditar e se reconectar à interioridade da alma, basta seguir os comandos programados do aplicativo. Ou melhor, do fácil e amigável “*app*”. É ele quem conduz esta fase inicial necessária para o animar do corpo *smart* ao longo do processo de extroversão dos desejos que anseiam por expandir o gozo despertado pelo roçar elétrico com a pele da tela. Com os olhos abertos e os dedos a postos, clicar no ícone quadrado e azul com “f” de Facebook abre então uma primeira janela de interlocução entre pessoa e perfil repleta de imagens de *emojis* de coração, riso, surpresa, fotos de amigos que se abraçam, paisagens e, claro, um grande polegar para cima no meio de tudo junto com a frase “Participar do Facebook”. Para tal, o *app* se mostra solícito: “Ajudaremos você a criar uma nova conta em algumas etapas simples”. Cabe à ponta dos dedos somente apertar o botão azul “Avançar”: sem muitos rodeios, o “eu” feito de carne, osso, órgãos e sentidos avança na criação de uma “conta” que permite acolher a existência de seu duplo, o “Eu” perfil.

Por muito tempo, o termo “conta” se associou a sentidos como pequeno adorno usado para a feitura de colares, qualquer operação aritmética, pagamento por mercadoria consumida, registro de transações bancárias e clientes de agências de publicidade. Hoje, fazer-se perfil requer também a abertura de uma conta na qual um conjunto de dados é informaticamente atrelado a um nome de usuário. Não por acaso “conta” vem da mesma raiz latina de “computador”: a junção do prefixo “*con*” (todo, junto) ao radical “*putare*” (estimar, ordenar, pensar) que compõe a palavra “*computare*”. E ordenando o todo de modo organizá-lo metodicamente, a nova etapa a ser completada é justamente designar um nome à conta de perfil. Nela, a pergunta “Qual é o seu nome?” oferta os dedos ao digitar de letras distribuídas em duas linhas, uma para o nome, outra para o sobrenome. Se acaso você tentar escrever algum nome esdrúxulo ou pouco similar com seu nome de fato, em vermelho a mensagem “Um dos requisitos é que todos usem no Facebook o nome adotado no dia a dia, pelo qual

seus amigos chamam você" logo aparecerá na tela. Ser chamado pelo nome que lhe chamam no bar, na família e nos círculos de convivência cotidiana por mais de dois bilhões de outros nomes é algo que não só atrai como autentica o perfil: de que adianta duplicar-se se for para ser um ponto solitário na rede? Assim, somente após compactuar com o pacto de ampliação do escopo de socialização enquanto condição e fazer do nome próximo o nome do perfil, é possível novamente "Avançar".

Automaticamente, mais nova uma página interroga o usuário: "Qual a sua data de nascimento?". Contanto que se insira qualquer data acima de 13 anos de idade, pouco importa se o dia, mês e ano inseridos são os mesmos da data emitida na certidão de nascimento. Contudo, há um porém: caso se deseje ter o aniversário celebrado não só pelos amigos e familiares próximos, mas também pelos amigos dispersos na rede, é melhor não inventar uma data. Por que afinal mentir? Introduz-se então os dados para de novo "Avançar". O *app* então começa a entrar em questões mais íntimas e parece não querer muita discussão. Ele impõe a questão "Qual é o seu gênero?" com apenas duas possibilidades de resposta: um desenho de pessoa com cabelo curto ao lado de "masculino" e outro de pessoa com cabelo comprido seguido por "feminino". Não há nenhum local para inserir algo como "outro" ou "não declarado", tal como oferece o processo de cadastro no Gmail. Pessoas com identidade de gênero fluido tais como transgêneros, *drag queens*, *genderqueer* ou mesmo assexuados são obrigados a evitar conflitos e optar por um dos dois se quiserem "Avançar" e seguir adiante no processo de dobrar-se a si mesmo enquanto ponto de perfil. Virada a página, uma outra aparece e solicita informações sobre o país e o número de celular vinculado ao aparato utilizado no acessar do *app*. Dessa vez ele se mostra mais flexível e oferece ao usuário a opção de se cadastrar também com o endereço de *e-mail*. Mas e se, como os quatro bilhões de pessoas sem acesso à internet no mundo[42], não for possível registrar pelo menos um dos dois? Bom, nesse caso a brincadeira simplesmente acaba por aqui.

Mas não sejamos fatalistas. Restam ainda 3,6 bilhões que tanto podem quanto querem dar continuidade ao processo de aplicar-se no uso do aplicativo e estão em plenas condições de seguir rumo à próxima etapa: subscrever uma senha ao telefone ou *e-mail* cadastrados à conta do perfil. Pode ser qualquer senha: desde que seja secreta e tenha no mínimo seis caracteres já é suficiente para tornar o acesso do perfil exclusivo à pessoa que o registrou. Não há nem a necessidade de memorizá-la. Se isso for de livre e espontânea vontade individual, o próprio aplicativo se responsabiliza por salvar a chave que abre aos portais do Facebook com apenas um toque na tela. Contudo, tal facilidade é concedida não sem antes concluir o cadastro e condizer que "você concorda com os Termos do Facebook e que leu nossa Política

---

[42] Dados disponíveis em: https://www.tracto.com.br/quantas-pessoas-tem-acesso-a-internet-no-mundo/, acesso em 31/01/2018.

de Dados, incluindo nosso Uso de Cookies". Obviamente que quase ninguém se ocupa de ler as 22 páginas de informação que, além de detalhar algumas regras a serem obedecidas no uso da rede social, explicitam muito claramente o objetivo de que "queremos que nossos anúncios sejam tão relevantes e interessantes quanto as outras informações encontradas nos nossos Serviços"[43]. Ou seja, que nos mantenhamos entretidos não só pelos serviços oferecida pela plataforma, mas também pelo consumo gratuito de publicidade. Já diria Jean Baudrillard (1993) que a publicidade é o produto mais democrático que existe: é o único que, escapando à lógica da venda, é 'ofertado' a todos sem que ninguém precise pagar para poder desfrutar de seus anúncios. Porém, no caso do Facebook, nem o produto precisa ser pago: basta ter um celular com internet para acessá-lo.

Mas como bem diz um velho ditado, "tudo na vida tem um preço": em troca do "poder de compartilhar"[44] tal como apregoado pelo Facebook, tudo aquilo que se curte, posta, adiciona, replica, anuncia, comenta, joga e se faz na plataforma é usado enquanto motor de aprimoramento de "nossos sistemas de publicidade e medição"[45]. Sistemas que alimentam uma cadeia mercadológica que visa não só "mostrar anúncios relevantes a você dentro e fora de nossos Serviços"[46] como também vender as informações coletadas a possíveis anunciantes. Assim, através da constante sutilização das estratégias publicitárias, "as novas técnicas economizam a repressão: o consumidor interioriza, no próprio movimento do consumo, a instância social e suas normas" (BAUDRILLARD, 1993, p. 185). E tanto interioriza que a reproduz[47]: para a grande maioria dos usuários, não é nenhuma novidade que o Facebook

---

43 Informação disponível em: https://www.facebook.com/policy.php, acesso em 01/02/2018.

44 Em meio a este cenário onde o "novo capitalismo metaboliza as forças vitais" (SIBILIA, 2002, p. 33) e as transforma em meios capitalizáveis, vemos a emergência de um compartilhamento imaterial (MOZZINI-ALISTER, 2019) diretamente relacionado às transformações decorrentes do trabalho imaterial (LAZZARATO & NEGRI, 2001). Nele, não se investe somente na produção, mas na "forma inteira do ciclo 'reprodução-consumo': o trabalho imaterial não se reproduz (e não reproduz a sociedade) na forma de exploração, mas na forma de reprodução da subjetividade", assinalam Lazzarato e Negri (2001, p. 30). Isto porque, se em algum momento o compartilhar esteve delimitado às trocas presenciais de artefatos materiais, palpáveis, hoje ele se dilui e ganha um novo território de práticas não só a partir da possibilidade de compartilhar em um regime onde a presença não necessariamente é física, mas também através da partilha de elementos que não podem ser objetivados enquanto exteriores ao sujeito. Compartilha-se a vida e seus mecanismos energéticos, como bem e o que poderia ser mais entranhado e abstrato? É a partir desta constante captura publicitária das formas de comunicação que os contornos e implicações dos mecanismos de compartilhamento imaterial se tornam ainda mais visíveis. Isto porque, como bem propõem Lazzarato e Negri (2001), "publicidade não serve somente para informar sobre o mercado, mas para constituí-lo. Entra em relação 'interativa' com o consumidor, voltando-se não só às suas necessidades, mas sobretudo aos seus desejos" (p. 62-63).

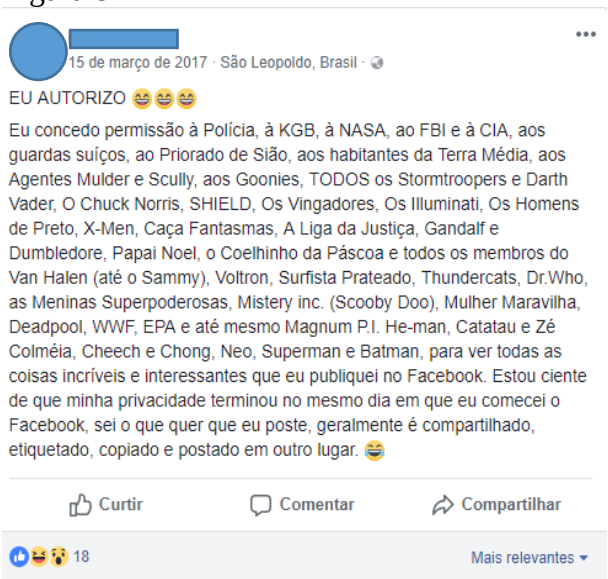
45 Informação disponível em: https://www.facebook.com/policy.php, acesso em 01/02/2018.

46 Informação disponível em: https://www.facebook.com/policy.php, acesso em 01/02/2018.

47 Não por acaso, cada vez mais são criados sites que, tomando o objetivo da comunicação enquanto princípio norteador, produzem espaços nos quais o compartilhamento ativo de informações geradas por seus usuários constituem a própria condição de existência de tais plataformas digitais: se não houvesse pessoas dispostas a estar em um constante regime de partilha virtual de seus dados, talvez não fosse possível a emergência de sites como redes sociais, blogs, repositórios audiovisuais e as tantas outras modalidades que emergiram com a Web 2.0. É através destes espaços de circulação e compartilhamento virtual de si que, para além de uma mera função comunicativa, desenrolam-se também estratégias de marketing que são cruciais para a

utilize seus rastros digitais para vendê-los a empresas de *marketing* e desse comércio auferir lucro. Mas, assim como eu, elas simplesmente não estão nem aí. Entre manter a privacidade e privar-se da possibilidade de se "conectar ao mundo", resta não somente terminar o cadastro e virar as costas aos detalhes sórdidos de tal política como também, em prol da possibilidade de "encontrar amigos mais rapidamente", permitir que o aplicativo vasculhe as informações guardadas na agenda de contatos do telefone *smart*.

Figura 8 – Viral "Eu autorizo"



Pronto. O *app* avisa estar "fazendo *login*" - junção dos termos informáticos em inglês "*log*" (registro) e "*in*" (dentro) que virou neologismo cada vez que se almeja acessar uma conta virtual. Suficientemente programada a sutilização dos métodos de incitação ao desejo, está quase findado o processo de fazer do círculo do "eu" um ponto a habitar o Grande Nó do Facebook. Quase. Antes é necessário fazer a validação da conta e verificar se o telefone ou *e-mail* fornecidos não são falsos. Imediatamente, um código numérico via *e-mail* ou mensagem de texto é enviado para ser inserido no espaço designado à inserção do "código de confirmação". Confirmada esta etapa intransferível, segue outra para a "adição de amigos". Essa é uma fase cuja duração depende muito de pessoa para pessoa: pode-se pular, ficar cinco minutos ou passar cinco, dez, quinze horas solicitando a amizade de "pessoas que você talvez conheça" – conforme vai indicando os rastreadores do *app*. Enquanto se aguarda para que o aceite das solicitações enviadas componham a rede de pontos a integrar os afetos do perfil, a última e mais importante aba de diálogo entre *app* e pessoa se abre: "Adicione uma foto de perfil para que seus amigos possam encontrar você". Há também como pular esta etapa e

dinamização dos processos de trabalho imaterial e de consumo. Isto porque, como assinalam Antoun e Malini (2011), "o compartilhamento deve ser controlado ao mesmo tempo em que é difundido" (p. 9) pois, "ao gerir o compartilhamento, esse capitalismo não trata de comandar a produção, mas de controlar a circulação, gerir o tempo da socialização do conhecimento, do saber, da criação" (idem).

existir apenas como um ícone anônimo. Porém, um perfil sem cara é um perfil "estranho": distante, não conecta nem consigo nem com o outro. É chegado então o momento de dar ao perfil uma face. Uma face que não só retrate o modo como se deseja ser visto mas, principalmente, que capture e coloque para fora a alma escondida dentro do círculo do "eu" de modo que seu duplo seja reconhecido enquanto réplica fiel do melhor de si.

Não é de hoje que alma e imagem parecem estar relacionadas. Há muito, populações ancestrais - tais como as provenientes de diversas tribos indígenas estadunidenses e latino-americanas e os aborígenes da Austrália e Nova Zelândia – se recusam ao fotografar pela advertência de que tal gesto lhes roubaria e aprisionaria a alma na imagem. Aí está a ironia da condição humana: está tão perto de si que não se vê a não ser pelo olhar do outro. Pode enxergar pés, mãos, braços, pernas, tronco, mas o acordar e abrir dos olhos jamais vê o próprio rosto, o autorretrato. Será por isso que Narciso, encantado, se deixou engolir pelo espelho d'água que refletia os contornos de sua face nunca antes vista? Negligenciado o conselho dos mais remotos antepassados da humanidade, preferimos adotar a versão de que, ao invés de roubar, é fotografando que se desvenda a alma. Narciso então não só virou mártir como recalcou no trauma da morte pela imagem a incansável busca por tecnicamente construir aparatos que coloquem os olhos para fora do crânio sem o risco do afogamento. Nesta ânsia de ver-nos tal como somos, foram inventados espelhos, câmeras fotográficas, cinematográficas, de vídeo, de vigilância... As câmeras inclusive entraram nos telefones, que se converteram em dispositivos com planos móveis, sensíveis e conectados aptos a dotar as pontas dos dedos de olhos eletrônicos. Se algum dia tivemos medo de tocar a imagem[48], enfim livramo-nos de tal complexo: sãos e salvos, hoje nos deleitamos em *selfies*.

E tanto é que o próprio *app* agora convoca a executar duas possibilidades para enfim dar vida à imagem do perfil: "Tirar uma foto" ou "Escolher na Galeria". Sem temor toco a tela e automaticamente inicio a primeira opção: aponto os olhos da câmera frontal em direção à minha face, clico um botão visual e obtenho uma imagem congelada do instante enquanto registro fotográfico de mim. Eu poderia ter escolhido por tirar uma foto não identificada com meu rosto, uma foto da paisagem, por exemplo, e ter virado os olhos da câmera para o dorso do aparelho. Diferente dos meus, os olhos conversíveis do aparato podem ver tanto aquilo que vejo como a face de mim que não alcanço. Mas prefiro mostrar-me como de fato sou quando não estou sendo enrolada nos giros que a vida dá. Estendo então meus braços, agarro o aparato e pouso para a mirada certeira da câmera. Tiro uma, duas, três, quantas forem necessárias fotos. Caço em busca do mais belo ângulo de meus traços. Crio também uma atmosfera, um clima, um ar de mistério pelo coreografar de pequenos movimentos de

---

[48] Segundo Benjamin (1985), nas primeiras fotografias a "nitidez dessas fisionomias assustava, e tinha-se a impressão de que os pequenos rostos humanos que apareciam na imagem eram capazes de ver-nos" (p. 95).

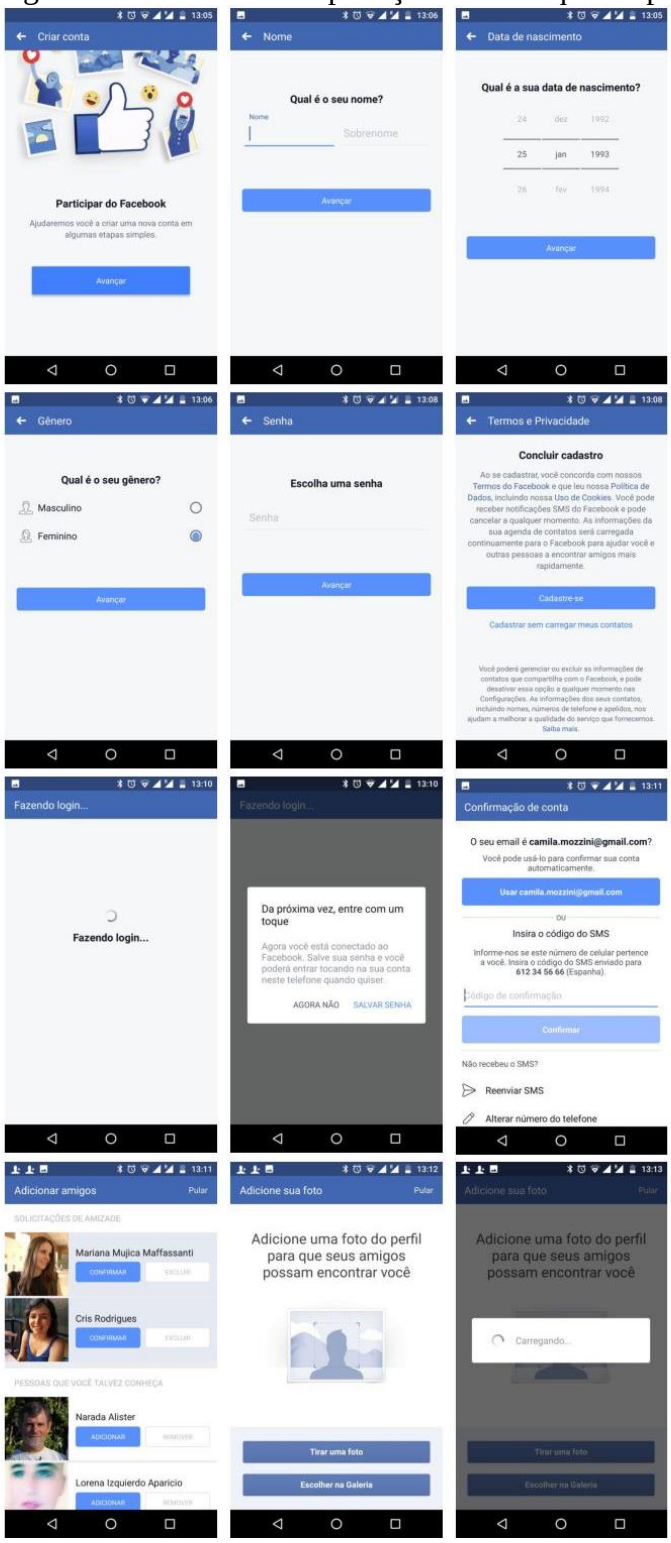
sobrancelha, queixo e, principalmente, pela expressão externada em meu olhar. Já diria um velho ditado que “os olhos são a janela da alma”. Contudo, parece que a alma nem sempre está de janelas abertas: insatisfeita com minha cara de cansada, desisto de encontrá-la em *selfies* e volto rumo à segunda opção, “Escolher na Galeria”.

Agora, a ponta dos meus dedos se dirige à memória visual do dispositivo armazenada no ícone Galeria, espécie de álbum fotográfico não mais limitado ao encadernar no qual posso rapidamente selecionar, enviar e fazer o *upload* de uma imagem de perfil. De imediato, uma série de imagens organizadas linearmente trazem à lembrança lugares, viagens, situações inusitadas, comidas, encontros e acontecimentos sociais que vivi. Várias outras *selfies* também. Escolho não uma foto qualquer, mas sim aquela tirada com suficiente esmero para engajar a atenção dos pares. Encontrada a dita imagem, a única singular o bastante para ser imagem e semelhança daquilo que verdadeiramente se é, criador e criatura, pessoa e perfil, entram então em um silencioso pacto: um pacto de desintegração (FLUSSER, 2008) em troca da possibilidade de conexão. Eu abdico de tão somente ocupar o espaço exterior que me contém assim como espaço ocupado pelo meu corpo para fragmentar-me ao pó digital e encarnar em um perfil exibido na lisa pele do aparato. Não mais existo somente na casa, na rua, na praia, no campo, no escritório. Tampouco estou apenas encapsulada por braços, pernas, cabeça, tronco, voz, visão, olfato, tato, audição. Abro mão da pesada solidez que dá volume ao substrato biológico para levemente duplicar-me enquanto informação, dados, pontos passíveis de serem pontos computados (FLUSSER, 2008): aceito ser um mosaico não só de átomos de carbono, mas também, de dígitos, de impulsos elétricos traduzidos em um código binário feito de *bits* “0” ou “1”.

Sem demora, o *app* responde com uma nova caixa de diálogo e mostra um círculo giratório azul - o “*spinning wait cursor*” - junto da frase “Carregando...”. Preparo-me para existir nesta outra fisiologia apta a sobreviver fora do corpo, na qual os contornos de meu rosto se convertem em “*pixels*”. Interessante que, mesmo sendo por excelência a “unidade” de medida da imagem digital, o ponto-*pixel* não é mais um ponto unitário, fixo, determinado, impassível de mudança. O *pixel* é, em si, um ponto “variável”. Nesse caso, variável ao humano toque na tela que dispara uma variável numérica resultante da combinação matemática de três cores básicas: vermelha, verde e azul, as quais, em conjunto, geram mais de 16 milhões de possibilidades de cores a serem agrupadas entre linhas e colunas. Soaria estranho esperar que, ao tocar a cútis da face ou seu autorretrato impresso em papel fotográfico, poros e grãos repentinamente sofressem mutação. Hoje, porém, internalizamos a plasticidade visual enquanto hábito comunicacional pela naturalização do gesto de trocar *pixels* ao tocar imagens. E tal maleabilidade do substrato digital é o ingrediente secreto que seduz à consumação do ritual de trituração do corpo: no aceite em deixar-se fotografar pelos

olhos do aparato e habitá-lo enquanto dígito, aderiu-se também à premissa da “espacialidade da erosão de si” (VAZ, 2010, p. 200) enquanto espaço possível do “eu”. Não mais individuado, unitário e fechado em si, uma fração dividual de mim agora se fragmenta para encarnar em um duplo materializado enquanto página de perfil na interface do *app*.

Figura 9 – Processo de duplicação do eu enquanto perfil



Enfim, perfil. Conclui-se o tão simples processo de bipartição: torno-me também um ponto singular[49]. Eu e outros 2 bilhões de pessoas hoje dele pactuam e concedem aos termos do Facebook para fazer do viver uma vida melhor vivida porque conectada ao tatear de pontos mutantes. O entorno que antes me limitava à geometria do espaço arquitetônico, agora ganha também o espaço da arquitetura topológica[50] deste Grande Nó. "Topológica", ou seja, feita de um "punhado de pontos conectados a outros pontos" (VAZ, 2010, p. 201). Em meio a esse "emaranhado de flechas que se tocam" (idem), sou apenas mais um ponto, mas jamais um ponto solitário. A rede a qual adentro não é uma rede qualquer: não a rede de pescar, não a de dormir, não a de costurar. Penetro no âmago de mim por meio de uma "rede social". Rede esta que permite ver-me como sou ao instantaneamente conectar-me com o remoto olhar de outros que também se vêm através de mim. Exteriorizo então minha alma, minha "biografia", minha trajetória de vida e encarno na maciez da pele *smart* a partir das informações de uma página pessoal que é também meu passaporte de identificação: atualizo preferências, locais de trabalho, lugares de moradia, citações favoritas, fotos de capa, álbuns de fotos, status de relacionamento. Publicamente anunciar no Facebook o estatuto de qualquer novo relacionamento é um pré-requisito crucial para que a relação seja considerada como "oficial". E se antes minha percepção de realidade abarcava "tudo contra o que esbarramos no caminho à morte" (FLUSSER, 1985, p. 5), ela agora se dilata. Imerso nos contornos de um espaço virtual formulável apenas matematicamente (FLUSSER, 2015), não mais trombo, tropeço, cruzo ou esbarro em "coisas" ou "pessoas" que fisicamente derrubam a redondez de meu corpo. Enquanto "nó de informações inserido em rede cujos fios transportam informações de 'eu' para 'eu'" (FLUSSER, 2008, p. 95), desejo apenas gozar com o feito de haver deslocado minha alma "para as partículas das quais é feito o mundo" (FLUSSER, 2015, p. 96) e

---

[49] Um ponto singular governado agora por uma governamentalidade algorítmica, isto é, "um certo tipo de racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo a modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis" (ROUVROY & BERNS, 2015, p. 42). Deslocando a estatística de suas convenções tradicionais e seus modos prévios de categorização das informações, esta outra forma de governamentalidade atua não mais pela mensuração da média, mas pelo cálculo operacional de estratégias de datamining provenientes dos rastros de perfis digitais de imagens que circulam por circuitos de manipulação espectral, e não mais de sujeitos identitários. Isto porque, "o sujeito da governamentalidade algorítmica é cada vez mais tomado pelo "poder", não através de seu corpo físico nem de sua consciência moral – presas tradicionais do poder em sua forma jurídico-discursiva – mas através dos múltiplos "perfis" que lhe são atribuídos, frequentemente de forma automática com base nos traços digitais e de suas trajetórias cotidianas" (ROUVROY & BERNS, 2015, p. 43).

[50] Enquanto no campo geométrico euclidiano as estruturas se mantêm equivalentes pela transformação isométrica de movimentos que conservam medidas como angulação, área e volume, no campo topológico tudo se deforma, menos a intersecção entre pontos (MARCOLLI, 1974). Dobrar, encolher, estirar, torcer não faz diferença contanto que se mantenha estável a quantidade de intersecções dos pontos, ou seja, de nós.

extroverter todas as suas possibilidades na interação provocada pela pergunta: “no que você está pensando?”.

1.3 **Telas e ondas**

Estamos no limiar da época do eletromagnetismo.

Vilém Flusser

Dois números em vermelho logo acima da imagem de um sino e no ícone de dois bonequinhos saltam aos olhos e imprimem uma sensação de urgência: notificações e vários aceites das solicitações de amizades antes enviadas foram recebidas. Enfim terminadas as etapas requeridas pelo *app*, pudemos fazer da reta tangente um canal de retroalimentação entre pessoa e perfil e duplicar as dimensões espaciais de experiência que permitem adentrar os misteriosos reinos do pensamento. Do desconectado círculo que somente rotacionava em torno do próprio eixo e condicionava a partilha de suas ruminações ao escopo da presença física, tem-se no duplo de si um ponto apto a efetuar a última e derradeira conexão: espalhar os pensamentos da mente individual através do perfil conectado aos outros dois bilhões de “Nós” tramados na Grande Mente do Facebook. Isto porque, depois do choque pelo toque que fez do aparato um corpo animado, um corpo dotado de alma pela aquisição da página pessoal, o ponto do perfil deseja também uma mente: afinal, qual o sentido em ter um perfil vazio, que não pensa nem tem atualizações, que não expõe suas dúvidas ou anseios? Se um aparato sem toque é um corpo morto e um perfil sem foto é um perfil sem alma, uma alma sem pensamento, sem linha do tempo (*timeline*) é também uma página disfuncional: não faz sentido em existir. Torna-se então vital a necessidade de preencher esse vazio mental pelo eletrocutar dos dedos na estrutura interativa ofertada pelo *app* de modo a conectar as ondas da mente às ondas *wireless* que permitem simultaneamente irradiar todas as atualizações emitidas e recebidas pelo ponto do perfil.

Mas antes de entrarmos mais detidamente nesse território, como se dá o processo que confere ao perfil uma mente? Por não ter uma mente autônoma, apta a pensar por si própria, a página do perfil clama: clama por ecoar os pensamentos de seu criador, o único que detém a senha secreta capaz de acessá-lo. Já diria Flusser (s/d) que quaisquer processos mentais, sejam eles “percepções, imaginações, desejos e decisões são processos químicos e eletromagnéticos reduzíveis a saltos quânticos de partículas sobre intervalos entre as sinopses nervosas do cérebro humano” (p. 3). E ainda que existam linhas que afirmem ser o

pensamento individual nada mais que um murmúrio anônimo de vozes historicamente condicionadas[51], ao fim e ao cabo, é dentro dos contornos do círculo do "eu" que tal processo de dá. Podemos regurgitar na mente as mais horrendas, visionárias ou até mesmo insanas possibilidades, mas ninguém saberá o que de fato pensamos a não ser que expressemos seu conteúdo por meio de palavras, gestos, expressões faciais, olhares, ações ou movimentos corporais. Como bem diz a sabedoria popular: "pensamos com nossos botões". Por isso que parte da cotidiana lida no trato entre humanos é necessariamente atravessada pelo árduo processo de pensar e agir, imaginar e expressar, decidir e exteriorizar a decisão. E enquanto não há pensamento expresso que não venha acompanhado de uma ação física, para dar ao perfil aquilo que ele tanto suplica faz-se necessário também um ato: mover a ponta dos dedos sobre a pele de cristal que brilha tal qual um mantra a insistente pergunta "no que você está pensando, Camila?".

Pelo gesto mínimo de digitar uma resposta a tal questão instantaneamente meus processos mentais ficam então *linkados* enquanto pensamentos do perfil. Contudo, nesse tão banal procedimento há uma profunda alteração da própria natureza da relação entre ação e pensamento: se para o círculo do "eu" pensar e agir são duas instâncias distintas, ao ponto do perfil seu campo de ação é o próprio pensamento. Dissolvendo tal separação pela conjunção entre pensar e agir como única possibilidade prática, cabe ao perfil apenas atuar pensamentos: "posto, logo existo"[52]. Por fim, repagina-se a máxima filosófica cartesiana e o cogito individual que rumina suas dúvidas apenas consigo, divide-se: pelo substrato claro e distinto de dígitos 0 e 1, o duplo do ser pensante torna-se um ente cujo pensar é também a imediata

---

[51] Ao operar a noção de descontinuidade enquanto método e efeito, a concepção genealógica de história proposta por Michel Foucault (2010) sobrepõe, ao grito humano autoral, o murmúrio anônimo. Visão parecida encontramos também em Walter Benjamin (1994): com a proposta de rasgar este véu das aparências, continuidades e essências em prol da disrupção do acaso e do fragmentado, a história emerge enquanto uma temporalidade intensiva, não linear, na qual as forças de criação emergem como forças de transformação e quebra.

[52] O instante em que Descartes (1979) lança o Discurso sobre o método marca, não enquanto origem, mas sim como uma ruptura histórica, a emergência da questão metodológica como uma questão problemática às chamadas "ciências das humanidades". Insatisfeito com a falta de fundamentação racional da área das humanas e com a não aplicação do conhecimento matemático a problemas da vida, ele buscou a verdade dos conceitos por meio de demonstrações físicas e matemáticas – consideradas por ele como as únicas indubitáveis. Atualizando o ideal Pitagórico de submeter o universo aos números, Descartes postulou como preceito metodológico que só o que for evidente pode ser considerado verdadeiro. Nesse sentido, o filósofo procurou a todo custo ultrapassar qualquer incerteza, propondo a dúvida hiperbólica como método para se chegar à claridade da razão. Frente à hipótese de sermos enganados por um gênio maligno que conduz ao erro e a não objetividade do mundo físico, Descartes propôs a existência de um bom Deus que, sendo bom, a imagem que o homem faz do mundo exterior não é uma invenção de sua mente. Se Deus existe como garantia da objetividade, é efetiva a certeza de que o mundo físico é real. Assim, o pensamento oferece ao espírito, através da dúvida metódica, um conjunto de regras para se chegar ao conhecimento verdadeiro tendo em vista que o conhecimento sensível é causador de erro, e a verdade é atingida através do intelecto. Através de um processo dedutivo, é o cogito que garante "a existência da 'coisa que pensa': a alma" (REGIS e MESSIAS, 2012, p. 34).

exteriorização de uma ação feita para, e em função, do outro. Outro que não mais se limita aos locais físicos de convivência por onde o círculo do "eu" perambula. O outro do perfil abarca redes de amizade remotamente tramadas que expõem o duplo do "eu" à mercê de outros dois bilhões de pontos que imediatamente reagem à "pensação" socialmente partilhada do perfil. Entrelaçado no espaço virtual dos pontos na rede, aquilo que chamo de "eu" torna-se uma palavra que os outros chamam de "você". É somente para os outros que eu sou, assim como os outros para mim" (FLUSSER, 2015, p. 105). É nesse ser para o outro[53] que pulverizam-se então os parâmetros de realidade por meio da amplificação do escopo de validação daquilo que se é: isso que guardo em mim e extroverto através de meu duplo está bem em ser pensado?

Assim, pelo gesto físico de deslizar os dedos na tela e depositar aquilo que se pensa como ação do perfil sob a forma de textos, *hiperlinks*, imagens, fotos, vídeos e transmissões ao vivo, configuram-se três modos padrão de reações em potencial: a) ativações dos *plug-ins* de interação social mais conhecidos por *emojis*; b) comentários; ou c) compartilhamentos[54]. *Emojis* são pequenas imagens ou ícones digitais, hieróglifos contemporâneos utilizados para expressar uma ideia ou emoção em comunicações eletrônicas que, no caso do Facebook, somam o total de seis: "Curtir", "Amei", "Haha", "Uou", "Triste", "Grr" e seus respectivos desenhos de polegar para cima, coração rosa, face risonha, face boquiaberta, face chorosa e face irada. Já os comentários são reações livres ou respostas abertas direcionadas a certa

---

[53] Nesse sentido, complementar a Flusser Muniz Sodré (2007) assinala que "a indagação sobre a comunicação parte, por sua vez, da relação ou do vínculo implicado nesse "com", que assinala a divisão de um munus, uma tarefa ou uma dádiva originariamente feita por um indivíduo ao outro. Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como um ente (por exemplo, uma agregação ou um conjunto de sujeitos), mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. O sujeito que se comunica é o ser como "entre", logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, ao outro (SODRÉ, 2007, p. 21).

[54] É interessante notar como a noção de compartilhar ganhou, a partir do ano de 2004, novos contornos com o advento do Facebook. Proveniente do latim "compartiri", a palavra é derivada da interligação do prefixo "com" (junto) e das palavras "partiri" (dividir; distribuir; partilhar) e "pars" (parte; o que toca a cada um). Se por muito tempo a composição da palavra "compartilhar" traduziu um amplo leque de práticas que remontam ao ato da partilha de algo em conjunto, hoje compartilhar tem um novo status e um outro arcabouço semântico na medida em que está associado não só à materialidade dos grupos mas também ao conjunto de milhões de internautas que, de forma etérea, compõem e são compostos através das redes digitais. Entretanto, não podemos apontar o Facebook como "o" catalisador da atual onda de compartilhamento que presenciamos: menos que causa, o compartilhar encabeçado pelo Facebook é proveniente das transformações sociotécnicas que ocorreram ao longo da passagem dos séculos XX e XXI, cristalizando a chamada Web 2.0. Mesmo dando o ar de sequencialidade, o termo Web 2.0 faz menção não a uma nova versão ou atualização da internet, e sim a mudanças qualitativas tanto na forma como desenvolvedores de softwares quanto internautas faziam uso das plataformas digitais. É nesse contexto que emerge uma outra arquitetura de navegação a partir de formatos como blogs, redes sociais, enciclopédias online, sites de compartilhamento de vídeos, aplicativos, rompendo com um rígida separação entre produtor e consumidor de conteúdo já que o foco não seria mais a emissão isolada, mas a participação e a colaboração. Para Zanetti (2011), "é a partir da efetivação da chamada Web 2.0 e do advento das redes sociais que se consagra um discurso que coloca em evidência a ideia de compartilhamento, legitimando essa prática" (p. 65).

postagem que podem se dar na forma de mensagens de texto, imagens, fotos, *hiperlinks*, ou vídeos. Por fim, os compartilhamentos são reações dúbias: ao mesmo tempo em que podem ser uma ação pela replicação de um pensamento já atuado, são também reações porque passíveis de contabilização a quem originalmente o postou. E da combinação desses três tipos de reações em potencial temos o leque programado de possibilidades de interação social com o perfil que dá início ao instantâneo jogo de ações e reações, de postagens à espreita de curtidas, comentários e/ou compartilhamentos.

Figura 10 – Linguagem de emoticons

E o que torna possível que ação e reação se deflagrem assim, tão “instantaneamente”? Tal pergunta só pode ser respondida de uma forma: por etapas. Diante de um fenômeno que, de tão rápido, perde sua condição de processo, cabe apenas desacelerá-lo até o ponto em que novamente se torne passível de espanto. Em câmera lenta, começaremos então pela dimensão de ação, ou seja: pelo ato de postar e mentalmente *linkar* pessoa e perfil. Não sabemos onde exatamente está localizada nossa mente, mas sabemos que ela existe porque pensa. Aliás, pensa tão obsessivamente que não para: a toda hora, maquinamos um plano, lembramos um episódio do passado, projetamos um desejo no futuro, tentamos resolver os problemas cotidianos, buscamos a solução criativa de nossas dúvidas, filosofamos,

perguntamo-nos de onde viemos e para onde afinal vamos. Abarrotada de projeções mentais, o caos de imagens que ali se passa nada mais é que processos químicos aliados a frequências de ondas que vibram ao longo das sinapses neuronais do sistema nervoso. E para evitar o risco de implodir na própria mente e cair no abismo da loucura - ou como diria Deleuze (1996), na perda dos estratos – damos um jeito de descarregar o insuportável peso de nossos próprios pensamentos por meio de suportes mnemônicos. Areia, cavernas, papiros, telas de pintura, cadernos... Hoje, uma das formas de realizar tal processo é pegar o telefone *smart*, abrir o aplicativo do Facebook, eletrocutar os dedos sobre o obediente teclado visual e colocar para fora o que se está pensando sob a forma de *pixels* ou pontos computados (FLUSSER, 2008) imediatamente visíveis ao duplo feito de pontos dentro de um espaço de pontos algoritmicamente estruturados.

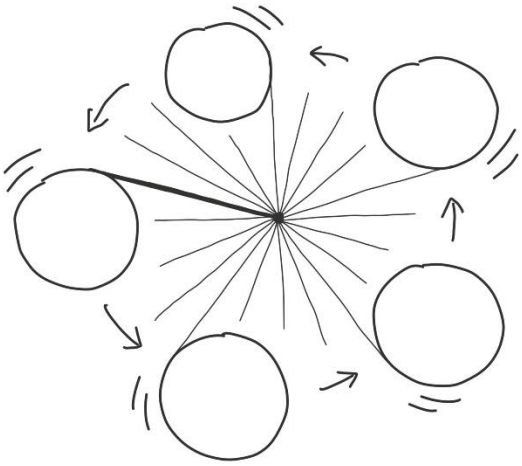
E pronto: como que em um passe de mágica, as ondas da mente são exorcizadas enquanto ondas que circulam dentro dos circuitos eletrônicos do aparato, que são por sua vez convertidas em *bits*, que novamente viram ondas, mas dessa vez, ondas de radiofrequência[55] a serem irradiadas pelas antenas internas do aparato e que atravessam cabos submarinos e/ou satélites até se comunicarem com as antenas externas do servidor do Facebook, que por fim recebe os dados, os atualiza enquanto *pensação* do perfil e os envia todo o caminho de volta até que se transformem em *pixels* a brilhar na pele do *app* de meu *smartphone*. Em um imperceptível "mínimo intervalo antes-depois" (HANSEN, 2017, p. 310), a cada vez que injetamos algum pensamento ao perfil sincronizam-se três distintos circuitos em um único circuito de circulação eletromagnética: as vibrações neuronais dentro do corpo, as vibrações elétricas dentro do corpo do aparato e as vibrações de radiofrequência irradiadas via antenas, cabos submarinos, satélites. Grande onda feita da simbiose nervosa de sistemas de ondas em princípio separados. E é a partir deste *tsunami* eletromagnético que colocamos para fora, o mais fora possível, as ondas internas da mente: primeiro para o aparato *smart* que logo se encarrega de irradiá-las do fundo dos mares à mais remota estratosfera somente para que, sãs e salvas, aterrissem em seus dois destinos finais: a *timeline* e o *newsfeed*.

---

[55] Em geral, todos os aparatos dotados de antenas se comunicam pela irradiação de ondas de radiofrequência. Largas como prédios e montanhas, lentas e com pouca energia se comparadas às frequências de micro-ondas, terahertz, infravermelha, ultravioleta, raios X e radiação gama, as ondas de rádio são consideradas as menos potentes do espectro não visível. Ainda assim, compõem a parcela mais rentável e disputada economicamente de ondas por operadoras de telefonia, reguladas em âmbito internacional pela União Internacional de Telecomunicações55 (UIT), ligada à ONU, e controladas no Brasil pela a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) que licencia, regula e fiscaliza concessões de bandas de radiofrequência por meio da Lei 9.472/97 disponível no link: http://www.anatel.gov.br/legislacao/leis/2-lei-9472#livroIIItituloV, acesso em 01/05/2016.

Quantas coisas acontecem naquilo que não vemos? Em uma velocidade tão veloz que escapa ao campo do humanamente visível, capaz de somente enxergar frequências entre 400 a 700 nanômetros[56], nossos pensamentos são então indexados não só ao arquivo temporal exibido na página do perfil como também ao depósito coletivo de pensares do *newsfeed*. Vitrine comunitária ao anúncio de *posts*, nele se evita a trágica dispersão do "cada perfil por si" pela reunião de mentes programadas para mutuamente conviver. "*Post*", neologismo do verbo "postar" que vem do verbo latim "*ponere*" referente ao ato de colocar, pôr. E a partir de uma arquitetura programada de *posts* postos verticalmente um após o outro, dar continuidade à visualização do que vêm logo abaixo depende da execução de uma segunda ação física: o ziguezaguear para cima e para baixo dos dedos na tela. Mais conhecido por "*scroll*", do inglês "deslocar", "mover", "percorrer", é somente por meio deste gesto que não apenas nos vemos pelo olhar alheio de retinas, câmeras e telas, como também vemo-nos melhor pela comparação de si e daquilo que se pensa pelo implacável girar deste papiro digital de pensamentos. Encontrar-se virou agora sinônimo de perder-se em imagens, vídeos, textos e fotografias. E levando às últimas consequências a sabedoria de que "existir significa esquecer de si mesmo" (FLUSSER, 2015, p. 105), simplesmente desfocamos: desfocamos tanto do entorno que nos contém quanto do corpo no qual estamos contidos para, como *hamsters*, apenas brincar de rodar este carrossel vertical de imagens.

Figura 4 – Movimento de translação do "eu" em torno do perfil.



Imersos na realidade mental do perfil e de sua substância holográfica apalpável apenas pelo choque dos dedos na tela, sentimo-nos mover mesmo sem sair do lugar: ainda que

[56] Um nanômetro é equivalente a um bilionésimo de um metro, ou seja, a um metro dividido por um bilhão.

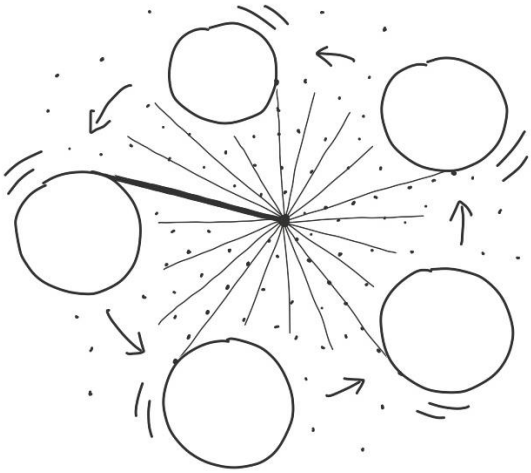
o corpo esteja parado, a humana mente gira em sintonia com o rodopiar de pensamentos alheios. Sutilmente, passamos a orbitar não mais em torno do trabalho para fazer, nas decisões a tomar, na comida a comer, na conversa a travar ou no cansaço para dormir. Orbitamos em função do ponto do perfil como novo eixo capaz de percorrer o conglomerado de mentes do *newsfeed*. Sem que se perceba, de repente a rotação do círculo do "eu" em torno de si parou e se converteu em movimento de translação ao redor das ações-pensamento de seu duplo. E a tais ações, cabe apenas rapidamente pausar para distribuir reações: dou uma curtida no vídeo de cachorros postado por uma amiga em São Paulo, amo a foto da viagem ao Canadá de outra amiga em Berlim, comento no *post* de meu colega de doutorado no Rio de Janeiro, fico triste com a notícia de falecimento do pai de um amigo gaúcho, curto a publicidade do novo produto dermatológico japonês, enraiveço com o *link* da denúncia ambiental postada por um amigo em Valência, marco meu companheiro australiano na receita vegetariana postada pela minha tia em Passo Fundo, dou um "Uau" na *selfie* com o novo *look* de uma conhecida em Melbourne, comento a *tag* (marcação) de aniversário de amizade feita pela amiga que mora em Teresina, curto e comento sobre os comentários do *post* de que fiz minutos atrás, amo o vídeo de crianças angolanas dançando publicado pelo amigo em Recife, compartilho os ideais publicados por um amigo de Córdoba, envio uma mensagem de socorro à amiga do mestrado em Porto Alegre, curto uma página patrocinada sobre vídeos astronômicos dos Estados Unidos, comento na *timeline* da amiga de infância em João Pessoa, amo o poema escrito pela amiga que há pouco visitou a Colômbia, compartilho uma lembrança de exatamente cinco anos atrás enviada pelos arquivos do Facebook, envio meus saudosos parabéns ao perfil de Diana, *roommate* que escorregou e tragicamente morreu enquanto tirava uma *selfie* jamais publicada nos penhascos da ilha grega de Zakynthos[57].

A cada reação, um rastro afetivo se materializa como pegadas na areia digital de *pixels*. Deixo uma marca de mim pelos traços de meu duplo, que atinge e toca aqueles que não estão ao alcance das pernas, mãos, ouvidos, voz, nariz, língua, tato, sexo e nem da visão. Mesmo não estando fisicamente em nenhum destes lugares, existo em todos. Espectralizando-me na "matéria imaterial" (MICHELIN, 2008, p. 170) do trino circuito de ondas eletromagnéticas, multiplico os pontos do "Eu" nos pontos dos "Outros" pelo desejo de conectar corpo, alma e mente a todos outros aparatos, páginas de perfil e linhas do tempo da

[57] Notícias sobre o episódio que ganhou as manchetes internacionais podem ser visualizadas no link: https://www.thetimes.co.uk/article/american-tourist-diannarosa-alduncin-delgado-dies-taking-selfie-on-cliff-in-greek-island-of-zakynthos-hxxjrqmg6, acesso em 26/02/2018. O perfil virtual, o duplo de Diana continua online no Facebook.

rede. Isto porque, amparado pela infraestrutura de cerca de 1714 satélites[58], 375 cabos submarinos[59] e tantas antenas que já se perdeu a conta, esta teia de interceptores permite o imediato desvelar do jogo entre ação e reação que prolifera meu escopo de presença para fora. É como se a posse do *app* do Facebook no *smartphone* "criasse em mim um monte de cabos espalhados pelo mundo que funcionam como uma extensão do meu corpo" – disse minha amiga Giulia quando nos encontramos corpo a corpo em Valência em abril de 2016. E pela partilha deste código interativo universal organizado em função de seis *emojis* e duas ferramentas de comentário e compartilhamento, a simbiose energética entre corpo e aparato se converte também em simbiose afetiva que expande o raio sensorial do corpo pelo corpo do aparato. Agora vinculado aos engenhosos sensores do corpo *smart*, o substrato biológico então adquire um novo conjunto de sentidos: aquilo que se sente como "corpo" é também ativado pelo íntimo choque entre peles de carbono e de cristal na interface gráfica dos *app* que se comunica com antenas e irradia tentáculos afetivos pelos quatro cantos do globo.

Figura 5 – Proliferação dos pontos de perfil



Aos céticos, basta lembrar algum caso em que recursos drásticos de reação se fizeram necessários: a exclusão de uma amizade adicionada ou o bloqueio de um perfil. Mesmo que reações acometidas especificamente ao perfil, suas consequências afetivas impactam diretamente o território existencial tanto de quem reage como de quem sente os efeitos da reação. Exclui-se ou bloqueia-se para se defender de algo sentido como uma invasão a limites pessoais: limites que agora integram o espaço topológico do perfil enquanto

---

[58] Uma rápida observação pelo site Satellite Viewer possibilita interagir em tempo real com cada um dos 16000 satélites, dentre os quais 3000 mil ativos, que sobrevoam a crosta terrestre: http://apps.agi.com/SatelliteViewer/, acesso em 09/11/2017.

[59] Um mapa completo e interativo dos cabos submarinos que hoje existem pode ser encontrado no site: https://www.submarinecablemap.com/#/, acesso em 10/11/2017.

viva camada do próprio espaço vital. Pela intimidade do laço criado entre pessoa e seu duplo, o perímetro sensorial do corpo amplia-se em prol da possibilidade de remotamente sentir. Sentir perto mesmo quando se está geograficamente longe pela multiplicação dos pontos do "eu" mundo afora. É nessa outra forma de presença, de "sensação de ser a corporificação de algo" (GUMBRECHT, 2010, p. 167) que tem lugar a ambígua experiência da proximidade distante: proximidade entre pessoas pela distância de pontos de perfis que se tocam pelo toque dos dedos no *app* de telas de *smartphones* conectados a uma série de antenas, cabos e satélites. E por ser uma presença desvinculada da experiência física do espaço, tal proximidade é apenas mensurável pela intensidade do tempo: quanto mais simultâneo for o jogo entre ação e reação, mais fortemente se sente a presentificação do corpo daquele que à distância se aproxima. Nisso constitui a incansável busca pelo toque do olhar do "Outro" em redes sociais: é pela troca imediata que o "eu" experimenta a recíproca aceitação da alteridade daquilo que se é em tempo real: sendo.

Figura 13 – Postagem coletada ironizando processo de bloqueio em redes sociais

Contudo, a expectativa de imediata reciprocidade pelo máximo de curtidas, amadas, risadas, impressionamentos, enraivecidas, entristecidas, comentários e compartilhamentos pode ser frustrada. Nesse cenário, impaciência, agressividade, rejeição, fracasso, despeito, confusão e falta de confiança são alguns dos possíveis afetos a compor a outra face da moeda

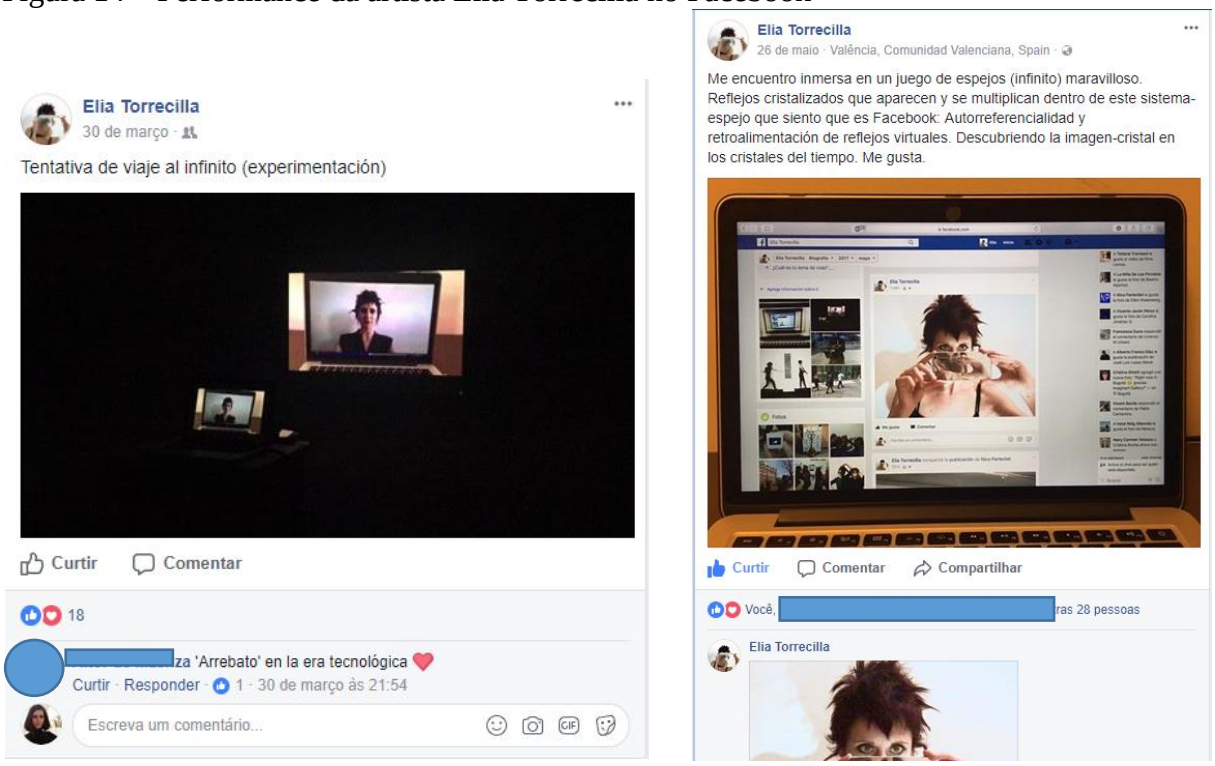
a ser ruminada quando se amarga ao sabor da invisibilidade. A partir deste ponto, duas rotas principais são possíveis: ainda mais ferozmente investir no processo de autocomparação e continuamente checar notificações, girar a roleta de imagens do *newsfeed*, distribuir reações e incessantemente postar novas *pensações*. Ou simplesmente desistir da rede e desconectar seu corpo do corpo do aparato. Há casos em que a desistência é total e se desativa ou mesmo se exclui por completo a conta na rede social. Contudo, a grande maioria de círculos faz um outro percurso. De volta para a realidade volumétrica do espaço e para a vagarosidade processual do tempo, logo se depara com a dúvida: "o que será que perdi enquanto me desconectei de meu ponto?". Angustiado pela falta disso que lhe expande para fora de seu próprio corpo, o círculo do "eu" então novamente toma o *smartphone*, entra no *app* e persiste em sua meta: a integral união ao duplo de si. Porém, tamanha ambição somente pode ser lograda a partir de uma dupla estratégia: tornar o círculo do "eu" do tamanho do mundo e, ao mesmo tempo, fragmentá-lo de modo que possa ser apenas um ínfimo ponto conectado a todos os demais pontos de perfis.

Movido pelo desejo de constituir um corpo extracorpóreo, tem início a execução de dois procedimentos simultâneos: incorporar o corpo do aparato para encarnar o duplo na tela. A começar pelo processo de incorporação: palavra latina composta pela junção do prefixo "*in*" (ao interior) ao radical "*corpus*" (corpo) que remete a todo processo de introdução de algo para que com isso se forme um corpo outro, indexado ao que lhe foi acrescido. Desse modo, é pelo agregar ao corpo o corpo do aparato que o encaixe entre pessoa e perfil efetiva a aquisição de dois novos sentidos ao substrato biológico: primeiro dotar a ponta dos dedos de olhos aptos a ver-se pelo toque de si e, depois, dar a estas mãos mutantes braços que se convertem em braços eletromagneticamente esticáveis capazes de tocar tudo que vê de outros geograficamente apartados de si. Com o corpo mentalmente agigantado, tem-se agora mais nítida sensação de poder abraçar o mundo pela *wireless* extensão dos braços paralelamente a outro processo: o de encarnação deste corpo espectralizado na pele luminosa da tela de cristal. Do latim "*incarnare*", o termo diz respeito a qualquer processo de representar alguém de forma material, personificando um conceito abstrato. Nesse sentido, é a substância mental arquivada na página do perfil, o duplo de si, que se faz carne ao ocupar e se manifestar no corpo do aparato. Enquanto ponto, ele se move pela rede irradiando a si próprio através de todos os corpos de aparatos aptos a entrar no Facebook[60]. Sempre acessível, porém nem tanto:

[60] O trabalho da artista e performer Elia Torrecilla (figura 16) compõe uma fascinante etnografia espacial da busca pelo infinito no Facebook. Na página www.facebook.com/diariodeviajesalinfinito pode-se encontrar

para se apossar de sua identidade ou se sabe ou se rouba a senha do *login* – o que pode gerar certa dor de cabeça ao criador de sua criatura.

Figura 14 – Performance da artista Elia Torrecilla no Facebook



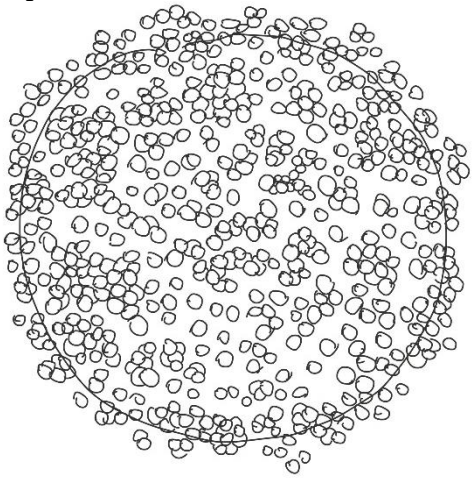
A partir de então, consuma-se o jogo destes dois inversos complementares: sem jamais morrer, o perfil encarna e reencarna em quaisquer outros corpos de aparatos que resolverem lhe acessar; e sem sequer se locomover, o corpo vinculado ao corpo do aparato mentalmente dispara seus braços dotados de olhos nos dedos até tocar tantos quantos forem os pontos que desejar ver na rede. Nesta orgia de perfis a mutuamente se excitar pelo toque indireto da intimidade alheia, doses e mais doses de dopamina[61] - neurotransmissor que atua no controle de movimento, na memória e na sensação de prazer – são liberadas pelo estímulo do sistema nervoso simpático. Com os batimentos cardíacos acelerados, os níveis de adrenalina aumentados, as passagens dos brônquios dilatadas, a motilidade do intestino grosso diminuída, os vasos sanguíneos constringidos e a pupila dilatada, goza-se. Goza-se um orgasmo cerebral conflagrado no cumprimento da tão desejada "missão de tornar o mundo

todo seu percurso cartográfico na rede, acesso em 31/05/2018. Mais informações sobre a artista no site: http://eliatorrecilla.com/Facebook-a-traves-del-espejo-Diario-de-viajes-al-infinito.

61 Diversas pesquisas relacionam cada vez mais o uso de mídias sociais aos circuitos de liberação hormonal de dopamina no corpo. Mais informações em: https://www.epochtimes.com.br/psicologa-analisa-vicio-facebook-midias-sociais/, acesso em 20/02/2018.

mais aberto e conectado”[62] pelo desvelar do último e derradeiro dos dez princípios do Facebook “Um mundo”: “o serviço do Facebook deve ultrapassar barreiras geográficas e nacionais e ser disponibilizado a todas as pessoas do mundo”[63]. Enfim todos os pontos se conectaram em um único ponto. Fazendo do “eu” não só um círculo, mas também um ponto ao alcance de qualquer dispositivo no qual me espalho pelo “mosaico de ínfimas pedrinhas” (FLUSSER, 2008, p. 134) do “supercérebro telemático[64]” (idem): multiplico-me e me torno sempre acessível àqueles que estão longe do tato. Fazendo do corpo não só um corpo formado por membros, tronco e cabeça com seus respectivos cinco sentidos, mas também um corpo cujos sentidos amplificados pelo corpo do aparato redimensionam o diâmetro do círculo do “eu” à circunferência do planeta Terra: faço-me do tamanho do mundo para agarrar aqueles que amo mas que não estão ao meu lado. Nesse círculo planetário coberto de pontos conectados entre si, enfim sou um com o todo: um com a Grande Mente de “Nós” tecida pelo Facebook.

Figura 6 – Grande Mente de “Nós” do Facebook e união do “eu” com todos os pontos da rede



***

[62] Informação disponível em: https://www.facebook.com/policy.php, acesso em 01/02/2018.

[63] Informação coletada em https://www.facebook.com/principles.php, disponível em 01/05/2018.

[64] Segundo Flusser, esse o tom da chamada “atual revolução cultural” (FLUSSER, 2008). Uma revolução que funde duas tendências distintas, mas convergentes: a computação de elementos pontuais sobre superfícies, rotulada sob o termo “informática”, à irradiação de elementos pontuais através da chamada “telecomunicação”. Duas tendências complementares que, mesmo simultâneas, por muito tempo foram tratadas como fenômenos separados. Fotografia e telégrafo, filme e telefone: ainda que fotos fossem telegrafáveis e filmes telefonáveis, faltava o “click” de que ambas poderiam ser tecnicamente amalgamadas. E foi somente com a dupla vídeo e sistemas de cabo que a ficha caiu: finalmente, pontos e raios, informação e comunicação se acoplaram por meio de computadores sob o termo “telemática”.

Lá estava eu, em princípios de 2014, desfocada e inebriada por sentir-me ilimitada. Não mais inacessível enquanto como, durmo, reproduzo, trabalho, medito ou estudo. Não mais disponível somente aos que fisicamente cruzo nos locais de convivência. À velocidade da luz, em qualquer lugar e sempre presente: conectada, o mais conectada possível a um "eu". Tão conectada que cuspiu para fora do círculo do "eu" um ponto de perfil e tangenciou entre eles uma via de retroalimentação mútua que orbita em torno de seu duplo multiplicando seus pontos em um grande ponto planetário capaz de abraçar o mundo. As distâncias que separavam longe e perto sumiram. E o círculo que se pensava solitário agora se une a seu duplo no *scroll* da mente individual pelo giratório de mentes do *newsfeed*. Perdendo-se para se encontrar na união eletromagnética entre ondas da mente, ondas do aparato e ondas de radiofrequência irradivéis por uma infraestrutura de antenas, cabos submarinos e satélites até chegar à vitrine de *posts* e à página do perfil. Incorporando sentidos pelo corpo do aparato e encarnando mente e alma por dispositivos, o jogo de ações e reações em torno dos itens de interação social deu a largada ao simultâneo ciclo de validação coletiva daquilo que se pensa. Eletrocutando-se pelo choque dos dedos na tela, o "eu" se ilumina pelo "Nós". Sem precisar mover braços e pernas, basta apenas coordenar mínimos movimentos das pontas dos dedos e manter os olhos sempre abertos para, sem esforço, extroverter-se o mais fora possível do corpo. Com os dedos sempre a postos para deslizar sobre a macia pele do *smartphone*, toca-se o outro pelo toque indireto entre pontos de perfis a partilhar afetos por meio de *posts*, comentários, compartilhamentos e os seis *emojis* "Curtir", "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr". Perpetuamente tocável pela presença virtual de seu duplo, a sensação de proximidade pelo toque distante cada vez mais distanciou o "eu" do toque humano. Toque cada vez mais longe do corpo, da carne, da família em João Pessoa, dos amigos em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Brasil, América Latina: do continente. Toque ausente que, aplacando a dor da saudade dos que não estavam perto pelo toque na tela, fez da busca por mediação, um vício.

2 **MEDITAÇÃO E PROCESSO DE EXPANSÃO INTERIOR**

Julho de 2014. Lembro que minha última meditação tinha sido horrível. Tudo doía: minhas pernas, coluna: mente. Meus pensamentos me atormentavam naqueles vinte minutos que pareciam não ter fim. Como de praxe, no final de toda prática fizemos o chamado "*Guru Puja*", ou seja, o entoar de um mantra em sânscrito designado para a entrega de todos os pensamentos que vierem durante a meditação sob a forma de uma flor de lótus. Naquele dia, entreguei a minha meditação. E depois da penosa experiência anterior, parece que a prece entregue em meu último Guru Puja foi ouvida: sem que eu esperasse, calculasse, pensasse ou sequer controlasse, minha *kúlakundálini* – do sânscrito "serpente enroscada" ou energia espiritual latente na base da coluna vertebral – subiu e, do nada, tudo se tornou dourado. Mesmo com os olhos fechados, eu enxergava meu entorno brilhando como o mais puro ouro. Em chamas, eu sentia meu corpo queimar de amor e se fundir naquela tão intensa luz. Uma luz que me levava às profundezas de uma indescritível força, a mais forte que até hoje senti.

Sentada em lótus, minha coluna estava dura e reta como uma barra de ferro, meu corpo chacoalhava como em um ataque epilético e lágrimas escorriam sem parar. Lágrimas de alegria, da mais alegre alegria que eu já havia sentido. Os trinta minutos designados à meditação coletiva terminaram e eu continuava ali, em êxtase, sentada, chorando. E foi aí que dita alegria se converteu em tristeza: com o intuito de consolar meu aparente sofrimento emocional – afinal, de fora, aquilo parecia uma descontrolada crise de existencial – algumas pessoas se aproximaram a começaram a me abraçar, acariciar minha mão: a me tocar. A cada toque, eu sentia o voltar de meu corpo. A cada toque, eu deixava de ser luz. Eu queria afastar as mãos, dizer "não!", mas eu simplesmente não conseguia falar nem me mover. Aos poucos, as mãos dos outros artificialmente me despertavam de meu êxtase. A sensação era como a de um "coito interrompido". Resisti por mais uns trinta minutos até que, por fim, abri os olhos com apenas um desejo: o de novamente viver aquilo sem ninguém para me tocar.

Toque. Onde foi parar meu corpo? Aonde foi levada toda aquela dor nas costas que antes me consumia? Por que minha voz havia desaparecido, e minhas mãos, amortecido? E o que aqueles toques estavam tirando de mim? Há seis meses, quando a meditação me encontrou em janeiro de 2014, topei experimentá-la movida pelo desespero de uma depressão que me deixou no fundo do poço. Depois de ter me "reconectado" após uma semana imersa em um retiro espiritual, ela então permaneceu e, desde então, eu não só precisava como verdadeiramente desejava meditar. Porém, tomada pelo impacto da experiência dourada, meditar para mim ganhou uma outra dimensão: resolvi levá-la a sério. Firmei meu corpo na

disciplina de ásanas, mantras, dieta vegetariana e dois turnos diários de meditação durante 20 minutos. Todos os dias, acordava 1h30 antes de qualquer atividade para me dedicar às práticas e mergulhava horas de meus estudos em livros sobre a "liberação da mente". Eu estava obcecada e maravilhada por aquele novo universo: do nada, eu tinha virado "a chata do yoga". E pelo jeito, eu não estava - nem estou - solitária nisso: não são raros os casos de pessoas, inclusive amigos próximos, que cada vez mais mudam completamente seus hábitos ao buscar na meditação um outro olhar sobre o mundo. Antes confinada à bolha oriental, hoje meditar é uma espécie de "febre": eletrodos são grudados à cabeça de monges com o intuito de mapear o funcionamento cerebral durante o estado meditativo; vídeos que ensinam como praticar meditação em um minuto[65] viralizam em plataformas audiovisuais; professores de yoga se infiltram nos mais altos escalões corporativos de CEO's que buscam na prática uma forma de aumentar a produtividade; e o *mindfulness*[66] não só é cada vez mais difundido como passa a integrar programas públicos de saúde.

Figura 16 – Postagem coletada sobre popularidade da meditação

Está triste? Vai meditar. Com problema de foco? Meditação ajuda muito. Quer relaxar? Medite. Insônia? Meditação. Tal como em um passe de mágica, toda e qualquer mazela pode ser miraculosamente curada no ato de meditar. Meditação hoje se tornou uma

---

65 Aos interessados, aqui vai o link: https://www.youtube.com/watch?v=F6eFFCi12v8, acesso em 13/11/2017.
66 Para saber mais, entre no link: https://www.mindfulnessbrasil.com/, acesso em 13/11/2017.

nova onda que curiosamente vem sendo surfada paralelamente à explosão de formas de sociabilidade tramadas via perfis de redes sociais: não por acaso, diariamente o Facebook pergunta a meu perfil "no que você está pensando, Camila?" ou, na versão em inglês, "*what's on your mind?*". A pergunta sobre "o que está na sua mente?" cada vez mais vem se convertendo em objeto de investigação empírica no mundo dito "ocidental". Mas afinal, que raios é essa tal de "mente"? O que a neurociência vem hoje tornando palpável no mundo do lado "de cá" através de sofisticadas técnicas de mapeamento cerebral, do lado "de lá", sem nenhum equipamento já foi intuitivamente revirada há milhares de anos por iogues que hoje saem da reclusão dos Himalaias e se espalham no caótico ruído da urbe. Mas no que o crescente desejo de meditar se relaciona com os modos de expansão do substrato biológico? E como a sede de onipresença se manifesta por meio do processo empírico da meditação?

Diante de tais interrogantes, iniciaremos os estudos da segunda antropotecnia em questão: meditação. Inspirados pela vivência pessoal da filosofia prática do Tantra Yoga proposta por P. R. Sarkar (ou Sri Sri Ánandamúrti), investigaremos a sede de ilimitado mediado não mais pela tela de *smartphones*, mas pela tela da mente. Como substrato de aproximação do toque divino, procederemos a uma arqueologia material da mente ao longo de três etapas: tal como um espelho invertido (BERNARDO, 2011) das práticas de mediação, na primeira estudaremos os processos de sutilização do substrato biológico que preparam o corpo à prática da meditação; após, descreveremos o processo de pontificação de outras camadas da mente não mais visíveis ao olho humano; por fim, nos debruçaremos sobre os procedimentos de vibração da mente pontificada por meio de mantras que buscam fundir a mente individual na Mente Cósmica. Esperamos que nesta arriscada fase, possamos escapar ilesos e dar continuidade à empreitada de estudar os modos de aproximação entre corpo e luz na busca pela iluminação da mente.

2.1 **Mente e ondas**

Este universo é constituído de vibrações.

P. R. Sarkar

Se nas práticas de mediação visibilizar a existência ondulatória do corpo é a última etapa a ser esmiuçada, na meditação ela é, de praxe, o ponto de partida: tudo que existe, seja visível ou invisível são vibrações de diferentes frequências de onda. Com este corpo vibrátil, habitamos o nível molecular e com ele constituímos os contornos de uma forma palpável, visível, delimitada. Um corpo com o qual amamos, enraivecemos, entristecemos, cansamos, agonizamos, movemos, paramos, sentimos, tocamos: afetamo-nos. Contudo, este corpo

coberto da pele que protege órgãos, tecidos e líquidos os quais tão convictamente sentimos não resume aquilo que somos: há algo mais, além da visão, além do tato, além do olfato, além do paladar e além da audição. Além dos sentidos. Além da pele. Além daquilo que se pode manipular com os gestos. Além da percepção usual de realidade. Além dos livros, tratados, escritos e documentos. Além do corpo. Além: algo somente acessível pela radical experiência de empiricamente descamar os cinco sentidos e penetrar nas profundezas dos reinos da mente.

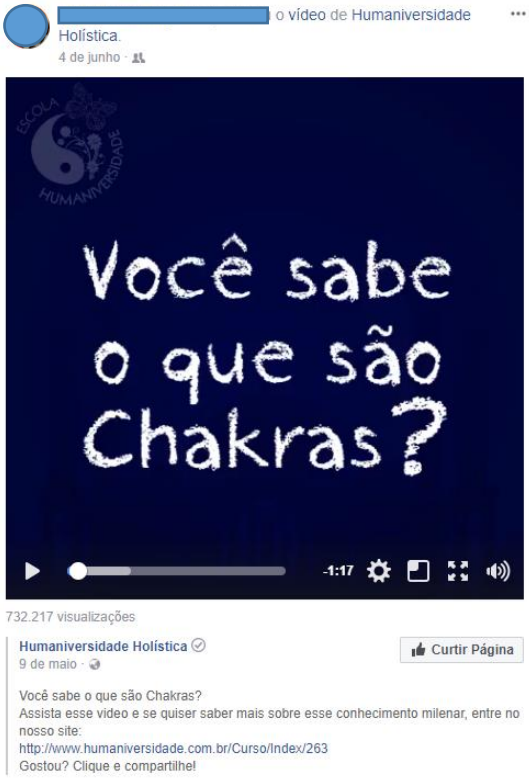
Mas se o que somos não é aquilo que sentimos tocar, muito menos o que se toca na tela de *smartphones*, o que afinal somos? Por que confundir o que já é bastante complicado? Para quê querer saber aquilo que se é? É possível agarrar a concretude do "eu" se ele nos parece sempre tão distante, fugidio, frágil? Em algum momento no início de 2014, coincidentemente no mesmo momento em que iniciaria o doutorado, questões como essas se tornaram inescapáveis: eu queria saber afinal "quem sou eu". Afogando-me nas lágrimas de uma forte depressão, passei a desejar mergulhar ainda mais fundo nas águas do tão repugnante mar da "interioridade". Repugnância: academicamente treinada para deixar de lado qualquer abordagem que sugerisse a existência de "verdades interiores ancoradas metafisicamente", só me restaram duas opções: viver uma vida regulada por antidepressivos, ou engolir meu orgulho intelectual e sair atrás de algo desconhecido. Resolvi arriscar e sem saber, ao optar pela segunda alternativa, dei vazão ao segundo vetor de desejo de expansão e desconstrução da forma física do substrato biológico: a expansão interior.

Quais os procedimentos desta outra modalidade de expansão? Agora, está em jogo um novo alvo a ser decifrado: a mente. Mente também repleta de imagens que se formam não mais em um plano exterior, mas em sete telas interiores ou camadas mentais estratificadas sob o título de *kos'as* – do sânscrito "camadas": *annamaya kos'a*, *kamamaya kos'a*, *manomaya kos'a*, *atimánasa kos'a*, *vijinánamaya kos'a*, *hiranyamaya kos'a* e *átman*. Meditar, nesse sentido, seria o constante esforço de tomar distância para melhor agarrar o *átman*: a alma onde o "eu" interior, imortal e divino, habita. Mas até lá, entre "eu" e "Deus", existe um longo percurso a ser trilhado: é preciso sair do ar por onde flutuam as ondas *wireless* e mergulhar as sete camadas da mente individual nas ondas das profundezas oceânicas da Mente Cósmica. Preparemos os pulmões, tomemos aparelhos de mergulho e respiremos fundo: passaremos da ansiedade do vício por mediar à disciplinada rigidez do meditar. Iremos descamando e penetrando estrato por estrato, plano por plano, mas nesta etapa inicial, permaneceremos apenas no primeiro: *annamaya kos'a*.

E ao que exatamente diz respeito a mais superficial das sete telas da mente? "*Annamaya kos'a*" significa literalmente "camada feita de comida": é o corpo que vemos, tocamos, apalpamos e sentimos como algo que nos pertence, nos define e nos torna quem somos. É também a primeira camada a ser quebrada pelo Tantra Yoga: "a consciência

fundamental ao desenvolvimento espiritual é a realização de que ‘eu não sou este corpo’” (ÁNANDAMITRÁ, 1999, p. 8). Mas o que então seria o corpo nisso que ele não é? Traços faciais, contornos corporais, poros, peles, boca, língua, nariz, ouvidos, sexo e todas as secreções, salivas e afecções que advêm de tais sensores com os quais nos projetamos, tornamos imagem e fazemos perfil são apenas uma única e categórica frase: “o corpo humano é uma máquina biológica” (ÁNANDAMÚRTI, 2005, p. 93). Ao negar a identificação com concretude palpável e com a imagem visível do corpo, somos invocados a nele vasculhar mecanismos: mecanismos que o tornam um veículo material a partir do qual a mente opera no mundo físico (ÁNANDAMITRÁ, 1999). Modelo não mais narcísico, refletor do “eu” que brilha pela imagem externa no plano, mas sim um modelo sensorial e empírico que descama a pele e lança o convite ao adentrar daquilo que está nas estranhas: nos circuitos que entrelaçam sistema nervoso e glândulas endócrinas à anatomia sutil dos chamados “*cakras*”. Cabe ao aspirante espiritual, então, utilizar as ferramentas iogues para dissecar como tais engrenagens operam no aparelho corpóreo. Tal conhecimento é o primeiro passo na busca por cessar o incessante ciclo de prazer e dor, conforto e angústia, alegria e tristeza experimentado pelo corpo no inevitável esbarrar entre corpos com os quais se interage no curso diário do viver. Assim, ao fazer do plano de *annamaya kos’a*, do corpo físico, um aparato regulável, o Tantra Yoga instiga a uma radical e sedutora pergunta: quais seriam então as condições de possibilidade aos afetos do substrato biológico?

Figura 17 – Postagem aleatória sobre Chakras



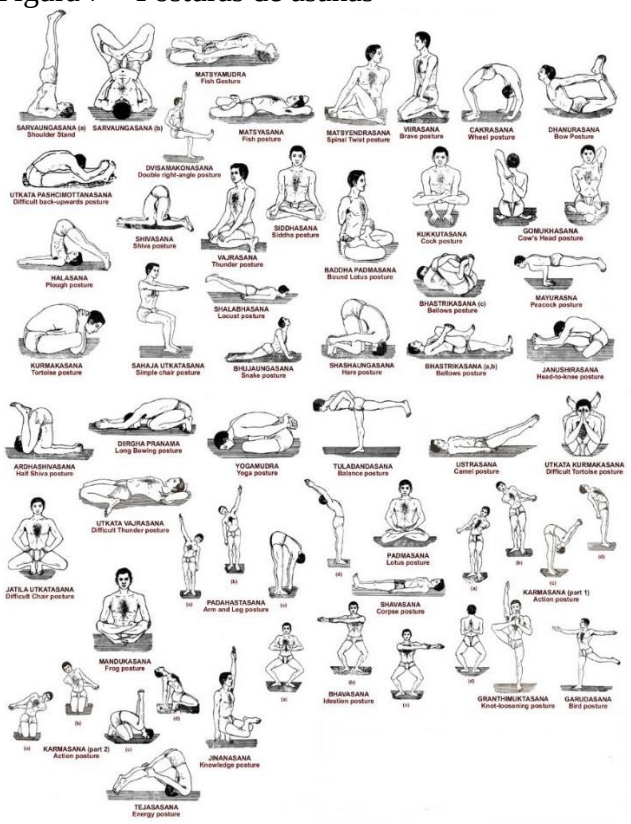
Para responder tal questão, faz-se necessário tomar posse do bisturi tântrico para cortar a pele e abrir as enigmáticas conexões entre três sistemas: glândulas endócrinas, nervos e *cakras*. A começar por algumas definições básicas: a) glândulas endócrinas são órgãos epiteliais responsáveis por jorrar na corrente sanguínea hormônios que circulam dentro do corpo; b) já nervos são prolongamentos axônicos responsáveis por conduzir impulsos elétricos provenientes de todas as partes do corpo ao sistema nervoso central e, do sistema nervoso central, transmitir os comandos ali gerados de volta a todas as partes do corpo; por fim, c) *cakras* - do sânscrito "círculo" - são vórtices energéticos que funcionam como subestações da mente distribuídos ao longo de sete pontos da coluna vertebral. Todos os seres dotados de sistema endócrino possuem nervos e, consequentemente, *cakras*. Lagartixas, sapos, cobras, ratos, pernilongos, abelhas, aranhas, baleias, polvos, cangurus, gatinhos, vacas, cavalos e cachorros. Nos seres humanos, a posição de tais glândulas dentro do corpo coincide com a exata localização do entroncamento de três canais de energia – os *nadiis id'a*, *sus'umna* e *piungala* – que alojam os vórtices energéticos distribuídos na coluna. Nova espécie de nó: ao invés do cruzamento entre pontos de perfis em redes sociais, está em jogo o tecer da costura glândulas/*cakras* ao longo dos pontos energéticos das redes neurais de *annamaya kos'a*. E nisso constitui a eureca da analítica iogue: mapear a produção de afetos a partir do vínculo entre o coquetel químico dos hormônios e o funcionamento vibratório dos sete *cakras*.

Fora dos atlas médicos tradicionais, para a Biopsicologia do Tantra (ÁNANDAMÚRTI, 2005) afetos de todo tipo nada mais são que uma enxurrada hormonal transmutada em impulsos elétricos a serem controlados pela contínua regulação dos pontos dos *cakras*. Reguladas para que as imagens pensadas não reverberem nos nervos vibrações mentais de gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça e vaidade – os sete vícios rotulados pelo cristianismo como pecados capitais que sintetizam o total dos afetos possíveis nos *vrttis* dos ditos "*cakras* inferiores". "*Vrttis*", do sânscrito "redemoinho" são como pétalas de uma flor de lótus e se assemelham a pequenas molas que, ao vibrar, manifestam uma determinada propensão psíquica: ao invés dos seis afetos programados pelo Facebook na forma de *emojis* "Curtir", "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr", agora é do somatório de 50 pétalas distribuídas ao longo das sete flores dos *cakras* que emergem todo e qualquer afeto da mente humana. Contudo, há uma outra diferença: os pontos energéticos de *annamaya kos'a* se alojam não mais na superfície de telas que brilham imagens acessíveis ao simples toque da ponta dos dedos. Entranhados dentro do corpo, tais pontos capazes de controlar as tendências "menos elevadas" da mente são somente tocados por meio de dois métodos principais de

sutilização do substrato biológico: o completo contorcer do corpo através da pressão interna exercida pelos *ásanas* e a alteração da densidade celular proporcionada pela adesão à dieta *sáttvika.*

É preciso então deixar o *smartphone* de lado, esquecer um pouco o deslumbre provocado pela topologia dos pontos contorcíveis do Facebook e tratar de criar maleabilidade em um outro espaço: o espaço ocupado pela solidez do corpo. Não por acaso, uma das regrinhas de etiqueta mais básicas em qualquer classe de yoga é o desligar ou silenciar de tais aparatos. Confesso que tal demanda nunca me foi agradável: deixar de estar socialmente acessível a todos os perfis da rede em princípio causa como que um comichão. Contudo, minha coluna se curvava de culpa, meu coração enrijecia de tristeza, a barriga queimava de raiva e a cabeça doía de tanto pensar: eu precisava dar um jeito naquilo. O jeito era, então, desconectar do fora e reconectar ao dentro: tocar os pontos dos *cakras* e minimamente controlar o mar de hormônios que excitavam meus *vrttis* a expressar emoções nada agradáveis. Para tal, por pelo menos uma hora eu abria mão do siriricar da ponta dos dedos e integrava ossos, músculos, tecidos e tendões a uma rotina diária de dobramentos, torções e contorções em posturas de *ásanas*.

Figura 7 – Posturas de ásanas



"*Ásana*" literalmente significa "posição na qual se sente confortável" (ÁNANDAMÚRTI, 2000, p. 23). Algumas nem tanto - e por isso correm um alto risco de virar estrambólicas *selfies* publicadas como forma de validação social do rigoroso esforço físico demandado. Mas de modo geral, tratam-se de posturas acessíveis e que pouco desafiam a força dos músculos ou da gravidade: consistem apenas em movimentos lentos acompanhados por respiração profunda e, alternados por períodos de completa imobilidade, criam um relaxamento profundo dos músculos e nervos (ÁNANDAMITRÁ, 1999). Inspirando e expirando. Puxando e repuxando. Nestes ciclos de ação e fixidez ritmada, aos poucos o ar circula por entre membros, tronco, cabeça e realiza a oxigenação celular necessária à distribuição de energia vital (*pranah*) pelo corpo. E ao regularmente sincronizar a entrada e saída do ar às dobraduras do corpo, não somente se contribui para a elasticidade e tonificação muscular mas, sobretudo, pressiona-se os pontos dos *cakras* onde estão alojadas as glândulas endócrinas. É este o principal efeito a ser logrado com a prática de *ásanas*: "ajudar a acalmar e controlar a mente" (ÁNANDAMITRÁ, 1999, p. 54) através do constante comprimir e estender destes nódulos responsáveis pelo jorrar hormonal que compõe o tecido sensível do corpo. Assim, dentre as mais de 50 mil possibilidades, algumas posturas se tornaram regulares no diário esforço de regulação dos afetos: *yoga mudrá* (postura de yoga), *dirgha pran'áma* (longa saudação), *gomukásana* (cabeça da vaca), *janushirshásana* (cabeça no joelho), *naokásana* (postura do barco), *bhujangásana* (postura da cobra), *matsyendrásana* (postura da torção), *padahastásana* (postura das mãos nos pés), *sarvangásana* (postura da vela), *matsyamudra* (postura do peixe), *halásana* (postura do arado) e *shasangásana* (postura do coelho).

Mimetizando imagens de animais, objetos, cumprimentos e movimentos angulares, a disciplinada repetição de *ásanas* dá acesso à interação com os pontos escondidos nos circuitos eletrônicos do plano físico de *annamaya kos'a*. Circuitos trinos, compostos pela junção de terminações nervosas capazes de expressar em emoções as informações hormonais secretadas por glândulas endócrinas que, por sua vez, estão submetidas ao ponto controlador dos sete *cakras*. Elétrons, líquidos e vibrações: três entes que se organizam no substrato biológico de modo a processar os mecanismos necessários à circulação energética de ondas pelo corpo, ou em linguagem iogue, de *pranah*. E em vão é o esforço de virar e revirar *annamaya kos'a* em *ásanas* para tocar seus pontos mas continuar a carregar as baterias de seus circuitos com alimentos provenientes de energias densas. Por isso, embutido no pacote do desejo por meditação está incluso o alterar das fontes a partir das quais se extrai a seiva prânica. Já imaginou comer uma farta feijoada, fazer *ásanas* e logo depois sentar para meditar? Não diria

ser tal façanha um feito impossível, mas provavelmente um tanto quanto indigesto. Isto porque, sempre que comemos, boa parte do sangue do corpo fica concentrado na região abdominal para que a comida ingerida possa ser paulatinamente digerida e convertida em combustível energético ao aparato corpóreo. Logicamente, quanto mais pesada a refeição, mais longo é o tempo de absorção intestinal e, consequentemente, maior o índice de toxicidade gerado pelo alimento no corpo. Para evitar tais inconvenientes, um segundo método de sutilização do substrato biológico disponibilizada pelo Tantra Yoga é a prática da chamada "dieta *sáttvika*".

Quem dera fôssemos como os *smartphones* que bastam plugar um cabo para receber diretamente energia pura, já mastigada e eletrizada, e carregar suas baterias. Mas não. Temos boca, tripas, ânus, um sistema digestivo completo cheio de dentes, líquidos e enzimas que se encarregam de triturar tudo que colocamos para dentro até finalmente obter o sumo energético que abastece o corpo. É nesse sentido que a alimentação *sáttvika* entra como uma técnica complementar à prática de ásanas: ela atua enquanto uma ferramenta de extração de energia a partir da ingestão de um determinado grupo de alimentos que tornam o corpo mais "leve", ou seja, menos sobrecarregado com o processo de digestão de frequências de matéria mais densas. Se existe a opção de carregar a bateria do celular com energia proveniente de mais fontes limpas e renováveis, e não da queima de carvão em usinas termelétricas, por que não? Lógica semelhante se aplica à comida: partindo do pressuposto de que a qualidade vibracional da comida afeta diretamente a vibração física e mental daquele que a come, a dieta *sáttvika* evita alimentos provenientes da morte de seres com sistema nervoso complexo, alucinógenos ou hiperestimulantes. Por isso, o grupo de nutrição *sáttvika* é bastante específico e, em geral, fora das praças de alimentação de *shoppings centers*: restringe-se a uma dieta vegetariana, regada a muitos grãos, castanhas, leguminosas, frutos, leite e seus derivados, e vegetais com a exceção de alho, cebola, cogumelos. Nada de ovo também. O motivo? Se o corpo se tornar mais sutil, menos carregado com a energia proveniente de sofrimento animal e de substâncias psicoativas, o mesmo acontecerá com a mente, que aos poucos passa a estar menos agitada e perturbada.

Não é por acaso que *annamaya kos'a* é literalmente a "camada feita de comida". Ao levar a sério o velho ditado "você é o que você come", o substrato alimentar é classificado não a partir de aspectos como gosto ou propriedades nutricionais: o que é levado em consideração é a qualidade vibracional da matéria em questão[67]. E se a Mente Cósmica vibra

[67] As categorizações sáttvika e outras duas dietas, a rajásika e a tamásika, estão intimamente relacionadas às forças de criação do universo: o ciclo cósmico ou "bramahcakra". Como o próprio nome diz, bramahcakra é

em uma frequência de ondas sutil, tocá-la demanda também a consequente sutilização daquele que deseja tomar distância de uma série de hábitos socialmente arraigados para melhor agarrar a Deus pela mediação da mente. Drástica distância. Aderir à dieta sutil foi um tanto indigesto para muitos integrantes de meus círculos de convivência: filha de carnívoros gaúchos donos de restaurantes italianos com deliciosos pratos refogados em generosas doses de alho e cebola, ao me proclamar "vegetariana" e resistente a tais temperos, de uma hora para outra virei o "*alien*" da família. Perguntas como "tem certeza que isso é saudável?" passaram a ser um tema frequente de preocupação materna – e também um alvo de constantes interrogatórios por parte de amigos acostumados com a Camila que petiscava bife acebolado e bebia aquela cervejinha no bar: batata frita com queijo virou o tira-gosto da vez e, água com gás, gelo e limão, o *drink* favorito. Contudo, se no mediar, o encontro entre corpo e aparato produz a introjeção de energia pelo toque da ponta dos dedos que nos alimentam de imagens, agora está em jogo um outro grau de rarefação material. Ao fazer do próprio corpo um aparato, um meio para a conexão com o divino, a informação vibratória que compõe os alimentos e é deglutida pela boca penetra fundo. Tão fundo quanto os centros energéticos dos *cakras* que regulam a produção de imagens na mente. Quem sabe algum dia façamos fotossíntese e vivamos de luz? Enquanto isso não acontece, resta ao aspirante por meditação proceder à devida sutilização de si para que possa experienciar uma nova etapa: sentar em lótus e mergulhar ainda mais fundo nos afetos de outros planos ou camadas da mente.

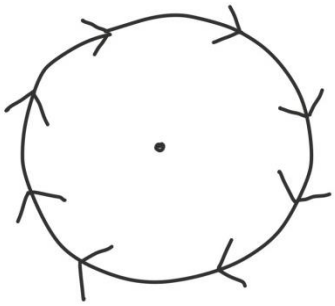
2.2 **Mente e ponto**

> Para compreender a Entidade mais sutil, o intelecto precisa se tornar extremamente sutil e agudo, como a ponta de uma agulha; todos os desejos e propensões precisam ser focados em um ponto.
>
> *P. R. Sarkar*

---

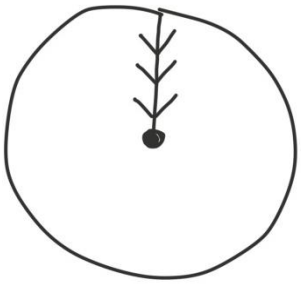
literalmente o "círculo de Bramah", entidade infinita, eterna e imutável que tudo contém e em tudo está contido. E segundo a cosmologia do Tantra Yoga, Bramah se expressa a partir da conjugação de dois princípios: o princípio cognitivo Purusa, consciência que testemunha o universo; e o princípio operativo Prakrti, que funciona como força atadora e de ligação sob a direção de Purusa. Enquanto Purusa placidamente observa, Prakrti é a energia que coloca a mão na massa e atua na densificação da Mente Suprema em matéria palpável. Nesse processo, Prakrti faz uso de três diferentes atributos de força – os chamados gun'as: a força sutil ou sattvagun'a; a força mutativa ou rajogun'a; e a força estática ou tamogun'a. É a partir das qualidades de cada gun'a que a comida é distribuída em três categorias gerais: comida sáttvika, atrelada à força sutil; comida rájasika, relacionada à força mutativa; e comida tamásika, associada à força estática.

Figura 19 – Círculo do “eu”
e ponto divino do “Eu”



Imagine um círculo. Imagine também que no meio do círculo, existe um ponto. Atraído pela força desse minúsculo mas tão magnético ponto, o círculo gira: um “eu” individual dança ao redor de um Centro, um Núcleo, um grande “Eu”, chamado *Parama Purúsa* ou simplesmente, Deus. Como agarrar aquele ponto divino do “Eu” sobre o qual o “eu” torpemente rodopia? Como então fundir o “eu” unitário ao “Eu” ilimitado? Frente à angústia da distância que separa círculo e núcleo, resta apenas uma opção: parar de dar voltas e voltar-se para dentro, ou o que P. R. Sarkar chamou de “cortar pelo raio” (ÁNANDAMÚRTI, 1979). Geometricamente, raio é a distância do centro a qualquer outro ponto de uma circunferência. Meditativamente, isso implica em criar uma reta, uma passagem, um canal que possibilite uma via direta para a conexão entre círculo e centro, entre “eu” e “Deus”. Isto porque, depois de preparar as vibrações do corpo físico com *ásanas* e energia *sáttvika*, dá-se início a uma nova fase de sutilização: a transformação de todas as imagens da mente em um único ponto pequeno o bastante para percorrer este estreito e nada curto atalho criado pelo método da “meditação”.

Figura 20 – Cortar pelo raio



Se mediando, criamos aparatos técnicos de imagem que hoje exteriorizam o “eu” em planos na forma de pontos energizados de perfis, meditar envolve outro tipo de procedimento técnico: o desligamento de cada plano ou *kos’a* através da progressiva introversão nos mecanismos de funcionamento do aparato mental. Para tal, chegou a vez de então rarefazer o próximo *kos’a* mais conhecido por “*kamamaya kos’a*”. “*Kama*” vem do sânscrito “desejo”.

Consequentemente, *kamamaya kos'a* é literalmente a "camada do desejo". Este é o primeiro plano da mente consciente, responsável pelo controle da camada anterior (*annamaya kos'a*) e mobilizado por uma incessante busca: de prazer em prazer, de desejo em desejo, *kamamaya kos'a* vaga pelo mundo exterior em busca de um novo objeto de satisfação. Busca desgovernada, faminta pela contínua excitação dos dez *indriyas* ou órgãos sensório-motores: cinco órgãos de conhecimento ou *jinánendriyas* – orelhas, olhos, pele, nariz e língua - e cinco órgãos de ação ou *karmaendriyas* – mãos, pés, cordas vocais, órgãos excretores e órgãos genitais. É a combinação desses dez sensores acoplados ao plano de *kamamaya kos'a* que se habilita a experiência de três cruciais funções: a) sentir; b) processar com aversão ou atração o estímulo sentido; e c) agir frente ao *input* de atração ou aversão. Funções intimamente relacionadas aos quatro instintos básicos de fome, sono, medo e sexo à serviço da autopreservação e reprodução animal (ÁNANDAMITRÁ, 1999): já pensou o perigo de não reagir frente à sensação de dor e não se entregar à buscar por prazer? Contudo, no bicho humano tais instintos se manifestam de modo sofisticado. A necessidade de comer não só sacia, assim como o dormir, o amedrontar e o transar transbordam a mera manutenção vital: conscientemente, desejamos.

Não é à toa que os Upanishads[68] afirmam ser a "mente uma carroça puxada por dez cavalos selvagens". Em uma época de hiperestímulos[69], especialmente estímulos publicitários que incitam ao deleite pelo contínuo eletrocutar do corpo em telas, é preciso dar um basta. Um basta à indomável sobrecarga de impulsos e vibrações que agitam *kamamaya kos'a* a procurar mais e mais prazer. Um basta a partir de uma brusca intervenção: findar o girar do círculo do "eu" pela completa paralisia de todos os *indriyas*. A começar pelos órgãos motores: ao contrário de deslizar os dedos sobre planos, as extremidades de ambas as mãos se entrelaçam fixamente no colo; ao invés de mover as pernas e deitar, correr, caminhar ou parar de qualquer forma, elas se cruzam em *Padma'sana* (Postura de Lótus) imobilizando em uma só tacada pés, genitálias e órgãos excretores; ao contrário de falar, as cordas vocais emudecem para apenas ouvir os ruídos interiores. Pronto: mãos, pés, cordas vocais, órgãos excretores e genitais estão agora travados sem a menor possibilidade de movimento. Resta então remover os órgãos sensoriais: com o fechar dos olhos, a visão se desliga da tela do *smartphone*; a língua é dobrada sobre a abóbada palatal para controlar a atividade gustativa (ÁNANDAMÚRTI, 2008); os dedos das mãos entrelaçados e os pés cruzados em lótus auxiliam no progressivo desativar do tato; como o ouvido não deixa de ouvir, o jeito é

---

[68] Os Upanishads integram os Vedas e formam parte dos textos em sânscrito antigo que contêm alguns dos conceitos filosóficos fundamentais ao Hinduísmo.

[69] Segundo Singer (2010), hoje vivenciamos um outro nível de estímulos: os hiperestímulos da denominada "modernidade neurológica" (SINGER, 2010) a qual implica em outras transformações na estrutura da experiência. Nela, a "intensificação da estimulação nervosa e do risco corporal" (p. 117) são as pedras de toque para a composição de outros modos de sentir e de lidar com o regime sensorial contemporâneo.

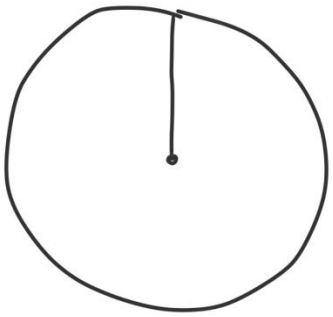
protegê-lo em um local livre de barulhos, ruídos e, principalmente, interrupções sonoras de celular; e por fim, o olfato é também isolado em um ambiente fresco e sem odores fortes ou incensos.

Encapsulados todos os *indriyas*, finalmente pode-se dizer aquela singela frase mais conhecida por “sentar para meditar”. É como se pegássemos o *smartphone* e dele tirássemos suas antenas, seus fones e sua tão sedutora tela: o que resta dessa sentada? O que acontece depois de enrijecer a coluna e desabilitar ao máximo todos os sensores que conectam o “eu” ao mundo exterior? Individualmente, cabe a cada um testar por si mesmo: ajeitar as pernas como se pode e entrar em contato com a singularidade da própria experiência. Mas, em geral, há sim uma vivência comum. Ao se desativar as engrenagens que ativam a produção de desejo, mil imagens invadem a mente: pensamentos, memórias, planos, visões... Aquele problema de família que sempre volta a causar conflito, as contas que ainda estão por chegar, o salário atrasado, o último *post* na rede social, o filme que se viu semana passada, as notícias sobre a falência da política nacional, o trabalho que depende da boa vontade de tantas outras pessoas para ser realizado, o encontro com amigos no bar, a deliciosa comida tailandesa, as ideias filosóficas do livro que se leu, a poesia que comoveu, e por aí vai. E um outro detalhe: em geral, essas imagens não param. Muito pelo contrário, são tão intensas que chegam a atormentar. Não deveria ser exatamente o oposto? E todos aqueles retratos de sábios iogues e monges meditando na mais plácida expressão de paz?

Figura 21 – Postagem coletada da cartunista Bruna Maia

É difícil encontrar paz[70] quando se entra de vez no plano subconsciente de *manomaya kos'a* ou, literalmente, "camada do pensamento profundo". "De vez" porque normalmente sua atividade é encoberta pelo frenético atuar de *kamamaya kos'a*. Contudo, temporariamente atrofiados os mecanismos de atração e aversão rumo ao fora pela execução da postura de meditação, os desejos que foram subconscientemente reprimidos emergem como que de rompante. Não se desespere caso você tenha se arriscado a entrelaçar as mãos, sentar em lótus, fechar os olhos, isolar o nariz e os ouvidos e toda sorte de pensamentos brotar nas imagens de sua tela mental. As imagens aí retidas não são em vão, nem estão aí para te perturbar. Elas apenas têm por objetivo realizar três funções: a) experienciar prazer e dor através de pensamentos; b) pensar profundamente através de sonhos; e c) refletir pelo uso da memória e do intelecto. Isso implica que, sem *manomaya kos'a*, seria impossível resolver problemas ordinários da vida cotidiana, pensar filosoficamente, processar experiências através de sonhos, lembrar e relembrar acontecimentos e gerenciar informações em âmbito intelectual. Contudo, tanto quanto o corpo, essa enxurrada de vibrações que invade a mente também é um obstáculo ao desejo de ilimitado: a absurda quantidade de imagens a pipocar no plano deste *kos'a* não é suficientemente pequena para percorrer o microscópico duto que interliga o "eu" circular ao ponto divino do "Eu". Faz-se necessária uma outra técnica de intervenção tântrica: se sentar para meditar possibilitou o fim do rodopiar do círculo do "eu", cabe agora desintegrar a linearidade do círculo em pontos e reduzi-los a um único ponto. Mas no que exatamente se traduz esse processo?

Figura 8 – Paralisação dos giros do círculo do "eu"



A figura geométrica euclidiana do círculo possui características bastante peculiares: não tem vértice, não tem base e nem pontas; tem uma área interna, tem um centro e tem um raio cuja distância é sempre a mesma. O círculo é tão redondo que se basta a si mesmo: o

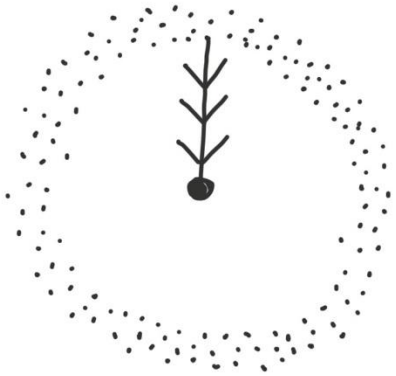
[70] A figura 21 integra o sagaz e inteligente trabalho da jornalista e cartunista Bruna Maia, disponível no site: https://www.instagram.com/estarmorta/, acesso em 31/05/2018.

círculo é fechado. Esmigalhar tal solidez da forma circular não é fácil, mas inescapável ao ato de meditar. É preciso que o círculo do "eu" se esfarele e perca a definição de seus contornos. E tal processo é realizado através dos chamados "*shuddhis*", do sânscrito "purificação". Em um total de três, os *shuddhis* são técnicas de visualização que colocam em prática o processo de suspensão, de retirada da mente dos limites espaço-temporais para que ela assuma a minúscula existência de um ponto. E ele começa pela remoção do ambiente exterior com o primeiro *shuddhi*, o *bhuta shuddhi*. "*Bhuta*" significa "objeto criado", ou seja, tudo que tem existência aos sentidos e contra o qual esbarramos o corpo físico ou *annamaya kos'a*. Nesse sentido, *bhuta shuddhi* visa efetuar o completo desligamento do espaço externo no qual o corpo está contido: é o "processo de abstração mental em relação ao mundo exterior" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 146). Ou seja, tomar distância do concreto para melhor agarrá-lo sob a mediação de visualizações, de imagens internas vistas mesmo com o fechar dos olhos que visam "retirar a mente de todas as vibrações externas" (ÁNANDAMITRÁ, 1999, p. 66). Não mais a pólis facebookiana em seu espaço topológico recheado imagens a serem vistas e tocadas nem o espaço tridimensional sobre o qual se percorre ao longo da paisagem natural e urbana. Simplesmente, não há mais a experiência de espaço físico: já não mais importa se a redondez do "eu" sentou para meditar no silêncio dos Himalaias ou no meio do caos urbano, com a aplicação desta técnica nenhum dos estímulos sensoriais provenientes do ambiente externo deveria ser capaz de produzir sensível.

O círculo do "eu" está então isolado: fora da sala, fora da casa, fora da cidade, fora do estado, fora do país, fora do continente, fora do planeta Terra. Ali, fatalmente só, ele paira sobre a vastidão do espaço cósmico. Apenas a imensidão cósmica testemunha isso que se tornou a única entidade existente dentre tudo que há. E é neste momento que se inicia o segundo *shuddhi*, o "*ásana shuddhi*", responsável por desfazer "os condicionamentos que levam a mente a se identificar com o corpo" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 146). Para ocidentais, esse é um dos golpes mais duros do ferramental iogue. Martelada seca e precisa. Dela, resta apenas o pó dos pontos flutuantes daquilo que um dia foi vivido como tudo o que se é: um círculo fechado dotado de um corpo individual. Do latim "*individuus*", ou seja: indiviso. Concreto, reconhecível e unitário. Consequentemente: egóico e autossuficiente. Estraçalhar tal identificação com a imagem de si, com as *selfies* e com as fotos postadas no perfil dói. Tal como um ovo cuja casca se quebra e remanesce apenas uma gelatina informe e escorregadia, tudo aquilo que tanto se cultua, adorna, veste, despe, penteia, embeleza e que todo santo dia o espelho mostra enquanto reflexo do "eu" de pronto cai por terra. Não importa quão feia ou bela os olhos veem a cobertura epidérmica, além dela está inevitavelmente uma

gosma desfigurada que, no caso da desintegração do círculo do “eu”, trata-se de uma gosma de pontos que paira no lamaçal subconsciente de *manomaya kos’a.* Lamaçal denso, cheio de projeções, medos, dúvidas, buscas: imagens mentais. Por isso, depois de triturada a existência circular do “eu” que se identifica com a imagem corpórea, é preciso continuar a macerar a mente de modo que os pontos de suas imagens se reduzam à mais ínfima quantidade: um único e singular ponto no universo “tão focado como a ponta de uma agulha” (ÁNANDAMÚRTI, 2001, p. 1).

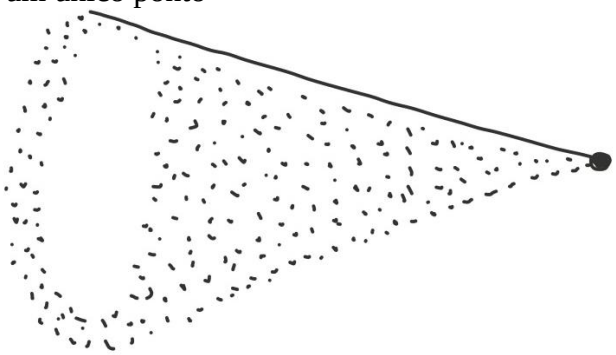
Figura 9 – Fragmentação do círculo do “eu”



Como fazer isso? Será possível que a mente se torne tão pequena quanto um mísero ponto? Tal como o raio laser que aumenta sua potência por concentrar-se em uma só frequência, do mesmo modo deve ser a mente: uma “mente uni-apontada” ou “a*gryábuddhi*”. Contudo, para atingir tal estado no qual “o espelho mental se torna puro” (ÁNANDAMÚRTI, 2001, p. 1) é preciso não só retirar o corpo do espaço físico como apagar a própria concretude da existência corpórea pela execução de *ásana shuddhi*: novamente através do uso de visualizações, agora o somatório dos pontos a povoar a mente passa por um intenso processo de afunilamento. Funil da disciplina: se no mediar, tocar os pontos da imagem é um gesto automático que requer o mínimo esforço das pontas dos dedos daquele que o executa, no meditar é o exatamente oposto. Somente por meio uma série de técnicas de contínuo esforço tal empreitada é lograda. Não por acaso a palavra sânscrita para meditação é “*sadhana*”, literalmente, “esforço”. E é nesta árdua musculação da mente que gradualmente a atenção é desligada “de cada parte do corpo e se concentra em um ponto conhecido como *Ista cakra*” (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 146). Aqui, não mais existe o espaço ocupado pelo substrato biológico: o “eu” virou apenas mente manifesta sob a forma de um único ponto. E

devidamente apontada, ela irá fixamente se alojar no *Ista cakra*[71] para encontrar ali uma morada definitiva ao ponto determinada por um dentre três possíveis *cakras*: *anahata*, *vishuddha* e *ajina*. Não há mais a possibilidade de trocar pontos pelo choque dos dedos em telas de *smartphone* nem enviá-los aos mais remotos locais através de ondas *Wi-Fi*. O ponto do "eu" está rigidamente cimentado para que a mente pare de vagar e se concentre apenas ali, parado naquela mínima mancha de imagem.

Figura 10 – Afunilamento dos pontos mentais a um único ponto



Nesse estágio da meditação, cabeça, troncos, membros, órgãos, músculos, ossos, tendões, nervos, secreções e sentidos do corpo estão suspensos: sumiram os contornos que determinam a forma humana. De olhos fechados, tudo que se vê na escuridão do espaço cósmico ficou resumido a este solitário ponto a habitar um ponto de *cakra*. Solitário, porém nem tanto. O ponto do "eu" deseja agarrar o Ponto do "Eu" Divino, a Mente Suprema além das constrições do espaço-tempo. O "eu" anseia ser ilimitado. Para tal, dá-se início ao terceiro e último *shuddhi*: o "*citta shuddhi*". "*Citta*" designa a "substância mental" ou "ectoplasma". Temos aí um novo alvo a ser atacado pelo bisturi tântrico: como tudo que resta de consciência não mais está no espaço externo nem no corpo, mas somente na mente, ou melhor, no mínimo ponto que ela se tornou, é preciso então dissecar a constituição deste ponto de modo a torná-lo ainda menor e mais afiado. Mais afiado, isto é, mais sutil e, portanto, mais apto a chegar perto do divino "eu" interior. Para tal, cabe realizar a suspensão da porção mais densa da mente responsável pela produção de imagens: *citta*. Não por acaso, *citta* é considerado como a "tela mental" (ÁNANDAMÚRTI, 2008), ou seja, a parcela mental que toma a forma da vibração sensorial percebida ou da ação planejada. Sim, pode parecer um pouco esquisito para nossa humana ocidentalidade, mas segundo os iogues tântricos existe uma parte da mente que

[71] Cada pessoa tem seu próprio Ista cakra personalizado, designado oralmente e de modo presencial por um instrutor treinado de meditação. Tal escolha está de acordo com a frequência de cada ritmo vibracional pessoal.

literalmente se metamorfoseia em objetos externos a partir de tudo que vê, ouve, saboreia, cheira e toca ou, em suma, em tudo que pensa ou se recebe enquanto estímulo exterior. Imagine quantas e quantas milhares de imagens não vibram e são ali processadas no rolar do *newsfeed*? É esta hiperativa fração que agora é preciso parar para que o "eu" possa apenas pensar em uma só ideação: a imagem da Consciência Cósmica.

Como treinar *citta* para que ele cesse de se transmutar na forma de todos os planos, dúvidas, certezas, desejos, medos, ideias, instintos e estímulos externos que o tomam? O contraditório disso é que para lograr tal feito, não adianta nem tentar parar de pensar. É simplesmente "impossível pensar em nada. A mente deve sempre ter um objeto" (ÁNANDAMITRÁ, 1999, p. 69). Teste por você mesmo. Quando você achar que está pensando em "nada", "nada" virou seu o novo objeto de pensamento. E no momento que for sugerido: "não" pense no elefante azul, lá estará ele, imenso e impávido, a exibir sua azulez. Por isso, para dar um fim à atividade de *citta*, *citta shuddhi* propõe uma terceira técnica de visualização: imaginar que o ponto localizado no ponto do *Ista cakra* está mergulhado "dentro do oceano da Consciência Cósmica" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 146). Ao projetar a imagem de tais ondas submergindo e envolvendo o "eu" no mar cósmico, *citta* então se dissolve em uma outra parcela mais sutil da mente chamada "*aham*", ou ego. Ali, em *aham*, reside a sensação "eu faço": nele se sente tanto a autoria do fazer quanto o sentimento de posse das ações desencadeadas pelo "eu". "Eu faço" que retirado das imagens de objetos exteriores e mergulhado no vaivém das águas divinas, gradativamente reduz ainda mais o tamanho do ponto do "eu" até que ele se torne suficientemente diminuto para, enfim, atravessar o estreito duto do raio que corta diretamente ao Núcleo de *Parama Purusa*. O que nos aguardará nessa nova etapa da travessia? Como será possível ao ponto do "eu" cruzar o canal que conduz ao *átman*?

Figura 25 – Atravessamento do estreito entre "eu" e alma

2.3 **Mente e choque**

A partir do choque vem a coesão.

P. R. Sarkar

Finalmente, depois de três *shuddhis* pudemos nos desfazer de três distintas dimensões de experiência: a do entorno, a do corpo e a da enxurrada de pensamentos subconscientes. Do círculo que apenas enrolava e que foi desintegrado em um amontoado de pontos desgovernados, restou apenas um único e solitário ponto do "eu" pronto para percorrer seu último e derradeiro percurso com destino ponto divino do "Eu": as três últimas camadas da mente - *atimanasa kos'a*, *vijinánamaya kos'a* e *hiranyamaya kos'a* - que dão acesso ao *átman*, à "alma" imortal. Engana-se quem acreditou que esta seria uma travessia suave: não há como atravessar a linha de chegada sem antes vivenciar uma incontável série de choques armazenados na primeira camada da mente superconsciente, "*atimanasa kos'a*" ou, literalmente, camada supramental. Mas de que tipo de choque estamos falando? E como é possível que algo como "choques" sejam alojados em um dos planos da mente humana? Bom, alguns dos pensamentos, imagens e sonhos de *manomaya kos'a*, aquelas paranoias e medos que parecem irracionais já eram indícios, sinais de que em algum momento tais choques de fato se manifestariam. Pois bem, aqui eles estão. Choques que nos defrontam com situações nem sempre agradáveis ou passíveis de serem curtidas e compartilhadas em perfis de rede sociais: a morte de um amigo ou parente próximo, um dolorido rompimento amoroso, uma demissão, um acidente, falsas acusações, problemas financeiros, um repentino assalto, dúvidas existenciais, uma grave depressão... Enfim, todo tipo de desgraça passível de acontecer nada mais são que choques tântricos expressos sob a forma de "*samskaras*".

Figura 11 – Atravessamento das três últimas camadas da mente

Mas antes de entrarmos mais nesse processo, o que exatamente são "*samskaras*"? De modo geral, *samskaras* são reações em potencial. Neles, a máxima Física de que toda ação corresponde a uma reação é vislumbrada em suas últimas consequências: para o Tantra, toda e qualquer ação não somente tem "reações externas, mas também internas, ou seja, o autor de uma ação consciente também sofre uma reação interna" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 131). Tal premissa implica que "havendo ou não ação física ou expressão comportamental, se houver pensamento, uma ação (*karma*) terá sido realizada" (idem). Aquele "filho da puta, um dia me paga", "que merda é essa que essa pessoa está fazendo?", "idiota!", "que mulher mais horrorosa!", "quando esse imbecil vai acordar para a vida?". Sim, todos esses pensamentos mesquinhos e tacanhos são ações. E como a fonte de todo *karma* é *aham* ou ego, também nele será vivenciado o resultado psíquico dos atos levados a cabo. Atos que podem não mover braços e pernas, tronco e cabeça, mas ao movimentar frequências de ondas que fazem vibrar distintos planos da mente imediatamente produzem, assim como na Física, uma reação igual e de efeito contrário. Igual e contrária, mas isso não significa que tal simetria será dada pela repetição da mesma ação ou experiência que a gerou. É aquele velho ditado "aqui se faz, aqui se paga" com uma diferença: "aqui" não necessariamente significa na mesma encarnação ou da mesma forma, mas certamente na mesma intensidade.

Para o Tantra existem três tipos de *samskaras*: a) os inatos; b) os impostos; c) e os adquiridos. Inatos porque dizem respeito a "tendências mentais herdadas de vidas anteriores que moldam o corpo físico e a mente do indivíduo na vida atual" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 133) e se traduzem em fobias e gostos inexplicáveis, doenças inatas ou habilidades geniais, por exemplo. Impostos porque relacionados a fatores sociais como "cultura e o ambiente" (idem) que moldam a personalidade e subjetivam atitudes morais tais como racismos, machismos, nacionalismos e os tantos "ismos" cotidianos. Já os adquiridos são aqueles produzidos durante o tempo de vida a partir das "ações exercidas pelas pessoas com o sentimento de ego" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 134). Da combinação destes três tipos de *samskaras*, forma-se um "eu" cheios de *vrttis* ou propensões psíquicas que age e, a cada ação realizada, deixa uma impressão, uma marca na mente. Difícil escapar ileso e deixar a mente lisinha, sem nenhuma marca decorrente de nossas ações. E pouco a pouco, estas marcas vão pressionando a mente tal como uma bola cheia de ar é desfigurada por dedos que nela fazem uma pressão externa. A tela da mente vai então sendo deformada pela impressão de *samskaras* e cada vez mais fortemente deseja voltar a ser uma superfície lisa tal qual a tão macia tela *touch* do *smartphone*. É nesse momento que *samskaras* são deflagrados: as reações potenciais mantidas "por longos períodos até que as circunstâncias do ambiente sejam

propícias a uma reação" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 132) enfim se atualizam em eventos que visam nada mais que reparar tais distorções mentais.

Cruzar *atimanasa kos'a* pode ser uma etapa traiçoeira. Ao mesmo tempo em que é ele o plano que abre as portas aos reinos da intuição, imaginação, *insight* criativo, sonhos premonitórios, clarividência e comunicação telepática, este plano guarda também um desafio: deparar-se com as trapaças de *aham*, o ego que, ao reclamar para si a autoria da ação, corre o risco de tomar tais habilidades por "superpoderes" e multiplicar ainda mais *samskaras*. *Aham*: resquício de *citta shuddhi* que agora constitui o novo obstáculo a ser esmigalhado pelo contínuo esforço mental da meditação. Que novas técnicas serão necessárias para que o ponto do "eu" não fique estagnado em traumas e feitiços e, por isso, deixe de finalizar a corrida em direção ao *átman*? Para desdensificar ainda mais a mente e de vez fundir *aham* em *mahat*, ou seja, intelecto em intuição, o Tantra dispõe de mais uma ferramenta: o uso do chamado "*mantra*" ou, literalmente, "aquilo que libera a mente". Nesse momento, o ponto de "eu" fixado no *Ista cakra* e imerso nas ondas do Oceano Cósmico passa a ser também um ponto que vibra. Vibra a partir da comunhão de três qualidades: um mantra a) pulsativo, b) encantativo e c) ideativo. Pulsativo porque composto pelo pulso de duas sílabas: uma mentalmente entoada na inspiração, outra na expiração. "Mentalmente entoada" pois não é aconselhável acordar as cordas vocais e pronunciar tais sons. Fala-se apenas na própria cabeça - sem postar nenhuma tagarelice em qualquer recanto de rede social - a mesma e única melodia: uma dupla de sons extraídos do alfabeto sânscrito. Isto porque, além de comunicar, o sânscrito é um alfabeto desenhado para uma intrigante função: harmonizar as vibrações dos 50 *vrttis* localizados nos centros energéticos dos *cakras*. Como isso é possível? Mãe de todas as línguas indo-europeias, o alfabeto sânscrito foi criado a partir da profunda meditação de iogues que na clausura dos Himalaias nitidamente ouviam o som emitido pelos *vrttis* de cada *cakra*. Assim, ao entoar um mantra, não apenas se entoa um amontoado de letras como também sons que vibram e pulsam de modo a encantar o "eu" e elevar sua "vibração individual" (ÁNANDAMITRÁ, 1999, p. 73), ou "ritmo entitativo" (idem).

Daí vem a segunda propriedade do mantra, a encantativa. Lembra daquelas imagens de serpentes naja eretas pelo hipnotizar do som da flauta? Lá estão elas, encantadas, em transe, sintonizadas pela comunhão de seu padrão vibratório às notas sopradas pelo flautista que agora comanda a mais venenosa das cobras. Similar é a função encantativa do mantra, contudo, o músico é o próprio "eu" e a serpente, no caso, é a *kúlakundálini* enroscada no primeiro *cakra*. Para que ela suba, harmonize os cakras inferiores e expanda a mente rumo ao ilimitado, é preciso sincronizar o ritmo entitativo ao som do *mantra*. Mantra único e pessoal:

Ista mantra[72]. Assim como toda e qualquer entidade animada ou inanimada tem um ritmo entitativo próprio, cada ente tem um *mantra* singular que hipnotiza sua própria cobra a subir em direção ao ponto divino da Mente Cósmica. É ela, imperturbável, imóvel e em absoluto silêncio, a fonte de emanação de todas demais frequências de onda a vibrar no universo. É ela, o destino final desta solitária travessia. E para atingi-la, é necessário persistir ainda mais detidamente no intenso esforço de concentração no mantra. Como em um samba de uma nota só, há que exaustivamente repetir tal som até que mantra e ritmo entitativo colidam no ritmo cósmico. Ritmo desconexo das ondas *wireless* emanadas pelas antenas de *smartphone* que se utilizam de radiofrequência para sintonizar tantos quantos forem os perfis de Facebook. A conexão aqui utiliza antenas mentais, prontas para serem afinadas pelas ondas que acessam outros estados de consciência além do "eu" individuado.

Figura 27 – Postagem coletada sobre energia Kundalini

É nesse estágio que entra a terceira e última qualidade do *mantra*: sua ideação. Além de sincronicamente pulsar som e entrada de ar e controlar os 50 afetos dos *vrttis*, o significante sonoro do *mantra* ressoa consigo um significado a ser rememorado. Uma afirmação, objeto ideativo intimamente ligado à outra máxima iogue: "você é aquilo que pensa". E afinal, o que o *mantra* sugere pensar que somos? Se não somos o corpo que nos delimita, nem os sentidos que nos fazem desejar, nem o pensamento lógico e o intelecto da

[72] O mantra universal, utilizado antes da iniciação e personalização do Ista mantra é o significante sonoro "Baba". Geralmente uma das primeiras, senão a primeira palavra a ser balbuciada por bebês, seu significado é "Amor" e funciona no entoar de um "Ba" na inspiração e outro "ba" na expiração.

mente subconsciente, o que esse som diz sermos? Seja qual for a formação semântica da imensa variedade de *Istas mantras* possíveis, sua fonética entoa sempre um só significado: "eu sou Consciência Infinita", "eu sou um com Ela". É aqui, nesse sublime sentido que se esconde aquilo que o "eu" pontificado, mergulhado e vibratório tanto anseia: o desejo por expandir-se além dos limites do corpo físico. O desejo por ser divino, não mais constrangido pela ação do espaço e do tempo, pela deformação da matéria sempre submetida à força da gravidade. Desejo de voar sem precisar de asas, de correr à velocidade da luz, de simultaneamente falar em todos os idiomas, de existir para além daquilo que dá limites ao substrato biológico: de agarrar o ponto divino de *Parama Purusa* e nele permanecer sem mais imagens, sem mais sentimento de autoria, sem mais intuição e nem corpo. Desejo de ser apenas um ponto ondulando e declamando sua divindade no vazio do espaço cósmico. Em suma: o desejo de ser um com o todo.

"Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". Dez minutos. Trinta. Duas horas. Dezesseis. A quantidade de tempo que se pretende permanecer imobilizado em lótus entoando o som do mantra ao "eu" pontual varia de acordo com os limites e necessidades de cada um. "Necessidades" porque, longe de ser em si um processo relaxante, ao longo da prática de meditação vivencia-se também os choques provenientes do gradativo exaurir de *samskaras* armazenados em *atimanasa kos'a*. Isto porque, se de modo geral, somente em situações de vida ou morte ou em estados de coma profundo *samskaras* "amadurecem" (ÁNANDAMÚRTI, 2008), durante a meditação tântrica, eles são literalmente "queimados". Literalmente: não é incomum ao "eu" experienciar a sensação de estar ardendo em chamas enquanto medita. Sem adornos, dó nem piedade, a dor implicada em tal processo pode ser cruamente atroz: para livrar-se de *aham* é necessário entrar em um purgatório. Purgatório cuja fogueira busca fazer a ecdise, a troca de pele da serpente da *kúlakundálini* envolta nas escamas do próprio ego. De modo brutal e cru, afetos provenientes dos mais desconfortáveis *vrttis* acometem a mente enquanto placidamente se está sentado em lótus. E ainda que a mente padeça em dor, há que persistir, continuar a aplicar o efeito pulsativo, encantativo e ideativo do *mantra* por um simples motivo: quanto mais *samskaras* queimados, mais o "eu" avança no delgado duto que o aproxima do *átman*.

"Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". Além de calor, há também um outro efeito decorrente de tal insistência: a aceleração. Sem muitos rodeios, os eventos da vida parecem girar a velocidades estratosféricas. O que antes parecia estável, do

nada corrói. O que se mostrava absolutamente concreto, se destrói. Invariavelmente, aqueles que se arriscam na fogueira da meditação tântrica "experimentam mais intensamente suas vidas porque estão amadurecendo *samskaras* e consequentemente vivenciando reações a uma grande velocidade" (ÁNANDAMÚRTI, 2008, p. 136). Velocidade da luz que tanto se deseja atingir? Acaba que, sem muita lógica e em curtos períodos de tempo, as mais inesperadas reviravoltas pessoais acontecem. Voltas que movimentam não mais a roda do *newsfeed*. A conversão da mente enquanto meio para agarrar a Deus, ao invés de rolar vidas duplicadas em perfis encarnados em telas *touch*, gira o ciclo de nascimento e morte da roda de *samsara*. Neste jogo cíclico de encarnação e reencarnação, enquanto remanescerem vestígios de deformações na mente, o "eu" novamente virá ao mundo até a completa exaustão de suas reações potenciais. Roda agora deliberada pela soma de vidas passadas à presente na forma de um "eu" singular que se isola de todos os outros pontos de "eus" para se fundir no ponto divino.

Assim, zonza, desnorteada e nitidamente abalada pelo intenso rodopiar de *samskaras*, finalmente a mente se expande e atravessa *atimanasa kos'a*. Expande-se da forma física do corpo e do *self* individuado, do ego e, pelo devido uso do *Ista cakra* e do *Ista mantra*, estabelece o "eu" em "*dhyana*", ou literalmente, "fluxo da mente". Fluir. É essa a última etapa e verdadeira meditação, e é nela que se cruza a camada da mente a seguir: *vijinánamaya kos'a* ou "camada do conhecimento especial". "Especial" porque, despois de tantos altos e baixos, de tanto cair e levantar, o "eu" finalmente aprende a não mais se abalar pelos choques que o acometem e passa a encarar tais quedas a partir de dois afetos: *viveka* e *vaeragya*, discernimento e desapego. Com *aham* propriamente dissolvido em *mahat*, ou seja, com o sentimento de ego transmutado em intuição, resta apenas uma última e crucial etapa: imergir *mahat* em *átman*. É nessa altura do trajeto que, discernido da ilusão de ser um corpo e desapegado da posse de qualquer ente finito, o "eu" cada vez mais devotado a tornar-se ilimitado depara-se diante de um sem fim precipício: "devo saltar sem corda nem proteção rumo aos braços da Consciência Infinita?". A queda, agora, é a queda livre, sem controle e nem garantia de retorno. Queda final que traz também um impasse: é melhor permanecer seguro, sábio e fluido em *vijinánamaya kos'a* ou jogar-se no abismo do plano de "*hiranyamaya kos'a*", ou literalmente, "camada dourada"? A agonia desta dúvida é uma tormenta. Mesmo estando tão, mas tão perto do ponto divino do "Eu", mesmo podendo praticamente agarrá-lo, não é possível ao "eu" tocá-lo. Sem enfrentar a fossa abissal que separa os pontos de "eu" e "Eu", sem correr o risco da completa entrega de si, sem se lançar

no suicida e renascente salto ao nada, não há mais como avançar. Chegou a hora de encarar a tão desprezada interrogação e descobrir: afinal, "quem sou eu"?

P. R. Sarkar (2013a) irá dizer que "existe um "eu" em cada ser vivo" (p. 36). E é neste "senso de "eu" de cada indivíduo" (idem) que está oculta a essência da espiritualidade. Este "eu" que agora escreve, que vaga em redes sociais, que senta para meditar. Em suma: este "eu" que se liga aos objetos externos e, ao ligar-se, sente em si que "eu existo". Este é *mahat*, a porção mais sutil da mente. Não mais o "eu fiz" da tela mental de *citta*, nem o "eu faço" egóico de *aham*. Apenas "eu existo". Intuo, sinto que de alguma maneira existo. Mas existo onde? Como? Meu perfil no Facebook diz que existo em imagens que me dizem ser Camila Mozzini-Alister, doutoranda em Comunicação na UERJ e doutoranda em Artes: Producción e Investigación na UPV, nascida em 08/06/1987, casada com Ajit Alister. Meu mantra diz: "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". Sim, seja pela existência de meu perfil, seja pela existência de minha voz internamente declamando ser quem sou, eu sinto que sei que existo. E é essa sensação de que "eu sei do fato de que há um sentimento de 'eu existo' em mim" (idem) que reside o *átman*: "o 'eu' de 'eu sei', o sujeito da sentença 'eu sei que existo', é *átman*, o Espírito, a Alma" (idem). Resta então tomar o risco: arrisco-me a saber que existo não só pelo acessar de meu perfil no Facebook, mas também colocar em xeque se, de fato, existo enquanto Consciência Infinita. É Ela o local, o ponto final para o qual devo fundir meu "eu" pontuado e por fim à tão tortuosa interrogação. E sem medo: salto.

"Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". Do pulo que afoga o "eu" nas profundezas do Oceano Cósmico vem a ascensão. Encantada pela vibração do próprio *mantra*, a divindade latente da *kúlakundálini*, da serpente enroscada na base no primeiro dos *cakras* - o *muládhára* - acorda. Acorda e desperta os quatro *vrttis* do desejo: desejo material, desejo psíquico, desejo psíquico-espiritual e desejo espiritual. Embriagada de desejo, *kúlakundálini* então marcha rumo ao *svádhisthána cakra*, logo acima do *muládhára*. Ao ali chegar e equilibrar os hormônios secretados pelas gônadas e as seis pétalas do desprezo, estupor, indulgência, falta de confiança, crueldade e ideia de aniquilação, o "eu" se apraz em *sálokya samádhi*. Como primeiro estágio de "*samádhi*", ou "união com Deus", em *sálokya*, o "eu" "sente que, no nível que está, na esfera onde sua mente exultante se encontra, ele não está sozinho" (ÁNANDAMÚRTI, 2013a, p. 61). O prazer desfrutado por essa sensação de estar sempre acompanhado pelo Supremo faz com que a

serpente espiralada continue a se desenroscar. Desenrolando-se, ela não só sobe como, ao cruzar o terceiro *cakra* - *manipúra cakra* - reestabelece as secreções hormonais das glândulas adrenais e do pâncreas e seus dez afetos materializados nos *vrttis* do sadismo, timidez, inveja, letargia, melancolia, irritabilidade, sede de desejos, apego, ódio e medo. Aqui, o ponto do "eu" experimenta *sámipya samádhi*. "*Sámipya*" significa "proximidade". Proximidade que goza do sentimento de "eu cheguei muito perto, muito perto do Ser Supremo, eu estou muito próximo do Progenitor Supremo. Por minha prática espiritual, a distância entre Ele e eu está reduzindo" (ÁNANDAMÚRTI, 2013a, p. 62).

"Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". Diante da satisfação de haver persistido na meditação e afinado todas as vibrações dos vórtices energéticos localizados nos três *cakras* inferiores, *kúlakundálini* se eleva rumo ao *anáhata cakra*, quarto *cakra* localizado na altura do coração. Agora, mais doze afetos intimamente ligados às secreções glandulares do timo são acalmados: esperança, preocupação, esforço, amor, discernimento, paralisia mental por medo, vaidade, ego, avareza, hipocrisia, tendência à discussão e arrependimento. E nesse acalmar, o "eu" desfruta de um terceiro estágio de *samádhi*, o *sáyuja samádhi*, que significa "em contato íntimo, lado a lado, já tocando" (ÁNANDAMÚRTI, 2013a, p. 62). Se no primeiro estágio, *sálokya*, o "eu" sente que "Ele está comigo", e no segundo, o "eu" sente Sua proximidade, "em *sáyuja*, você sente a experiência tátil" (idem). Deleitando-se no prazer de tocar a Deus, a serpente da divindade adormecida passa a garganta e penetra o *vishuddha cakra*, a glândula tireoide e a manifestação de seus vórtices energéticos relacionados a dezesseis expressões sonoras: som de pavão, som de boi, som de cabra, som de veado, som de pássaro, som de asno, som de elefante, raiz acústica da criação, preservação e destruição, som de elevação da *kúlakundálini*, som de transmutação da teoria em prática, expressão de conhecimento mundano, expressão de bem-estar na esfera mais sutil, expressão do agir com nobreza, expressão da entrega ao Supremo, expressão repulsiva e, por fim, expressão doce. Nessa altura, o ponto do "eu" vivencia um *samádhi* mais sutil - o "*sárupya samádhi*" - cujo sentimento não é apenas o de contato íntimo, mas sim o de união: "eu sou um com Ele", "eu sou um com o Progenitor Supremo, com a Cognição Suprema" (ÁNANDAMÚRTI, 2013a, p. 62-63).

Mas o ponto vibrante do "eu" deseja estar ainda mais próximo, mais tangível, mais unido ao imenso magnetismo exercido pelo ponto Supremo do "Eu". Como resistir a essa intensa atração? "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou Consciência Infinita". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela". "Eu sou um com Ela".

“Eu sou um com Ela”. Atraída pelo gozo de fruir da sensação de união com o divino, *kúlakundálini* quer mais: agora ela sobe ao *ajina cakra*, o terceiro olho entre as sobrancelhas, engata as secreções da glândula pituitária, faz o balanceamento dos *vrttis* do conhecimento mundano e conhecimento espiritual e se apraz em *sársthi samádhi*. Exultante, tomado pelo sentimento de expansão que lhe invade, o ponto unitário do “eu” e o ponto Supremo do “Eu” sintonizam na sensação de “eu sou Ele”, “eu sou Ele”. “Eu” e “Ele”, dois sujeitos unidos pelo elo conectivo do verbo ser. Duas entidades e um verbo. Ainda que coincidentes, há ainda mais uma distância a ser abolida: a completa união, o estágio final de *samádhi* admite a existência de somente um sujeito, uma entidade para ser conectada ao verbo ser. E inebriada pelo desejo de total e completa fusão, do absoluto expandir do “eu” para além do espaço e do tempo, a serpente adormecida desperta e escala o topo do pico até tocar a glândula pineal e chegar em *sahasrára cakra*, o *cakra* de mil pétalas. Enfim, dá-se o encontro de pontos. Banhado em luz, eletrocutado em raios dourados, o mais brilhante ouro incandesce faz tremer o corpo na divina alma iluminada pelo verbo “ser”. Extático de uma alegria impossível de ser encontrada em qualquer masturbação, orgia ou orgasmo de rede social, o “eu” então se desmancha em lágrimas por enfim haver alcançado o *átman*, a alma, o recanto além da mente onde apenas se “existe” sem mais diferenciação entre “eu” e “Ele”. “Eu sou”. “Eu sou”. “Eu sou”. “Eu sou”. “Eu sou”. “Eu sou”. “Eu sou”: Eu sou Consciência Infinita.

Figura 12 – Samádhi e união entre “eu” e alma

***

Lá estava eu, em julho de 2014, sentada em lótus, sorrindo e chorando ao mesmo tempo por sentir-me ilimitada. Não mais presa ao passado, presente ou futuro. Não mais constrita a território, geografia e corpo. Além do espaço e do tempo, sem início, começo ou fim: sutil, o mais sutil possível a um “eu”. Tão sutil que desenrolou as voltas do círculo do “eu”, estilhaçou sua redondez em pontos soltos, submeteu-o ao funil da disciplina até que o único ponto sobrevivente desta jornada vibrasse no mantra até alcançar a sutileza do ponto divino. A reta que os separava sucumbiu. E o ponto vibratório se fundiu em luz, luz dourada que eleva a serpente adormecida de *kúlakundálini* e rodopia o círculo dos *cakras* ao mesmo tempo em que faz girar a roda de *samsara*, o ciclo de vida e morte pela queima de *samskaras*.

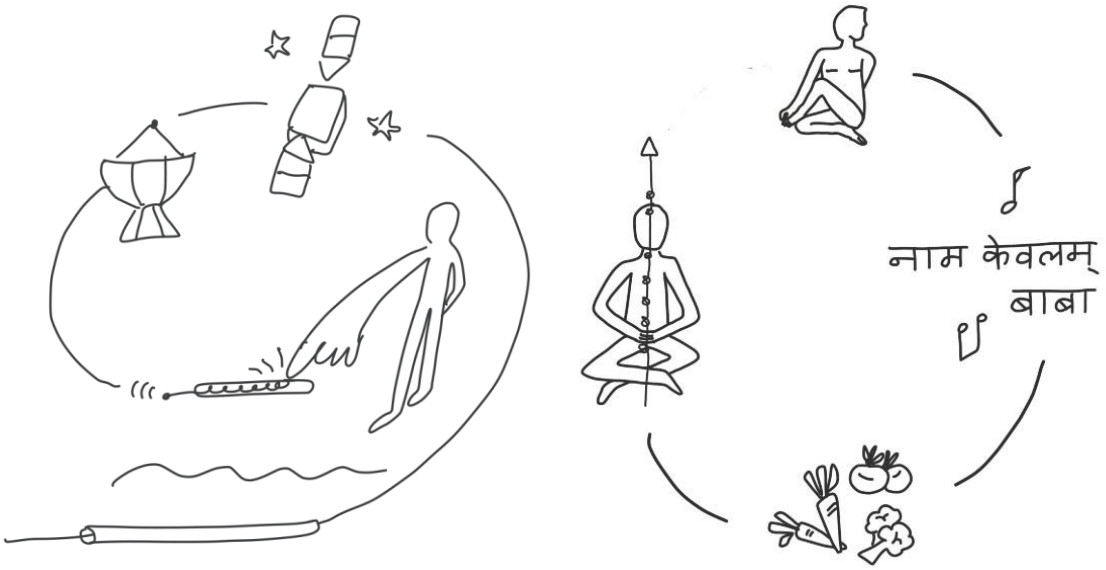
Eletrocutado pelos choques tântricos, o “eu” se ilumina em êxtase. Com o corpo limpo de qualquer fonte de energia densa, com os olhos, ouvidos, nariz, boca, tato, mãos e pés, sexo e rins introvertidos, com tudo que o ligava ao fora, ao exterior, ao outro, desligado. Com os dedos firmemente entrelaçados acima do colo, eles não mais teclam nem deslizam sobre planos de aparatos *smartphone*. O aparato é a própria mente. E os planos a serem tocados, agora, são os sete planos da mente através da harmonização dos 50 afetos contidos nos sete pontos de *cakras* localizados ao longo da coluna. Intocável, a proximidade do toque divino cada vez mais distanciou o “eu” do toque humano. Toque que o trouxe de volta para o corpo, para a carne, para o chão, para a sala, para o espaço e tempo. Toque que o tirou do transe e, na desgostosa saudade daquele *samádhi*, fez da busca por meditação, uma obsessão.

3 **MEDI(T)AÇÃO E SEDE DE ONIPRESENÇA**

Existe nos seres humanos uma sede por ilimitado.

P. R. Sarkar

Figura 13 – Diagramas de expansão exterior e expansão interior



Desde meados de julho de 2014, todo santo dia meus hábitos passaram a ser pautados pelo ritmo destas duas antropotecnias de expansão do substrato biológico: a expansão interior e a expansão exterior. Pela manhã, a primeira coisa a ser feita logo depois de acordar era o sobre-humano esforço de não enrolar na preguiça matinal, condicionando o corpo na regrada disciplina das práticas de meditação: beber um copo d'água tíbia com limão[73], fazer *ásanas* para controlar os *cakras* inferiores, dançar o mantra do *kiirtan*[74] e então sentar para meditar por pelo menos 20 minutos entoando os respectivos mantras de abertura, encerramento e o *Guru Puja* para a entrega dos pensamentos pensados ao longo da meditação. A cada nova prática, meu corpo deixava de ser apenas um corpo, meu "eu" deixava de ser Camila Mozzini-Alister e virava apenas um solitário ponto no espaço cósmico encantado pela vibração de seu mantra. A cada nova tentativa de desativação dos sentidos, a queima mental das ações e reações acumuladas em *samskaras* ardia o corpo em chamas que aceleravam o viver. A cada

[73] Hábito milenar da medicina ayurvédica que hoje parece estar virando moda nos editoriais de vida saudável, o consumo diário de água morna com limão espremido alcaliniza o sangue de modo a realizar uma limpeza geral dos níveis de acidez e toxicidade no corpo.

[74] Kiirtan é uma dança com movimentos específicos desenhados para equilibrar a glândula pineal e preparar a mente para a meditação a partir da repetição do mantra em sânscrito "Baba Nam Kevalam", tradução de "em essência tudo é amor", ou em inglês, "love is all there is". Uma pequena amostra do mantra pode ser experimentado no vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=-3MPJoVsXPs, acesso em 02/05/2018.

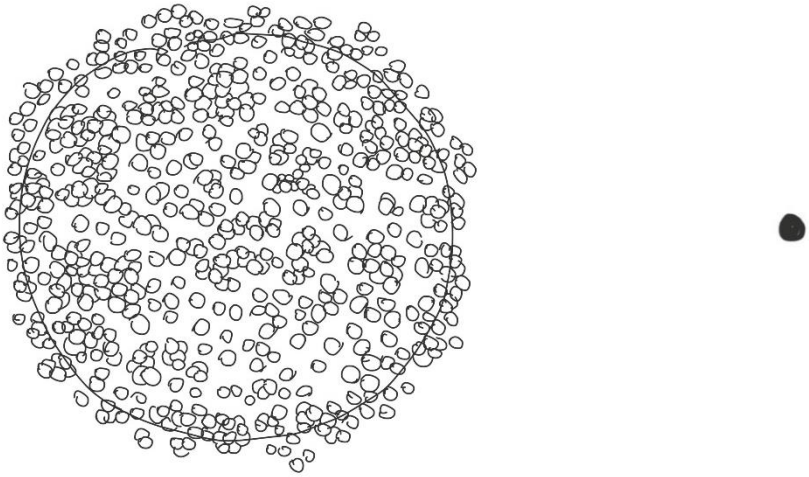
novo esforço de concentração da mente, exponencialmente crescia a expectativa de outra vez ser possuída pela força daquela luz dourada que me tornava infinita. E a cada nova meditação, aumentava também a frustração em, de novo, não haver logrado tal intento: o que em mim precisava ser aprimorado? Que parte de meus afetos estava a bloquear o toque direto com o ponto divino do "Eu"?

Terminado esse intenso período de introversão, chegava o ansiado momento de extroversão pela nada disciplinada prática da mediação: como que em um ímpeto de recompensa pelo fracasso do anterior empreendimento, os dedos sedentos corriam para desativar o modo avião do *smartphone*, entrar no *app* do Facebook e desvairadamente girar a mente pelo *scroll* do *newsfeed*. Aliviar a seriedade involucrada à meditação entretendo-me no *spin* de pensamentos alheios era como uma merecida sobremesa depois de tamanha musculação mental. A cada novo *login*, meu corpo deixava de ser apenas um corpo, meu "eu" deixava de ser Camila Mozzini-Alister no espaço geográfico e virava um ponto planetário coberto de pontos no espaço topológico de validação social da rede. A cada nova atualização do mantra "no que você está pensando, Camila?", minha própria mente se indexava enquanto ação do perfil sempre acessível ao mínimo toque dos dedos de qualquer mão. A cada novo *post*, *emoji*, comentário e compartilhamento, mais forte se tornava a expectativa de que a simultaneidade entre ação e reação novamente deflagrasse a eufórica sensação de sentir-me conectada ao emaranhado de "Nós" de perfis no Facebook. E a cada nova tentativa frustrada, ficava ainda mais crítica aquela angústia em, de novo, não materializar a proximidade do toque daqueles que não estavam ao lado: o que a mim faltava para sentir o toque da distância? Qual bloqueio de meus afetos era insuficientemente atraente para conectar longe e perto na proximidade das reações imediatas?

Mareada pela dupla frustração do desejo de toque, largar o corpo do aparato e voltar a ser somente um corpo sem duplo requeria um esforço ainda mais sobre-humano que o sobre-humano esforço por meditar. Diante de tal dificuldade, não raro atividades como cozinhar, sentar e comer, lavar a louça, a roupa e as recolher, sair, chegar e se locomover, atender a aulas, grupos de pesquisa e encontros artísticos, concentrar em leituras, afazeres e escrituras se converteram em atividades cada vez mais feitas paralelamente à conexão digital com meu duplo. O celular *touch* tinha que estar sempre a postos, o mais próximo possível das mãos para, se acaso aquela sirene mental da conexão tocasse, a qualquer momento eu pudesse imediatamente saná-la e checar o que se passava na realidade do ponto de perfil ligado a todos os demais pontos. Assim, sincronicamente ao matinal condicionamento por meditar, desenvolvi também o intensivo condicionamento a, sem trégua, mediar. E depois de cumprir

os afazeres do dia junto ao contínuo acessar do Facebook, à noite tinha início mais um turno de *kiirtan*, mantras e meditação. Dividindo-me para ser um com o todo e unindo-me novamente para terminar com qualquer divisão, o curso do viver passou a ser esquizofrenicamente marcado por uma dupla contradição: secretamente entregar todos meus pensamentos não expressos à Mente Cósmica e extravagantemente espalhar outros enquanto *pensação* na incessante mistura de si com a Grande Mente de "Nós" do Facebook.

Figura 14 - Grande Mente de "Nós" do Facebook e Samádhi



Entre a solitária introversão de imagens mentais e a coletiva extroversão de imagens postadas, minha vida compulsivamente girava como um cachorro que a todo custo tenta morder o próprio rabo: mediando virava um micro ponto no espaço cósmico, e meditando transfigurava-me em macro ponto cheio de micro pontos conectados no espaço virtual. Meditando, mediando, meditando, mediando, meditando, mediando, meditando, mediando, meditando, mediando, meditando: meditando e mediando e meditando. A cada novo nascer do dia, de imediato invadia a expectativa de por só mais uma vez sentir-me de novo ilimitada. A cada outro anoitecer, uma vez mais permanecia a frustração da expectativa não realizada. Expectativa e frustração: a rotineira convivência com este cíclico par de afetos fez de cada amanhecer um dia a mais para exercitar a fé de a ambos superar. Superar heroicamente, vencendo pelo cansaço estes dois inimigos que insistiam, dia após dia, em voltar e alimentar a ainda mais saborosa esperança da vitória. "A vingança é um prato que se come frio", bem diz um conhecido ditado. Vingança que, juntando "a fome com a vontade de comer", ou melhor, a obsessão por ser infinita ao vício por sentir-me conectada, culminou na criação de um explosivo coquetel: a união do duo mediação e meditação na prática da medi(t)ação que aliava o desejo de iluminação da mente ao gozo da eletrocutação dos dedos na tela. E na ânsia por expandir todos os limites que confinam o "eu" ao espaço ocupado pelo corpo, a busca conjunta por iluminação e eletrocutação culminaram no desenvolvimento de técnicas, de

mecanismos de controle aplicados à manipulação de uma anatomia extracorpórea. Que espécie de controle anatômico é esse que nos torna além de membros, tronco e cabeça, músculos, ossos e tendões, artérias, veias e vasos, órgãos, glândulas e sistemas?

Escapando aos atlas médicos tradicionais, aquilo que diariamente me interessava era o duplo exercício de uma anatomia sutil: a primeira, encarnando no perfil pelo choque dos dedos na tela para incorporar os sentidos do aparato e globalmente presentificar-me por meio de ondas *wireless* que circulam por cabos, antenas e satélites; a segunda, sutilizando as sete telas da mente de modo a despertar a *kúlakundálini* e em *samádhi* tornar-me presente em todos os espaços e tempos por ondas que circulam nos *vrttis* dos sete *cakras*. Não mais a circulação mecânica de pernas, rodas, motores e asas, mas sim de forças que, seja pelo toque de pontos na tela, seja pelo toque de pontos nos *cakras*, capturam os eletromagnetismos do substrato biológico em prol de modos extracorpóreos de circulação. E tal ânsia de eletrocutação e iluminação para poder estar presente em um espaço fora do espaço e em um tempo sem tempo, terminou por sedimentar aquilo que chamo de "sede de onipresença". Sede esta colocada em ação pela contínua sofisticação dos modos de aproximação da multicor luz dos perfis de Facebook e do dourado reluzir de *Parama Purusa* ao corpo a partir de um sistemático controle das formas de circulação energética: uma "economia geral da luz"[75] que leva a cabo o projeto de fazer do corpo, um corpo de luz.

Figura 31 – Postagem coletada sobre Ascensão do corpo de luz

[75] Para Phillipe Dubois (2004), a fotografia "é de qualquer modo uma curiosa questão de luz, ou melhor, de circulação da luz" (p. 221) que implica na necessidade de "repensar toda a fotografia no contexto de uma economia geral da luz, que concerne não apenas à fotografia, mas também, ao cinema, ao vídeo e à pintura" (idem). Tomando partidos das possíveis repercussões deste questionamento, buscaremos aqui estudar uma economia geral da luz a partir dos circuitos de circulação energética dos afetos modulada pela produção de imagens mediadas e meditadas.

Etimologicamente, o verbete "economia" vem da junção dos radicais gregos "*oikos*" (casa) e "*nomos*" (lei) e faz menção ao território da casa e de todas as formas de gerenciamento do espaço interno do lar. Contudo, "casa" deixou de ser somente o local de moradia assim como o gerenciamento deixou de ser restrito a quantias passíveis de objetualidade e mensuração: moramos na redondez do próprio corpo tanto quanto na topologia do ponto de perfil. E o gerenciamento destes redutos de convivência consigo e com o outro não passam somente pelo controle dos mecanismos de circulação de elementos tangíveis tais como indivíduos, bens de consumo e populações. Introjetados os mecanismos econômico-políticos de regulação estatal das populações[76] (FOUCAULT, 2008) e entranhadas as estratégias biopolíticas[77] que fazem "com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos" (FOUCAULT, 2010a, p. 155), está em jogo a aquisição de uma outra espécie de capital. Não mais capital monetário ou capital humano: interessa agora a obtenção zoopolítica de capital energético, o único suficientemente abstrato para fazer da humana experiência de corpo um corpo sobre-humanamente ilimitado. E diante do amplo leque de

---

[76] A ascensão de uma economia-política está relacionada à formação de Estados de governo, os quais não dizem mais respeito a uma territorialidade, mas sim a uma massa populacional que é tanto instrumento quanto alvo de gestão. Difundidos na Europa a partir do século XVI, assinala Foucault (2008), os dispositivos de segurança se consolidam enquanto tecnologias de poder no século XVIII, período que está diretamente imbricado à emergência de uma arte de governar cujo cerne traz a população enquanto problema. Isto porque, além da expansão demográfica, da abundância monetária e do aumento da produção agrícola, as condições de possibilidade que cristalizaram uma arte de governar em Estados de governo estão relacionadas à problemática da população. Esta emerge, a partir de então, como um objeto técnico-político de governo. É nesse momento que ocorre o afastamento da noção de economia enquanto gestão da família, configurando uma economia-política que tem como alvo e fim não mais o núcleo familiar. A família passa, então, de modelo a elemento e instrumento privilegiado de governo no interior da população. O problema agora passa a ser como organizar formas ótimas de circulação das populações, tais como deslocamentos, trocas, contatos e formas de dispersão e distribuição que sejam úteis ao Estado. O que interessa, nesse contexto, não é mais a imposição de leis, mas sim a disposição tática das coisas a partir de uma liberdade que não visa tudo permitir, mas que entende um certo nível de permissividade enquanto útil e indispensável. Desse modo, enquanto as sociedades de soberania e disciplina se organizavam através de interdições ao movimento que posicionavam cada indivíduo em seu devido lugar, nas sociedades de segurança uma 'certa' movimentação é estimulada na medida em que permite uma escala cada vez maior de ação e reação, conjugando liberdade e circulação.

[77] Foucault (2008) atrela a noção de biopolítica à terceira e última configuração do mercado proposta pelo neoliberalismo americano ou anarcoliberalismo. Mais que uma opção econômica e política, o anarcoliberalismo "é toda uma maneira de ser e de pensar. É um tipo de relação entre governantes e governados, muito mais que uma técnica dos governantes em relação aos governados" (p. 301). Nela cristaliza-se uma radicalização do modelo empresa enquanto organizadora social a partir da expansão dos processos de mercado para territórios considerados como não econômicos: o percurso dos indivíduos em vida e os investimentos que receberam e fizeram em formação geram, então, um capital humano a ser produzido, acumulado e remunerado de acordo com as competências de cada um. A desigualdade e a concorrência alicerçam as bases biopolíticas de indivíduos que gerenciam a si mesmos como se empresas fossem. Cabe a cada um saber dos riscos que se pode tomar e cada um deve se responsabilizar pela sua própria segurança. Uma sociedade de autônomos. O desemprego e as diferenças de renda não seriam mais problemas a serem solucionados, mas sim elementos necessários para instaurar a desigualdade como condição estrutural da sociedade e dinamizar o jogo concorrencial. Por este motivo, por biopolítica, entende-se aquilo que "faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do saber-poder um agente de transformação da vida humana" (FOUCAULT, 2010c, p. 155), operando uma máxima potencialização do viver a partir de uma distribuição útil dos vivos que cada vez mais "dá acesso ao corpo" (idem).

possibilidades disponíveis ao acúmulo e controle dos níveis de energias individuais e coletivas, mediação e meditação hoje despontam no horizonte enquanto métodos antropotécnicos bastante promissores à fabricação do "humano como ex-tasis de sua condição animal" (ROMANDINI, 2012, p. 9), ou seja: da carne.

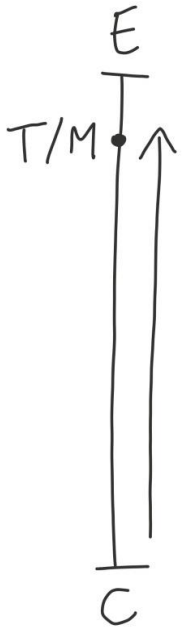
Porém, a plena consumação deste ambicioso projeto de superação do corpo não se dá de uma hora para outra. Assim como uma lâmpada, estrela ou ente luminoso qualquer, para que um corpo se constitua enquanto corpo de luz, é preciso que ele seja antes fonte de energia: não há poste sem eletricidade, assim como não há Sol sem núcleo e nem *smartphone* sem bateria. Por isso, a primeira dimensão de intervenção na contemporânea "economia geral da luz" (EGL) - fazendo jus à noção de "economia geral"[78] proposta por Bataille (1987) - é se ocupar "dos movimentos de energia na Terra"[79] (BATAILLE, 1987, p. 48). Ou mais precisamente: se ocupar dos processos que produzem o corpo eletrocutado/iluminado enquanto corpo energizado porque maximizado em seu potencial eletromagnético. Aqui pincelado a partir do encontro antropotécnico entre mediação e meditação, tal potencialização será esboçada pela sequenciação de três linhas: uma reta vertical, uma reta horizontal e o fechamento da reta em círculo. Na primeira, abordaremos o processo de elevação energética pela polarização dos afetos; na segunda, a aproximação entre tela e mente pela neutralização dos afetos; e por fim, a conquista da iluminação e eletrocutação do corpo pelo fechamento do circuito energético. Em cada uma destas etapas, estão em jogo três variáveis: corpo, tela e energia (C/T/E) para mediação; e corpo, mente e energia (C/M/E) para meditação. Contudo, enquanto substratos materiais ao divino toque, tela e mente coincidem em sua condição de meio: do latim "*medius*" e da raiz indo-europeia "*medhi*", radical comum aos termos "meditação" e "mediação" que diz respeito ao espaço intersticial, entre, que se faz canal, passagem jamais completa em si mesma porque é no máximo metade. Meios que, em seus opostos complementares, se encontram para intermediar o encontro de outras duas variáveis: corpo e energia.

---

[78] Na obra "A Parte Maldita", contrapondo-se à concepção de uma "economia particular" que não insere em sua equação o gasto pelo gasto, inútil, Bataille (1987) propõe a ideia de "economia geral" como um campo transversal de estudos cujo problema pode ser pensado "desde cualquier disciplina que se ocupa del movimento e la energía en la Tierra" (p. 48). Tal como o Sol, que brilha e fornece em superabundância toda a energia necessária à vida sem nada cobrar ou acumular, Bataille propõe a existência de uma economia da exuberância. Riqueza, nesta acepção, emerge não mais como a retenção de bens, mais sim ao promover a circulação de energia. Por isso, a questão chave, ao contrário do acúmulo de bens escassos ou da satisfação de necessidades, passar a ser o gasto luxuoso, poético, vitalizante, do excedente de energia proveniente do Sol.

[79] Tradução livre do espanhol: "desde cualquier disciplina que se ocupa del movimento de la energía en la Tierra".

Figura 32 – Reta de elevação energética pela polarização dos afetos



Iniciemos pela primeira etapa que diz respeito ao processo de elevação energética pela polarização dos afetos menos elevados do corpo. Vemos acima uma reta vertical, correspondente ao espaço limítrofe desenhado por tela e mente. Limítrofe porque entre dois outros extremos: a condensação energética da matéria enquanto corpo e a completa rarefação da matéria enquanto energia. Corpo e energia estão verticalmente separados, apartados um do outro por uma distância que se dá apenas em termos de estratos, níveis e gradações longitudinais: é preciso subir. Nesse sentido, a primeira intervenção para suprimir tal distância é inscrever na reta um ponto, um marco que direcione um alvo a ser perseguido com o auxílio vetorial de uma seta: de baixo para cima, do corpo rumo ao ápice de sua energia. É preciso então sutilizar o corpo. Isto é, torná-lo menos denso e povoado de frequências de ondas que criam imagens mentais "baixo astral" ou "*bad vibe*" impassíveis de serem compartilhadas na tela do *app* onde habita o perfil. Afinal, não é sensato propositadamente expor aos demais pontos da rede momentos de intenso sofrimento, dor, flagelo, tristeza, angústia, medo, inveja. E ainda que vez ou outra exceções escapem à regra - tais como o famoso vídeo da cantora Sinead O' Connor[80] e episódios de suicídio transmitidos ao vivo – dificilmente nos sentimos encorajados a postar textos, vídeos ou fotos das intensas crises de desespero, choro, luto, insegurança, raiva, pânico ou ansiedade relativos aos afetos dos "*cakras* inferiores".

[80] Vídeo completo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=919ip9_urEo, acesso em 09/03/2018.

Figura 33 – Postagem coletada sobre depoimento Sinead O'Connor

Como o próprio nome indica, *cakras* inferiores são os de baixo, os menores ou "não superiores" porque armazenam os mais indesejados resquícios da humana animalidade: os chamados "instintos de sobrevivência", ou seja, padrões inatos geneticamente herdados de linhagens ancestrais ao *Homo sapiens* que têm por objetivo garantir a continuidade da espécie. Do latim "*instinctus*", o termo faz menção àquilo que estimula, internamente instiga e constitui um tipo de inteligência no seu mais primitivo grau: aquele encarregado de assegurar a autopreservação e a reprodução coletiva por meio de quatro instintos básicos - fome, sono, sexo e medo. Estamos irremediavelmente programados para comer, dormir, transar e intuir possíveis riscos a partir dos *vrttis* dos três primeiros *cakras*: os desejos material, psíquico, psíquico-espiritual e espiritual do *muládhára cakra*; os alertas do desprezo, estupor, indulgência, falta de confiança, crueldade e ideia de aniquilação do *svádhisthána cakra*; e as estratégias defensivas da timidez, sadismo, inveja, letargia, melancolia, irritabilidade, sede de desejos, apego, ódio e medo inscritas no *manipúra cakra*. E é precisamente esta programação do substrato biológico diretamente relacionada às três primeiras camadas da mente - *annamaya kos'a*, *kamamaya kos'a* e *manomaya kos'a* - que estamos sendo convocados a desprogramar na contemporânea economia geral da luz.

Como conter o desejo de ser tal qual nos projetamos em nossas melhores imagens? E atravessados por esta busca hoje aliada a imperativos de felicidade que prometem a existência de estados de gratificação absoluta e imediata via consumo (ROCHA, 2007), replicamos tal lógica pela feliz publicização de si em uma rede social onde possibilidade de "não curtir" inexiste. Pode-se curtir, amar, sorrir, surpreender, compartilhar, comentar ou mesmo enraivecer ou entristecer, mas jamais deixar de curtir mesmo a raiva ou a tristeza. Se um ente querido morre ou uma relação amorosa termina, não há como "não curtir". Polegar para cima, sinal de "tudo beleza", "estamos de acordo" porque está "tudo bem", "tudo positivo" não só é o mais icônico símbolo do Facebook como também cristaliza uma "onda de curtição" subjetiva pela programação positiva dos afetos. E governados a externalizar na tela facetas cada vez mais elevadas de si para adquirir o capital energético da atenção alheia no rastro de uma mísera curtida, o monstro escondido nos porões da mente humana vai aos poucos se inflando. Inflando e vibrando em imagens repletas de afetos nada positivos. O que fazer com todo o resto que se pensa e não se curte nem se expressa porque interditado na categoria "negativo"? Cientes ou não, alguns cospem sua monstruosidade na própria topologia da rede ou mesmo vomitam-na no espaço geográfico para ali mesmo já deflagrar as imediatas reações de suas ações. Mas há também como controlá-la por ásanas, dietas, do mantra e pelo contínuo compasso do *kiirtan* que diretamente impactam os circuitos energéticos dos *cakras*.

Nesse cenário, o foco de controle é então redirecionado ao controle do esforço pelo constante condicionamento do corpo à adesão a novos hábitos voltados para a progressiva sutilização da mente. Se antes o corpo acordava e rolava sua preguiça na cama, tomava café, fazia algum exercício físico ou imediatamente partia para alguma atividade laboral, tal rotina se modifica completamente. Antes de trabalhar, é preciso que o corpo trabalhe como uma máquina para desprogramar sua rotina programada de hábitos: levantar e já fazer o esforço de não enrolar; antes mesmo de comer, se exercitar em posturas de yoga voltadas especificamente ao realinhamento dos *vrttis* dos *cakras* inferiores; persistir em tal harmonização dos afetos por meio do entoar de mantras em sânscrito e de vez redesenhar as conexões neurais e as secreções hormonais que afetam o sistema nervoso. Se antes, o despertador tocava meia hora antes de iniciar a labuta diária, agora a labuta começa pelo menos uma hora e meia antes de qualquer atividade. Às vezes, antes mesmo do Sol nascer. E ao sair de casa, o treinamento não para: qualquer sinal de possível negatividade, seja no trânsito ou na chegada aos locais de convívio já engata a imediata ativação mental do mantra; se há algum evento social que envolva comer ou beber, alimentos como álcool, carne, cogumelos, cebola ou alho são evitados e, não raro, provocam conflitos pessoais pelo pré-

julgamento dos pares acerca daquilo que se decide colocar para dentro do corpo. Verdadeiros interrogatórios e perguntas as mais esdrúxulas se tornam uma constante a ser diariamente endereçada. Não raro, tal inquisição vem acompanhada da mudança de círculos de amizades: às vezes, restringindo o convívio social a grupos que reforcem a manutenção dos novos hábitos, às vezes, mantendo antigos grupos e adicionando novos em uma salada esquizofrênica de ambientes energéticos. O importante é persistir no contínuo treinamento para fazer da autodisciplina um modo de vida a ser também partilhado no grande círculo de pontos a coabitar no espaço da rede social.

Figura 15 –Postagem coletada sobre relação entre espiritualidade e adição a telefones

Assim, em conjunto com o controlado esforço de controlar os padrões do que se pensa na mente vem também o contínuo esforço de controle daquilo que os outros pensarão da *pensação* exposta na tela pelo perfil. Ao controle dos hábitos de elevação da mente, adiciona-se mais um: o hábito de constantemente eletrocutar os dedos na pele do aparato para melhor exercer o controle da imagem de si. Como afinal ser melhor visto naquilo que se projeta pelo duplo? O primeiro passo para tal é interagir. Constantemente postar, comentar, compartilhar e ativar *emojis* para não só estrelar nas manchetes do *newsfeed* e alimentar-se de suas reações como também distribui-las no *scroll* de outras *pensações*. Como diria um velho ditado “quem não é visto não é lembrado”. E como tudo o que é postado depois de alguns dias cai no

esquecimento coletivo para irremediavelmente ser apenas um arquivo na página pessoal do perfil, não resta muita opção a não ser postar de novo e de novo indefinidamente. É neste contínuo incitamento à atualização de si pelo simples movimento de dedos que, por osmose, aprende-se também um código de reforço da própria imagem enquanto autoimagem positiva. Mensagens motivacionais, relatos pessoais, fotos sorridentes, curiosidades, citações eruditas, vídeos de animais, imagens de viagens, perguntas existenciais, indignações, notícias, conflitos. O esforço do reforço por mostrar quão bom, engajados, descolados, intelectualizados, espiritualizados, engraçados, ponderados somos vem lado a lado com a expectativa de imediata concordância, aceitação e reforço do esforço do que positivamente se projeta de si. E sem que sequer nos demos conta, o *marketing* sutilmente faz morada nos ínfimos recantos da subjetividade (DELEUZE, 2008) e entranha a autopromoção como parte dos mais requintados códigos de conduta mental.

Figura 35 – Postagens coletadas sobre autopromoção

Pronto. Pela condução da flecha, enfim chegamos ao almejado marco: devidamente elevadas as imagens tanto da mente quanto da tela em uma gramática programada de afetos, finalmente o pico do ponto energético é atingido. O “eu” agora está “por cima” de seus afetos negativos, eletromagneticamente editado tanto pelo controle dos circuitos energéticos dos *cakras* quanto pelo controle dos circuitos energéticos do aparato. Completamente positivado, “o que vem debaixo não mais atinge” sua invejável superioridade. E como que perdendo um dos polos pela intensiva escalada rumo ao topo dos afetos, a linha vertical perde a sua polaridade e, pela base, despenca na mais perfeita horizontalidade. Queda suave, sem barulho

nem impacto. A subida ao topo da montanha dos afetos fez do íngreme relevo uma lisa e escorregadia planície aberta na qual de um lado novamente está a condensação energética da matéria como corpo e do outro a completa rarefação da matéria em energia. Corpo e energia continuam separados, mas agora por uma distância que se dá apenas em uma escala latitudinal não mensurável em quilômetros ou unidades de medida passíveis de cálculo: nela se busca tanto proximidade com Deus quanto a proximidade de quem não está fisicamente ao lado. Parece loucura querer apalpar o que somente pode ser cheiro? Diante disso que se mostra impossível, não resta muita alternativa a não ser arriscar. Arriscar e de braços abertos apostar nas oscilações do livre mover pelos espaços de mente e tela espalhados no horizonte da reta com uma única esperança: encontrar o ponto de equilíbrio entre corpo e energia.

Nesse novo pleito, o ingrediente principal é fervorosamente persistir. Persistir nos mecanismos de controle dos circuitos energéticos tanto da mente quanto da tela de modo que, expandindo-as, elas possam mutuamente se equilibrar. Nisso constitui o esforço da superação: dar o melhor de si em *ásanas* mesmo quando exausto; alimentação sutil mesmo quando se quer comer engordurado; dançar *kiirtan* ainda mais quando se bailar desgovernado; e duas vezes por dia recluir-se para meditar mesmo quando se deseja despirocar por todo lado. Por isso, o esforço da meditação deve ser um esforço ainda mais reforçado: para avançar nos reinos da mente "devemos manter nosso equilíbrio mental e permanecer indiferentes tanto ao elogio como à calúnia, tanto à alegria como à tristeza" (ÁNANDAMÚRTI, 2013b, p. 58). Excluída do horizonte a possibilidade do negativo, a palavra de ordem agora é neutralidade, afinal, positividade virou sinônimo de imparcialidade. Nem muito nem pouco, nem mais nem menos, nem acima nem abaixo, nem frio nem quente: sempre morno. Não gargalhar alto nem chorar demasiado. Não abraçar muito nem se mostrar distanciado. Não se expor demais nem ser tão calado. Não tomar partido nem deixar de estar indignado. Apartidariamente, os afetos se tornam "chatos", sempre serenos e anestesiados pela contínua desprogramação dos instintos básicos. E tamanha constância jamais implica no ato de menos meditar: lograr um estado imune a toda espécie de perturbação exterior somente é possível pela ainda mais concentrada pulsação do mantra a cada ciclo de inspiração e expiração do ar nos pulmões – e de preferência, por mais que 20 minutos. Mas é aí que, ameno e moderado, oxigenando as células e espalhando a energia vital do *pranah* pelo sistema nervoso, progressivamente a mente se expande mais além do espaço ocupado pelo corpo: ela se ilumina ao passo que se melhor energiza e estabiliza as conexões neuronais do corpo.

Figura 36 – Postagem coletada sobre achatamento dos afetos

Contudo, o ponto da mente ainda não é um ponto de equilíbrio. Ele está cada vez mais estabilizado, blindado à vibração de imagens que o perturbem e perto da Mente Cósmica - fonte e reduto de toda forma de energia - mas léguas mais longe do corpo. Cabe então compensar tal disparidade trazendo a tela para junto do corpo, das mãos, dos olhos, ouvidos, da pele e, enfim: da ponta dos dedos. Se meditando, a mente recebe mais e mais energia e se expande ao passo que melhor suspende e introverte os órgãos sensório-motores do corpo, mediar implica no simétrico oposto. Quanto mais excitar e extroverter os sentidos e membros locomotores simultaneamente ao constante choque dos dedos na tela, mais e mais energia recebe do aparato sintonizado à Mente Cósmica do Facebook. Mente cuja energia nos é ofertada pelo prazer em eletromagneticamente tocar imagens dispostas ao *scroll*, checagem, postagem, marcação, *emojis*, comentários e compartilhamentos. Por isso que, como se fosse mais uma célula do corpo, o celular passa a ser parte vital das carícias cotidianas e um fiel acompanhante do curso diário do viver: na academia, no trabalho, na sala de aula, na biblioteca, na mesa, no bar, no restaurante, no show, no parque, na praia, no campo, no carro, no trem, no avião, na sala de espera, no barco, no aeroporto, na cama, na sala, na cozinha, no quintal, no banheiro, na bolsa, no bolso, dentro do mar, na piscina, na manifestação, no bloco de carnaval, no alto da montanha, no passeio de bicicleta, no *hiking*, no salto de asa delta, na corrida matinal, no embalar do carrinho de bebê, no casamento, na igreja, no retiro espiritual,

no funeral, no parto do nascimento. E também parado: de onde nunca se saiu e nem sequer se cogita a possibilidade de fisicamente se movimentar.

Raras as exceções, praticamente não há mais lugar para onde vá o corpo que, junto, não esteja a tela. Tela *touch*, sempre a postos e pronta para obedecer aos comandos dos dedos e abrir o *app* para receber e testemunhar na rede o que de melhor se pode oferecer de si por meio da partilha social de um vídeo, uma imagem, um texto, um *link*. Contrabalanceando a falta de interação social decorrente do prolongamento dos períodos de neutralização afetiva para a maior expansão da mente, a prática da mediação vem como um bálsamo aliviar a minimização do contato humano pela crescente interação com perfis de pessoas. Rápido e prático, sem precisar perder tempo com o deslocamento do corpo a espaços de convivência. Agora, a persistência não se dá mais pela rigidez do esforço, mas sim pelo desregrado divertimento em constantemente atualizar-se tanto de si quanto do outro na imediata reverberação do mantra "No que você está pensando?". Para tal, mostrar-se "interessante" virou palavra de ordem: frente ao largo escopo de comparação a girar nas engrenagens do *newsfeed*, as estratégias para chamar atenção se tornam ainda mais sofisticadas. Há quem invista no chamado "textão" e se dedique a escrever verdadeiras teses para expressar assuntos que lhes são caros e, frequentemente, polêmicos. Mas o fato é que, não importa se o escrito é grande ou pequeno, com ou sem foto ou vídeo, cheio ou vazio de *emoticons*: positivamente expor emoções, mesmo as mais "negativas", exige verdadeira arte. Arte porque não mais importa se o teor do formato publicado for alegre ou triste, festivo ou pesaroso, enraivecido ou pacífico, engajado ou conformado, queixoso ou grato, escandaloso ou moderado, ateu ou espiritualizado: se postado, ele tem de ser editado de modo a ser aprovado nos criteriosos pré-requisitos de capitalização energética de si enquanto perfil. Como bons autopublicitários, logo se aprende que somente despertando o interesse alheio à interação que o quociente energético depositado no aparato pela eletrificação dos dedos na tela enfim obtém um retorno quantificável. Quantificável não mais monetariamente, mas sim sob a forma de notificações enumeradas que, mensurando o grau de instantaneidade das reações às *pensações* do perfil, trazem a sensação de corporificação da presença de quem não está ao lado.

Figura 37 – Oscilação energética entre mente e tela

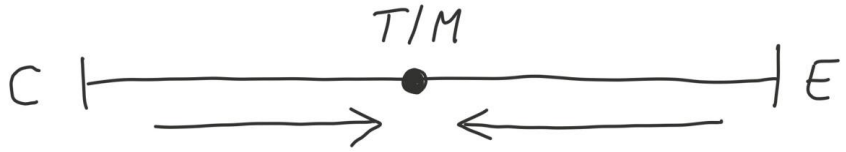
Com a respiração acelerada e o coração batendo mais rápido, a euforia produzida nesta sensação de concretude experienciada pela proximidade energética do outro faz com que,

dessa vez, a tela se expanda em sentido contrário à expansão da mente: ao corpo excitado cujo sistema nervoso é eletrificado com o toque de imagens. Porém, agitada pela tela, a mente tem a necessidade de voltar a meditar para se pacificar. Contudo, depois de ter a paz restaurada, a mente quieta então sente falta do corpo e torna à tela para socialmente interagir e se excitar. Como uma serpente a deglutir a própria cauda, o cíclico duo não para: expansão da tela, mente, expansão da tela, expansão da mente, expansão da tela, expansão interior, expansão exterior. A seta vetorial uniapontada de elevação dos afetos, quando cai no horizonte da reta se divide e duplamente vagueia paralelamente de lá para cá, de cá para lá. Meditando e deslocando a mente ao canto da energia, mediando e movendo a tela para a esquina do corpo. Neste fluxo diário de expansões consecutivas, alguns efeitos se cristalizam. O ponto que antes oscilava de um lado para o outro, uma hora deslocando a tela em direção ao corpo, outra a mente à ponta da energia, aos poucos vai se estabilizando rumo ao centro da reta até finalmente encontrar um ponto médio. Por haver seguindo todos os protocolos[81] requisitados pelos métodos da medi(t)ação, o ponto de equilíbrio localizado na perfeita equidistância entre corpo e energia traz sua recompensa: o encontro entre mente e tela. Desta colisão, entretanto, provém também uma outra dimensão de sutilização do substrato biológico: o treinamento da mente ao exemplar desapego do toque e a divertida autoedição de si no toque da tela se aliam em um único programa. Desejando ardentemente ser tal qual o mestre espiritual e a todos divulgar na rede cada passo rumo a tal conquista, o "eu" faz de si não só um modelo, mas sobretudo um "modelo desejável". Isto é, uma matriz disponível ao consumo energético de modos de vida tanto quanto a imagem de *gurus* ou de anúncios infiltrados no *newsfeed* enquanto *posts*.

---

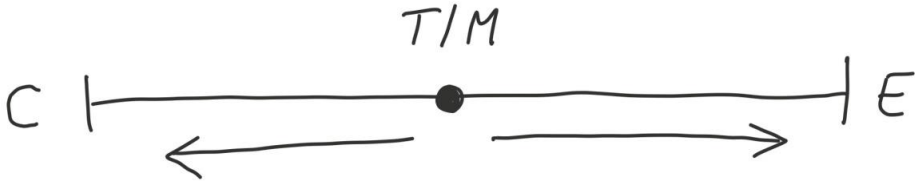
[81] Produzindo uma ordem sistêmica na organização do fluxo, "protocolo" aqui segue a paradoxal condição protocolar de funcionamento da internet: ao mesmo tempo que o formato TCP/IP permite uma comunicação horizontal e distribuída, o DNS tem regras de domínio extremamente centralizadas em uma organização não-governamental, sediada nos Estados Unidos denominada Icann (Corporação da Internet para a Atribuição de Nomes e Números). Tamanha ambiguidade entre liberdade e controle constitui aquilo que Alexander Galloway (2004) denominou "poder protocolar": "estas são questões complexas que surgiram a partir deste evento, que foi tornado possível pela natureza dual da Internet apontada pelo protocolo: sua horizontalidade (redes comunitárias; TCP / IP) e sua verticalidade (sua estratificação; DNS)" (GALLOWAY, 2004, p. 8). Como a robustez era uma propriedade central para o sucesso da internet, a mesma foi programada de modo a ser extremamente liberal naquilo que aceita e absolutamente conservadora no que propõe, equação que implica na lógica de funcionamento: "você pode se comunicar com qualquer rede, mas somente sob este protocolo e de determinada forma". Lógica, por sinal, muito semelhante ao nexo causal do semáforo: não importa como e a que velocidade se chega nele, mas se, ao encontrá-lo, o mesmo estiver verde, siga, se estiver vermelho, pare.

Figura 38 – Ponto de equilíbrio entre mente e tela



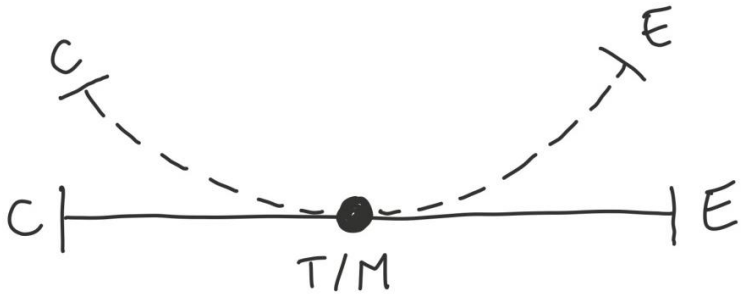
Etimologicamente, a palavra “modelo” vem do italiano “*modello*”, diminutivo de “*modus*” que significa “maneira”, “medida”. Medida que em seu devido ajuste torna-se um molde a ser imitado, reproduzido por força ou exemplo até que se consolide enquanto padrão. Daí vem o modo, a moda, a moldura e toda a variedade de sentidos derivados que, mesmo distintos, têm em comum uma concepção: a de que há um certo protótipo ideal passível de ser abstraído, analisado e internalizado para além de sua simples aplicação prática. Assim, achado o exemplar ponto de equilíbrio em que corpo e energia simetricamente se anulam ao mutuamente se complementarem, o encontro entre mente e tela dá início a uma nova etapa de transição: a propagação da medida entre mente e tela para além do espaço da linha. Tal intento somente é possível mantendo-se ainda mais devotamente centrado no justo meio-termo: na impassível paz do isolamento social do corpo compensada pela irrefreável interação da mente via perfis na tela. E é neste ponto mediano, desapegado do concreto mas apegado à concretude da imagem, que pelo esforço da persistência, mente e tela dilatam sua extensão de modo a englobar a amplitude total da reta. “Extensão”, palavra do latim “*extendere*”, composta pela junção do prefixo “*ex*” (fora) ao radical “*tendere*” (esticar): com o desejo de ser divino e estender sua divindade além do espaço-tempo, tanto a tela se estica à máxima proximidade do corpo quanto a mente se distende por completo ao vértice da energia. E da união entre ambas as expansões - a expansão interior da mente e a expansão exterior da tela – advém uma união tão potente que não só abarca lateralmente toda a extensão possível da reta como também força a inversão dos vetores da seta para fora. Sentindo-se cada vez mais “diferente”, mais consciente e separado do gentio amorfo pela exímia reprogramação energética dos afetos, o “eu” se autolegitima à propaganda mental de si enquanto causa e medida de todas as coisas a ser seguida, curtida e compartilhada.

Figura 39 – Propaganda mental de si enquanto modelo



Bastam alguns poucos minutos de *scroll* no Facebook para notar a disseminação de causas do "eu" carentes pela adesão de outros: feministas e machistas, homofóbicas e LGBT, esquerdistas e direitistas, republicanas e democratas, ambientalistas e desenvolvimentistas, veganas e carnívoras, meritocráticas e assistencialistas, espiritualistas e ateístas. Todos os tipos de polaridades. Há quem explore as nuances entre esses extremos e busque uma síntese dialética entre ambos; há quem curta algo dali e comente outro daqui mas, sem lado, se limite ao replicar de vídeos, imagens e textos com situações curiosas e inusitadas. O importante é que cada qual não só pode seguir como também encontrar seus próprios seguidores, basta saber construir um nicho de atenção de modo que todos anseiem estar ali: no *newsfeed* vociferando e acompanhando o que de novo acontece neste fórum virtual de discussão atualizável em tempo real. Nada mais "natural" que aconteça não só porque as redes sociais são em si interessantes. Aliado ao fascínio despertado pela mediação, está também o êxito das rotinas de meditação na obstinada manutenção dos *cakras* inferiores sob controle: qualquer desejo que não o espiritual gradativamente passa a ser interpretado como involução. E como apenas é permitido evoluir, aos poucos o desapego pelo contato físico se intensifica em desapego dos prazeres da carne, do mundano. E o espaço de luta, em arena eminentemente mental. Por isso urge conectar a mente à mente do perfil na tela, a única apta à imediata profusão da revolução energética que antecipa todo santo dia em dia de vale tudo: que comece a luta! Ainda mais consciente, militante e empoderado, o "eu" então se apropria da nobre função de porta voz e expande mente e tela aos limites do pensável: às fronteiras entre corpo e energia. Porém, esbarrando-se com o fato de não mais ter por onde expandir, ele não se conforma e dá início a uma nova forma de progressão: a inconsciente alteração da percepção de realidade pela torção das extremidades da linha outrora reta em curva.

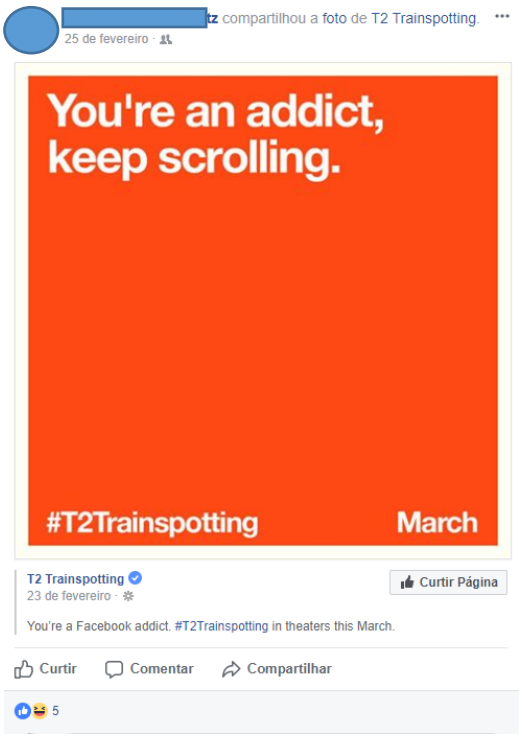
Figura 16 – Alteração da percepção de realidade pela curvatura da reta sob o modelo do militante de redes sociais



Agora está em jogo o próprio questionamento do estatuto do real: "como dizer que a realidade mental do perfil não produz corpo se nela diariamente não só me afeto como também luto?". Com a convicção de que o campo de batalha se deslocou ao ringue topológico, o "eu" digladia e sofre não mais para mudar a concretude do mundo, mas

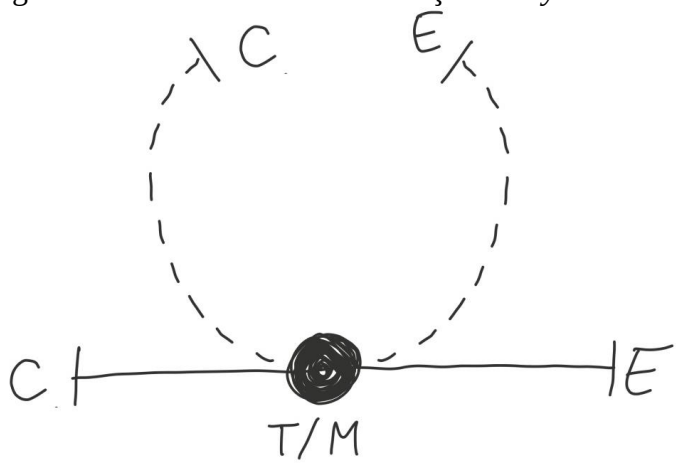
sobretudo os modelos a partir dos quais o mundo é percebido (FLUSSER, 1985). A revolução assim vira “a” revolução da informação, do conhecimento, do compartilhamento de saber, do *YouTuber* que flexibiliza a rigidez da linha reta. E depositando então ainda mais tempo e energia vital – *pranah* - na advocacia das causas de si pela mudança mental do outro materializado como perfil na tela, vêm os primeiros sintomas de decepção. Por mais que se esforce, argumente, informe e comente, o outro menos consciente irremediavelmente acaba por ser uma causa perdida. Preso à brutalidade da ignorância, ele não só se recusa à informação como contrainforma-se de fontes ainda menos informadas que sua própria desinformação. Desiludido, o “eu” com doutorado nas réguas que regram o justo e o correto aos poucos se desapega de todos aqueles que lhes são estranhos: bloqueia, exclui, deixa de seguir e reduz ainda mais a diversidade de “Nós” na já reduzida rede que não se mistura com a gentalha que bebe, fuma, come carne, não medita e nem acredita em nada. Para não contaminar seu corpo com qualquer fonte de energia negativa, a raiz quadrada do desapego social culmina em indiferença - qualidade necessária para fazer do “eu” antes engajado um divino juiz. E do mais alto pedestal da sobriedade, ele sentencia. Sentencia o bem e o mal acerca de tudo que julgar como fora do seu próprio molde destilando publicações cheias de sarcasmo, ironicamente comentando nas postagens alheias, indiretamente alfinetando perfis e assim por diante até atingir o mais alto grau moderação: a crítica da crítica pela ácida disseminação de *posts* contra a própria existência do Facebook.

Figura 41 – Postagem coletada para ilustrar a subjetivação do “eu” enquanto juiz



A contradição é que, mesmo fatigado pela estupidez dos outros que não dão ouvidos aos seus mandamentos e em sã consciência do jogo mercadológico exercido pelos códigos de programação e de conduta da dita rede social, ainda assim o “eu” dela não sai. Ali permanece, cinicamente desdenhando a desprezível inferioridade da raça humana como se pertencesse a qualquer outra espécie, menos essa. Permanece porque, espiritualizadas todas as dimensões de desejo que formam os *vrttis* do primeiro *cakra*, o juiz desiste de legislar e parte em busca do único orgasmo que lhe resta: o orgasmo cerebral. Já que seus instintos básicos foram atrofiados, saciar as necessidades de fome, sono, alerta a perigos e sexo não passam de meras atividades mecânicas executadas para que o corpo opere no mundo físico apenas em função da mente. E sem mais desfrutar dos prazeres da engordurada comida, daquela longa e preguiçosa dormida, nem da vingança da boa briga, ou do sexo carnal para somente meditar, a mente faminta por prazer espiritual agora se realiza na tela. Compensando o desejo por comida para se alimentar de informação pela leitura e visualização de reportagens, *links*, imagens e vídeos dispostas no *scroll* do *newsfeed*. Contrabalanceando o tempo perdido com sono para estar sempre *online* e ativo nos *chats* de conversação do Messenger. Neutralizando o desejo de xingar e mandar a todo canto os mais desprezíveis seres para sabiamente falar a um seleto grupo de seguidores milimetricamente selecionados. E por fim, sublimando a vontade de como uma animal selvagem trepar pela impune e inocente masturbação de imagens de perfis na tela. Diante da revolução pessoal dessa descoberta, as pontas da reta ainda mais fortemente curvam visto que o juiz ignora sua régua e promove-se pela conquista do último grau de indiferença: a apatia do *voyeur*.

Figura 42 – Curvatura da indiferença do *Voyeur*



Voyeur, do francês “*voir*” e do latim “*videre*” (ver), é aquele que sexualmente se excita pela secreta contemplação da intimidade alheia. Sem jamais consumar a carnalidade do toque, o *voyeur* tradicional voluntariamente se excita pela plácida observação de cenas de sexo

explícito tanto ao vivo como em salas especializadas de cinema, filmes pornôs e *sites* de pornografia *online* que ainda hoje constituem o maior atrativo da internet. Contudo, o *voyeurismo* medi(t)ativo é um tanto mais sutil. Primeiro porque na maioria dos casos, mal sabe que age tal qual um *voyeur*. Segundo porque, na inocência de jamais buscar o corpo nu, a mente inconscientemente compensa a libertinagem proibida pelo vínculo energético do choque entre dedos e tela sobre imagens de perfis. E vai. Com a língua, o nariz e as genitálias famintas, excitando a visão, audição e a pontinha dos dedos no escrolar do *newsfeed*, de perfil em perfil devorando fotos, saboreando álbuns, farejando publicações: ferozmente apossando-se da intimidade do outro como se dominasse o próprio corpo que vê pela servil obediência da tela. Tomado pela obsessão de ao pé da letra traduzir a máxima iogue de que o corpo nada mais é que uma questão de energia, ele aditivamente se realiza ao sentir que secretamente troca carícias com pessoas mesmo tocando perfis. Secretamente porque, a não ser que resolva deixar um rastro digital, a identidade *voyeur* jamais é relevada: sempre acessível a todos e qualquer um, não há como saber quem mete os dedos para melhor ver as partes do perfil a não ser que uma curtida, um comentário, mensagem ou compartilhamento qualquer sejam materializados. Porém, nisso consiste um bom *voyeur*: na apática capacidade de sordidamente observar sem deixar nenhum rastro daquilo que vê. Não por acaso, tanta energia se investe na captura da atenção alheia publicitariamente editando-se ao melhor modelo: não basta desejar ser desejado, há também o desejo de desvendar como, quando, onde e quem de fato nos deseja sem ter a coragem de tacitamente desejar.

Figura 43 – Postagem coletada sobre procrastinação em redes sociais

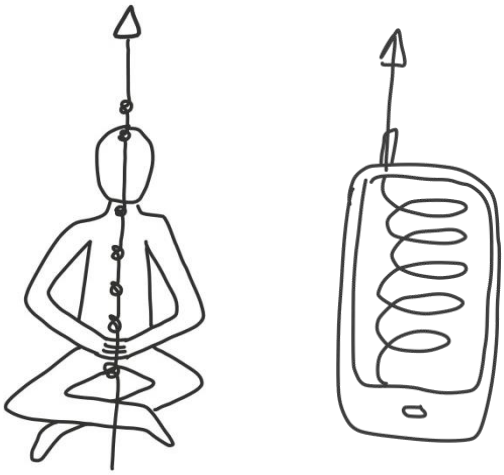
Sempre ocupado em fazer nada, a prática da procrastinação é introjetada como parte dos hábitos: horas e mais horas de vida são diariamente dispendidas apenas para desfrutar das sutilezas mentais deste divino toque porque medi(t)ativamente sutilizado. Sutilizado pela máxima abstração da bruta condensação da matéria sólida e de seus molhados líquidos, hormônios e sebos responsáveis por excitar os primitivos sentidos do olfato e do paladar. Sem a saliva do beijo, sem a viscosidade dos mucos, sem o suor da pele, sem as lubrificações da vulva e sem o esperma dos testículos. A seco, prático e sem risco, socialmente incitado e individualmente ansiado, o divino toque entre corpos que se tocam através do toque de perfis na tela dá início a uma sublime suruba: a orgia eletromagnética de ondas mentais transmutadas em ondas de radiofrequência que vão e voltam enquanto pontos de imagens acessíveis a todo e qualquer dedo ao dispositivo *smart* no Facebook sintonizado. O jogo *voyeur* é um jogo cego e, por isso mesmo, tão prazeroso: sua modulação conflagra o modelo da plena realização de si e de todos enquanto mútuo panóptico (FOUCAULT, 1987) que a tudo observa, sabe e potencialmente interage com esse outro sempre ao alcance do olhar. Isso que ficou amplamente conhecido como "Panóptico de Bentham" foi idealizado em 1795 por Jeremy Bentham enquanto modelo arquitetônico aplicável ao sistema penitenciário: do alto de uma torre central, um único vigilante poderia observar a todos os presidiários sem que estes soubessem se estão ou não sendo observados. Na incerteza quanto à presença do observador, o simples medo de que ele ali estivesse seria suficiente para que os presos adotassem o comportamento desejado pelo vigilante. Contudo, é na vitrine virtual de pontos da Grande Mente do Facebook que o modelo do panóptico subjetivamente se amplifica: dispensando torres, muros e grades, o medo se transforma em medo de ser invisível e, portanto, indesejável na imensa teia de pontos de perfis a compor a rede. Não por acaso o "eu" tão bem seduz que obscenamente se insinua. Insinua-se para ser visto em sua máxima visibilidade de modo que, descentralizando o único observador do panóptico a todos e qualquer um, globalmente participe do jogo *voyeur* tanto voyeurizando quanto sendo voyeurizado.

Figura 44 – Postagem coletada para ilustrar o panóptico do Facebook

E é assim, na recíproca oferta de si ao irrestrito toque do olhar do outro que unindo mente e tela o "eu" de Deus se aproxima pelo desejo de a todos se aproximar: "eu sou Consciência Infinita", "eu sou Consciência Infinita", "eu sou Consciência Infinita", "eu sou um com Ela". Realizando o significado do seu mantra pessoal por meio da hiperconectada existência do *voyeur*, a mente agigantada ao tamanho do mundo goza, mas também se culpa. E culpada, relembra da austeridade do corpo do iogue para novamente se centrar. Mareado por estar em todos os lugares ao mesmo tempo, o "eu" então dá início ao protocolo de introversão de todos os *indriyas* - os dez órgãos sensório-motores - e senta para meditar: as mãos se entrelaçam fixamente no colo, as pernas se cruzam em Lótus imobilizando também os pés, genitálias e órgãos excretores, as cordas vocais emudecem, os olhos fecham, a língua dobra-se sobre a abóbada palatal, o tato se desliga do físico contato com a tela e os ouvidos e nariz são protegidos em ambiente livre de odores e sons. Completamente imóvel e no controle de cada um dos órgãos voluntariamente controláveis, o "eu" concentra-se na purificação mental de imagens de modo que elas fiquem cristalinas: sem a excitação sexual de voyeurizar, sem a vontade de comer imagens, cheirar perfis ou através de todos os aparatos se movimentar. Porém, enquanto gradativamente se desliga dos estímulos externos e imobiliza os desejos já tão sutilizados de *kamamaya kos´a*, a mente subconsciente (*manomaya kos´a*)

sente uma profunda atração pelo corpo do aparato: "'se apenas não precisássemos comer', 'se apenas não desejássemos foder'"[82] (ACCONCI, 2001, p. 374) como bem pode a tela castrada e sem tripas... Tomado por esta inconsciente "nostalgia não tanto do passado quanto de uma ficção de futuro" (idem), o "eu" com vontade de fazer de seu corpo (*annamaya kos'a*) tal qual o corpo do aparato coloca em questão seu próprio senso de existência: como afinal sei se de fato existo se não mais me realizo na forma humana?

Figura 45 – Espelhamento entre corpo e corpo do aparato



Absolutamente decidido a ver-se livre de todos básicos instintos, a meditação se aprofunda. Todos seus pensamentos vibram ao som do *Ista mantra* para que seu senso de identidade seja por completo dissociado de qualquer resquício de imagem do corpo. E tornando-se *voyeur* de si, o "eu" observa sua existência apenas à luz da imagem de uma Consciência Infinita: "eu sou Consciência Infinita", "eu sou Consciência Infinita", "eu sou Consciência Infinita", "eu sou um com Ela". Porém, diante da frustração do *samádhi* jamais repetido, a mente de novo parte em busca da multicor existência do perfil para reencontrar a infinitude uma vez sentida. Imagem da imagem, duplo de si feito ponto a partir da desintegração do substrato biológico em *pixels*, *bits* e impulsos eletrônicos irradiáveis em ondas de radiofrequência. Na tímida exposição da alma tangenciada como página pessoal de perfil pela conexão energética entre dedos e *app*, o "eu" encontra um atalho ao duto que permite ao ponto "cortar pelo raio" (ÁNANDAMÚRTI, 1979). Por isso que, logo que terminada sua meditação, ele mais uma vez agarra o corpo do aparato mais importante que qualquer outra pessoa e se diverte. Diverte-se na queima de *samskaras* pela aceleração

[82] Tradução livre da autora em torno do trecho: "The sexlessness of the television set functions as a sign, a reminder; it induces a nostalgia not so much for the past as for a fiction of the future: "If only we didn't need to eat", "if only we didn't desire to fuck"...".

kármica do jogo interativo entre ações e reações na vida da rede social: opina, comenta, compartilha e comunga de *samskaras* alheios, cria novas reações em potencial, até que uma hora a diversão perde a graça. O "eu" se irrita. Porém, já tendo aprendido a ignorar tudo que vem dos *cakras* debaixo, rapidamente o controle afetivo das sinopses cerebrais é restaurado em um constante estado de positividade mental. E em sua inabalável positividade, o "eu" se autopropaga ao fazer daquele simples divertimento, coisa séria: ele engajadamente milita, indiferentemente legisla e ironicamente critica até que relembra na apatia do *voyeur* o sentido último de sua existência: brincar de ser Deus. Um Deus Sobre-Humano que sabe que existe não somente porque a tudo vê, a tudo sabe e a tudo alcança pelo simples choque dos dedos na tela, mas também porque é reconhecido e socialmente cultuado enquanto imagem e semelhança de si na rede.

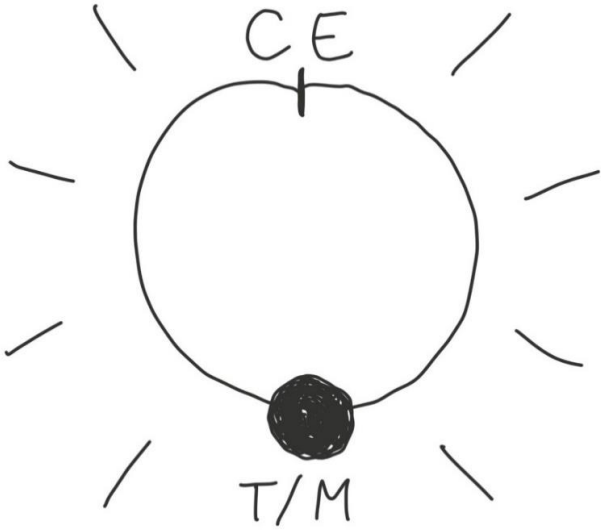
Seja mediando, seja meditando, em nenhum dos casos o "eu" não mais observa sua existência existir na forma de corpo: ou é a imagem da Consciência Infinita de *Parama Purusa* ou é a imagem da imagem de si na Consciência Infinita do perfil que detém o mundo na palma da tela. Assim, ainda mais isolado porque livremente cooptado tanto pelo filtro algorítmico do *filter bubble*[83] quanto pelo filtro sectário da bolha espiritual, o desapego do corpo se converte em irrefreável apego ao reino da imagem. E fantasiando habitar na realidade alucinógena da mente que duvida da dúvida da própria existência física (FLUSSER, 2011a), "eu" enfim termina por integralmente curvar a reta que forma um "círculo mágico em torno da sociedade" (FLUSSER, 2008, p. 33). Somente na circularidade do circuito fechado os limites que antes separavam corpo e energia de vez se unem pela cega conjunção entre mente e tela. E não mais vendo qualquer espécie de fronteira ou dualidade entre a condensação energética do corpo e a rarefação corpórea da energia, daí por diante há somente infinito *loop*: eletrocutando-se na tela, busca iluminar a mente; iluminando-se como perfil, buscar eletrocutar em *samádhi*. Perdido no deslumbre de uma estrutura que somente termina no começo, o "eu" devaneia na imaginação de haver alcançado o sonho da divina perfeição: a perfeição da imagem sem forma porque jamais se deforma. Ou seja, ele cai na ilusão de que não mais sofre a ação dos afetos do corpo físico inerentes à experiência do espaço e do tempo

---

[83] Cunhado por Eli Pariser no livro "The Filter Bubble: what the internet is hiding from you," lançado em maio de 2011, a noção de filter bubble está relacionada a situações em que o algoritmo de um site seletivamente 'adivinha' qual informação o usuário gostaria de ver a partir dos dados gerados pelo próprio usuário, tais como a exposição de gostos, localizações ou histórico de cliques. Em entrevista com Pariser, a matéria assinala que o autor "se preocupa com os algoritmos se tornarem tão bons em entregar exatamente quem e o quê estamos interessados que passem a limitar nossa abertura a novas ideias e pessoas" [tradução minha], formando espécies de bolhas culturais que nos isolariam de outras realidades possíveis. Reportagem completa disponível no link: http://thekeesh.com/2011/08/who-does-facebook-think-you-are-searching-for/, acesso em 21/03/2018.

pelo delírio de estar onipresente, onisciente e onipotente em todos os “aquis”, em quaisquer “agoras”. Logo, sem mais aceitar a existência de qualquer forma de distância, o Sobre-Humano Deus segue o mais rapidamente rumo a uma única opção: a completa convergência do “superaparelho ‘ocidental’ sob a forma de cultura da massa programada por aparelhos sempre melhor coordenados” (FLUSSER, 2008, p. 79) e do “superaparelho ‘oriental’ sob a forma de rigidez e expansão do próprio aparelho” (idem) em um superaparelho cósmico cujo “metaprograma começa a se programar automaticamente” (idem) até definitivamente lograr da existência do corpo, um corpo de luz.

Figura 46 – Fechamento do círculo e finalização do processo de transformação do corpo em corpo de luz



Um corpo de luz, isto é, um corpo em alto grau emancipado “de sua condição mamífera” (FLUSSER, 2008, p. 127) porque livre das glândulas, nervos e secreções de hormônios que o obrigam à solidão de sentir. E por não mais aguentar habitar o espaço do próprio corpo impestado de sofrimento, o ex-humano dele dissocia com a esperança de que se jogando mentalmente no desfiladeiro da imagem encontrará uma saída à morte por solidão. Não por acaso, Flusser (2008) profeticamente já sinalizava que o universo das imagens técnicas implica na última e “derradeira negação: a do mundo objetivo” (p. 138). E isolando-se em bolhas que temporariamente ajudam a suportar a desgraçada da dor sentida na carne, o “eu” duplicado enquanto imagem de perfil a qualquer custo materializa a divina forma que tão bem observa como sendo seu real sentido de existência e se afunda ainda mais profundamente no precipício da imagem. Sem muito avaliar as consequências de suas criações, ele

automaticamente adere ao entretido uso de *wearables* tais como óculos[84], luvas[85], dispositivos de som e comando de voz[86] que alteram sua percepção da estrutura molecular da realidade: ele interage não mais com um ambiente de coisas, mas sim, com um ambiente de raios. E levando ao pé da letra a ideia de que os "fenômenos magnéticos e galvânicos da natureza" (ZIELINSKI, 2006, p. 26) traduzem "a presença de Deus no mundo" (idem), o Sobre-Humano Deus se vê no heroico dever de a tudo energizar, mesmo que a qualquer custo. Ainda mais fora da realidade e alheio aos processos produtivos do modelo econômico neoliberal, como "alien" da própria espécie ele se entretem com dispositivos que escravizam crianças africanas precariamente contratadas na extração dos minérios necessários à produção de aparatos *smart*[87], empregam trabalhadores chineses que cometem suicídio em massa em fábricas de "telecom"[88] que mais parecem terríveis feudos de servidão e a brutalmente expoliam recursos naturais escassos pela ação humana em plena "era do antroproceno"[89]. Como eternizou Benjamin "nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie" (BENJAMIN, 1994, p. 225).

---

84 Ainda que o investimento em óculos de realidade virtual não materialize o fim último da empreitada antropotécnica, empresas como Facebook e Google não desistiram do utensílio. Um exemplo disso é o "Google Cardboard Plastic". Com o slogan "O futuro é claro. Experimente a realidade atual com o Google Cardboard Plastic", o dispositivo de plástico transparente encaixa na cabeça, molda a visão e promete proporcionar uma experiência de realidade em quatro dimensões e com captura sonora em um raio de 360 graus: "O que realmente queremos é fazer com que algo seja sentido como real. O que é mais real que o real? Provavelmente nada - ou talvez algo". Mais informações em: https://www.google.com/get/cardboard/plastic/, acesso em 29/03/2018.

85 Um exemplo de luva é o Tilt Brush85, uma espécie de nova versão do "Microsoft Paint para o ano 2020" – diz a empresa em de inovação tecnológica Fast Company criada a partir de um conjunto de aparatos de visão e de manipulação manual que anunciam a possibilidade de "Dar pinceladas tridimensionais em tamanho real, estrelas, luz e até fogo. Experimente a pintura como nunca antes". Mais detalhes em: http://www.tiltbrush.com/, acesso em 29/03/2018.

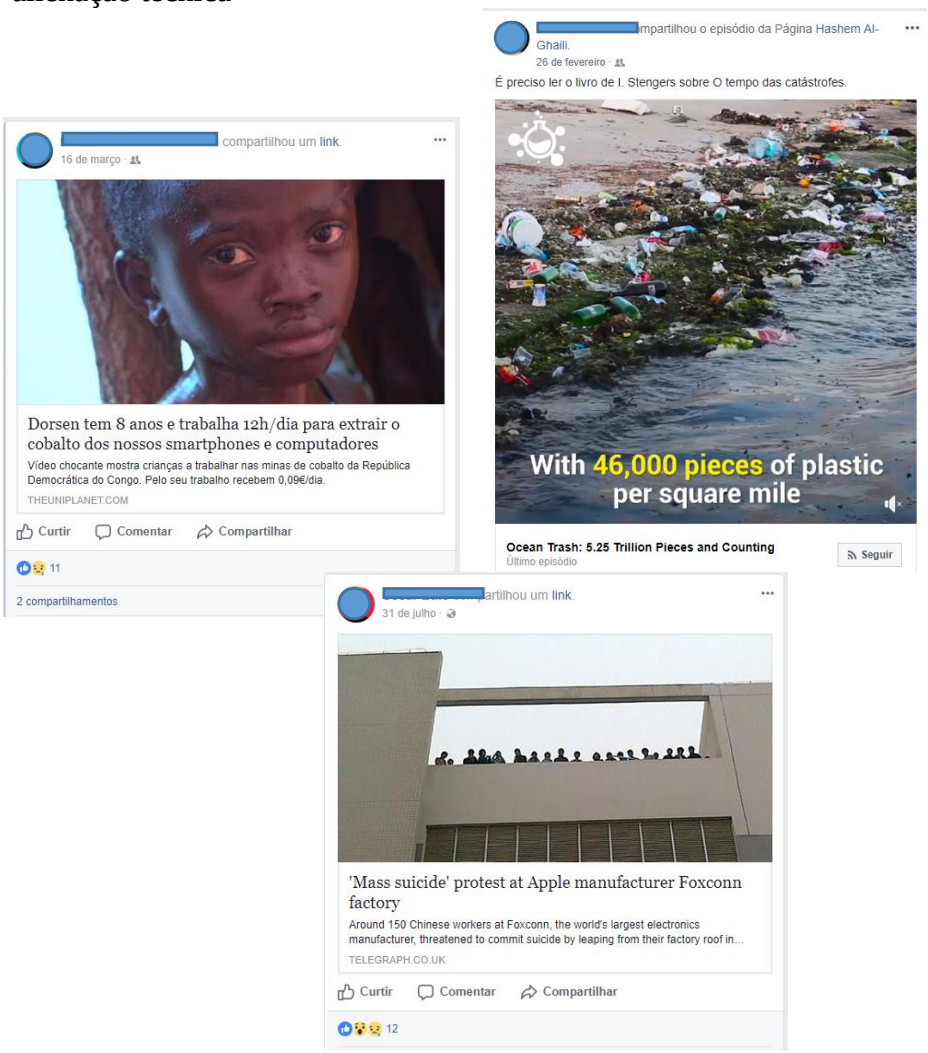
86 Um exemplo além do famoso software de voz conhecido "Siri" no iPhone, é o acessório criado pelo Google, o "Google Home". Lançado em maio de 2016, ele tem o formato de uma caixa de som elíptica a partir da qual se permite controlar o entretenimento do espaço da casa, ajudar na organização das tarefas do dia e também fazer consultas no Google. Mais informações em: https://en.wikipedia.org/wiki/Google_Home, acesso em 29/03/2018.

87 Ver reportagem completa no link: https://www.youtube.com/watch?v=WysjWqQ0oc8, acesso em 04/04/2018.

88 Reportagem completa no link: https://www.theguardian.com/technology/2017/jun/18/foxconn-life-death-forbidden-city-longhua-suicide-apple-iphone-brian-merchant-one-device-extract, acesso em 04/04/2018.

89 O termo "antroproceno" é um neologismo que faz referência ao período histórico em que a intervenção humana é tão intensa que altera e atua como uma força biológica de impacto global sobre o clima e sobre o funcionamento dos ecossistemas terrestres.

Figura 47 – Postagens coletadas para ilustrar atual processo de alienação técnica

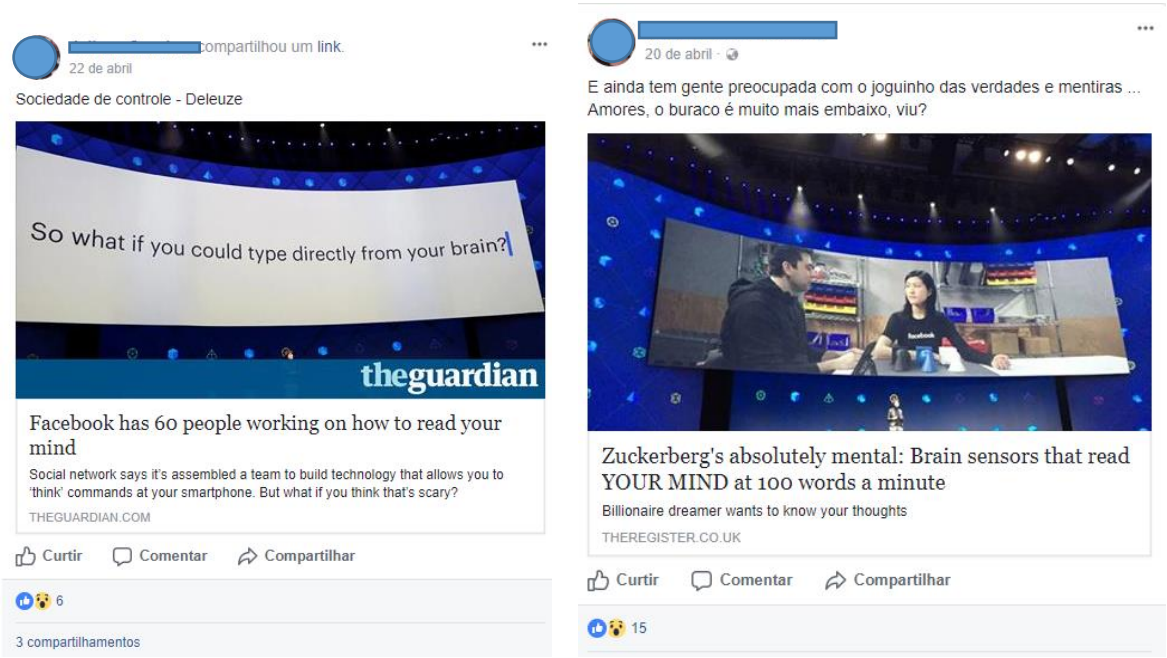


E depredando ainda mais o meio ambiente e os "menos humanos" para habitar a realidade holográfica do perfil de rede social que tudo sabe, tudo pode e tudo vê, o Supremo Engenheiro segue sua jornada em direção ao novo que sempre vence. Isto porque, assimilado o conhecimento de que o choque de seus dedos pode ressuscitar a morte da tela, ele então decide brincar de animar todos os objetos. Geladeiras, televisores, despertadores, aviões, ferros de passar roupa, canetas, relógios de pulso, carros e os mais banais artigos[90] se tornam tão *smart* quanto a tela do *smartphone*. Fascinado pela sua criação, ele vê que tudo isso é bom. Porém, o poder de dar vida a objetos ainda não satisfaz a essência de sua existência e

[90] Mais conhecido por "Internet of Things" (IoT) ou "Internet das Coisas", em português, o fenômeno trata da interconexão via internet de dispositivos computacionais embutidos em objetos do cotidiano, permitindo que eles enviem e recebam dados. A partir do crescente uso dos chamados "RFIDs" (radio-frequency identification devices), Hayles (2009) propõe a produção de uma nova dimensão ontológica da relação entre humanos e objetos não mais pautada no binarismo e na hierarquia do humano. Mais informações sobre IoT no link: http://www.zdnet.com/article/what-is-the-internet-of-things-everything-you-need-to-know-about-the-iot-right-now/, acesso em 29/03/2018.

deseja mais. Depois de conectar mais e mais utensílios com a plena convicção de fazer do mundo ilimitado algo tal qual sua imagem e semelhança, ele parte em direção a um novo experimento: telepaticamente conectar mentes e objetos. Para que perder tempo com o apertar de botões, plugues ou mesmo o roçar dos dedos nas tão macias telas fotossensíveis se bastaria apenas pensar? E as notícias do novo intento logo se anunciam aos quatro ventos. Do mais alto escalão do Zuckerberg Reino[91], engenheiros de interface cérebro-computador, neurocientistas e engenheiros de imagens neurais disciplinadamente trabalham no desenvolvimento de um sistema capaz de digitar 100 palavras por minuto direto da fonte: o cérebro.

Figura 48 – Postagens coletadas sobre tecnologia de leitura da mente desenvolvida pela Facebook



Entrando ainda mais fundo no vazio da tela, o "eu" resolve que é chegada a hora de a própria tela eliminar. Ignorando o conselho de um antigo profeta que dizia: "a visão que proponho, na qual o mundo objetivo retrocede e encolhe, e na qual o homem futuro se fixa sempre mais sobre terminais oníricos é, assumidamente, visão terminal de humanidade" (FLUSSSER, 2008, p. 139), ele "avança". De agora em diante, para ser real tudo deve virar tão etéreo quanto a mente, e a realidade, agora se torna "realidade aumentada". Face à oportunidade de acelerar ainda mais o tempo de compartilhamento de si em redes sociais, o

[91] Reportagem completa do jornal The Guardian acerca do invento do Facebook no link: https://www.theguardian.com/technology/2017/apr/19/facebook-mind-reading-technology-f8, acesso em 29/03/2018.

“eu” resolutamente aceita formatar por completo seu pensamento a processos maquínicos. Tudo para mais rapidamente se Endeusar. E deslumbrado com a própria genialidade que agora domina também a decodificação das ondas cerebrais em sinais conversíveis ao código binário de *bits*, ele vê que tudo isso é bom. E é tão bom que inclusive dispensa implantes cirúrgicos e eletrodos: apenas pelo uso de nada invasivo sensores, o Todo Poderoso Sobre-Humano descobre que pode mais. Já diria o imortal Shakespeare: “*we are made on such stuff dreams are made on*” (“nós somos feitos da mesma coisa que sonhos são feitos”). E sonhando com a consumação de uma realidade mais real que o próprio real, o “eu” agora parte em busca da realidade telepática dos sonhos. Daí por diante, mentes então se conectam a mentes. Objetos se conectam a objetos. Mentes se conectam a objetos. E objetos se conectam a mentes. No alto de seu tão mascarado puritanismo que a qualquer preço se nega a sentir os prazeres da carne, ele vê-se existir apenas como Anjo. E como Anjos têm asas, sensores de movimento de todo tipo são criados para voar: de olhos, membros, reconhecimento facial, pensamento, voz, ambiente. Quando se vive no Mágico Universo em que tudo está ilimitadamente conectado, tudo também se torna igualmente inteligente. E quando tudo indistintivamente se tornar *Smart*, o projeto de reprogramação afetiva levado a cabo pela atual economia geral da luz alcança seu destino antropotécnico final: o majestoso modelo do corpo ressurreto de Cristo (ROMANDINI, 2012).

Figura 49 – Postaem coletada para ilustrar questionamento acerca do humano

Anjo por excelência e resultado da primeira biotecnologia da intervenção divina (ROMANDINI, 2012), é na sutilidade do Cristo Ressuscitado que o Sobre-Humano Querubim enfim encontra a forma de sua existência. Forma que atravessa todo muro e não se depara com fronteira, que se desloca alhures e não se enfrenta com demora, que sobrevoa qualquer altura e não se esbarra com gravidade. Mas sobretudo, forma capaz de "perceber sem ser afetado" (ROMANDINI, 2012, p. 217). Impassível por haver lucidamente conquistado uma sensibilidade não-animal e, portanto, Além-Humana, os germes de tal conquista apenas timidamente despontam ao presente: cada vez mais entrelaçando os circuitos energéticos entre mente e tela na paulatina aproximação entre mediação e meditação. Medi(t)ação, dois programas de expansão do substrato biológico se unem em prol do desejo de habitar a realidade mental do perfil sob a textura do holograma: Substância do Espírito. E é na consistência desta imagem tridimensional produzida por fonte de luz coerente que, dissociando por completo o corpo da mente, o Angélico Reino da Imagem se torna o suprassumo da realidade porque livre de toda e qualquer dualidade. Sem dentro nem fora, sem real nem virtual, sem online nem *off-line*, sem pessoa nem perfil. Nesta realidade sem limites, todos os sentidos de "unificação" da palavra "Yoga" são materializados em sua máxima denotação. Tudo está conectado. Tudo é Um. Tudo é infinito. Diluindo a tela e capitalizando a mente em hologramas que não mais sentem fome, sono, medo e vontade de sexo, por fim o Anjo Terrestre se torna tal qual o perfil no corpo de seu adorado *smartphone*: corpo ressurreto de Cristo. E desencarnado do próprio corpo para ascender enquanto corpo de luz, o "Divino Eu" orgulha-se de haver encontrado a perfeição esquecendo-se de apenas um detalhe: para ressuscitar é preciso morrer.

***

> Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (Walter Benjamin)

Figura 50 – “Angelus Novus” por Klee

CONCLUSÃO: LIMITES

> To live is to accept oneself in order to chance oneself. He who does not assumes himself does not live his own life, but the life of people. He who assumes himself and accepts himself without at least trying to change does not live actively, but just functions in the function of what determines him. Because the attempt to chance myself implies the attempt to change the surroundings in which I find myself. In short, to live is to discover who I am and to try and start from there in order to "be better" (or "more"), thus changing mot merely oneself but also the world.
>
> *Vilém Flusser*

A noção de expansão parece ser um bom ponto de início para a conclusão do percurso que traçamos até aqui, ainda que possa parecer, à primeira vista, paradoxal terminar com um movimento expansivo. Do latim "*expansio*", formado pela união do prefixo "*ex*" (para fora), do radical "*pandere*" (desdobrar, extender, abrir) e do sufixo "*ción*" (ação, efeito), expansão necessariamente implica na ação de querer "ser mais e melhor" desdobrando-se *para fora*: fora e cada vez mais fora do corpo. Não raro, "expansão" e "alienação" andam de mãos dadas: do latim "*alienus*", alienação diz respeito àquilo que está *de fora*, pertencente ao outro. Outro que aqui se torna o espaço do próprio corpo e dos limites por ele suportados em sua empreitada zoopolítica de expansão metal pela supressão dos restos de natureza geneticamente programados nos instintos básicos de sobrevivência (fome, sono, sexo e medo) circunscritos aos *cakras* inferiores. Afinal, qual o sentido de manter afetos como desprezo, estupor, devassidão, falta de confiança, ideia de aniquilação, crueldade, timidez, sadismo, inveja, estaticidade, melancolia, irritabilidade, ganância, apaixonamento cego, ódio, repugnância, temor? Qual a função evolutiva de carregar nas entranhas tamanha "negatividade"?

Assim, diante do desejo de conhecer o sentido da existência em meio ao caos do mundo e de desbravar os mistérios do "quem sou eu?" contrariamos o projeto vampyrotheutico do corpo iogue e produzimos objetos: livros, quadros, prédios, aparatos que sistematizam memória através do armazenamento das informações adquiridas e da triagem das informações armazenadas (FLUSSER, 2011b). É nisso, na incessante reordenação do mundo pela exteriorização da mente em objetos, que o "humano" se faz histórico e

antropotecnicamente se diferencia de sua condição animal. Por que seríamos tal qual os mosquitos, baratas, cobras, ratos, aranhas, patos, porcos, vacas, galinhas que com indiferente desprezo matamos? Quem ousaria cometer a blasfêmia de nos igualar a seres cujo sentido de existência não produz "cultura"? Hoje, porém, tomados pelo desespero de melhor agarrar a secularizada experiência do divino através de nossos aparatos, nos afastamos a tal ponto da realidade concreta que a distância se tornou a distância cósmica das ondas da mente que circulam por satélites, cabos e antenas, e a aproximação se aproximou a tal ponto que agarra a concretude atômica dos pontos energéticos dos *cakras* pelo choque entre ponta dos dedos e tela. De choques, pontos e ondas é feita a atual experiência do palpável: como no corpo juntar tais extremos? O que está em jogo no tão humano desejo de querer romper com as fronteiras e as constrições tridimensionais do espaço-tempo para enfim ser um com o todo?

Contudo, ao negar a animalidade dos humanos instintos, ser humano se passa a ser a busca por ser absolutamente positivado enquanto ente divino. E imbuídos da missão de ser tão divino quanto enxergamos ser o sentido de nossa existência, hoje manipulamos o inato desejo de ilimitado distorcendo-o a partir de objetos que nos proporcionam saciar tal anseio como se o próprio Deus fôssemos[92] sob a forma da chamada "sede de onipresença". Ao contrário de morrer, o Deus secularizado ainda mais furiosamente "volta pela janela sob nomes indefiníveis como seja 'energia' ou 'probabilidade'" (FLUSSER, 1987, p. 2). Diante desse inescapável anseio que hoje assume a forma contingente do chamado "desejo de onipresença", isto é, o desejo de querer estar ubiquamente em todos os lugares e a tudo e a todos conectado ao mesmo tempo, desdobrou-se o trajeto de pesquisa-experiência desta tese. Tese que se lançou ao risco de viver os limites do pensável no próprio corpo-pesquisador com o intuito de traçar pontes sensório-cognitivas entre o inconsciente tecnológico dos processos coletivos de mediação e a exploração ativa do inconsciente individual nos processos de meditação para investigar como o remoto desejo de ilimitado há muito professado pelo Yoga[93] vem se manifestando atuais nas práticas de mediação.

Assim, vampyrotheuticamente mimetizando mente e ondas, mente e ponto, e mente e choque que, desbravando aquilo que escapa à ordem do conhecimento que se sabe conhecido, a materialidade técnica dos planos foi arqueologicamente escavada e emergiu enquanto produto social da tentativa de agarrar o toque divino através de três etapas interdependentes:

---

[92] Na obra "O mal-estar na civilização", Freud há muito já alertara tal possibilidade quando comparou o homem a uma espécie de "deus protético" que com "órgãos auxiliares" aumentaria o tão cultivado anseio imaginário de tornar-se Deus (FREUD, 2010).

[93] Dentro do estudo da Biopsicologia do Yoga Tântrico e de tantas outras linhas milenares de Yoga, tal desejo espiritual nada mais é que um dos quatro vrttis ou afetos do desejo inscritos no primeiro cakra, o muladhara cakra.

telas e choque, telas e ponto, e telas e ondas. Interessante que do cruzamento das analogias entre tela e choque/ mente e ondas, as duas primeiras seções dos dois capítulos iniciais, pode-se mapear alguns sistemas de espelhamento entre práticas em princípio distantes: enquanto que o início dos processos de meditação implica na sutilização das frequências do corpo pela direta sutilização ondas da mente, os de mediação começam na indireta sutilização dos impulsos eróticos pela hiperestimulação do choque dos dedos na tela. Ambas antropotecnias implicam na completa reconfiguração de hábitos cotidianos: primeiro, interferindo no corpo (*annamaya kos'a* ou camada mental feita de comida) através do devotado esforço de reconfiguração de hábitos alimentares e angulosas contorções do substrato biológico em posturas de yoga que controlam as secreções glandulares e impactam na frequência vibratória dos sete pontos dos *cakras* distribuídos ao longo da coluna vertebral; segundo, sem nenhum esforço físico exceto o esforço de ter que trabalhar para juntar dinheiro e comprar um aparato *smart* habilitado com pacotes de dados ou serviços *wireless*, a excitação erótica do choque entre dedo e tela une os circuitos nervosos do corpo aos circuitos eletrônicos do aparato penetrando a superfície de três finas camadas de vidro, TFC's e capacitores simbióticos da tela fora das entranhas do corpo. Exteriorizando vórtices energéticos na tela, o "eu" é seduzido pela submissão dessa nova e lisa pele que acarinha ao passo que servilmente obedece ao comando dos dedos. E assim cedemos. Cedemos ao seu programa eletrocutando a ponta dos dedos e doando a energia necessária para dar vida à tela que, sem a completude do toque, vira um mero e morto objeto porque sem imagens. Tamanho controle não só atrai como captura. Frente ao poder de com um mísero toque ressuscitar o aparato, o aparato torna-se tal qual um corpo acoplável aos mais íntimos e socializados instantes até conquistar o ápice do desejo: o desejo de ser um com o corpo do aparato.

Do desejo de unir-se com as células do celular vem o desejo de animá-lo e inaugurar a segunda etapa do paralelismo entre tela e ponto/ mente e ponto. Isto porque, tanto nas práticas de meditação quanto de mediação agora está em jogo agarrar o ponto do "eu": o ponto divino da alma (*átman*) dentro do núcleo e o ponto replicável do perfil fora do círculo, ambos pontos capazes de sobreviver mesmo após a morte. Para tal, enquanto a meditação tântrica propõe a metáfora do "cortar pelo raio" (ÁNANDAMÚRTI, 1979) através de um processo de introspecção e desligamento progressivo dos desejos inscritos nos órgãos sensório-motores (*indriyas*) de *kamamaya kos'a* (segunda camada mental do desejo ou mente consciente) de modo a afunilar todas imagens mentais de *citta* (tela mental) a micro-mancha de um ponto solitário no espaço cósmico pelo ato de sentar para meditar, a ação de mediar inaugura o justo oposto. Com os olhos e ouvidos abertos, as mãos frenéticas, as pernas livres, os braços soltos

e os dedos a postos agora os protocolos de abstração do concreto se dão pelo simples e prático processo de "duplicar-se pela tangente". Isto é, ao processo de duplicação de si enquanto ponto pela extroversão dos órgãos sensório-motores em uma página de perfil multiplicável para além dos espaços de convivência física. Desviando da interioridade do círculo do "eu", toma-se distância da alma para melhor agarrá-la não pela introspecção ativa, mas sim indiretamente através da criação de uma via de retroalimentação mútua entre pessoa e perfil, círculo e ponto feito de pontos de *pixel* a habitar o espaço topológico da rede social. Diferente do disciplinado esforço de concentração meditativo, basta apenas automaticamente seguir os amigáveis comandos do "*app*" do Facebook integrado ao *software* do corpo do aparato e compactuar com o pacto de erosão da redondez do espaço volumétrico para "avançar" e ascender enquanto duplo de si feito à imagem e semelhança de seu criador. Ainda que por procedimentos completamente distintos, o fim de ambas antropotecnias terminam na rarefação do substrato biológico sob a forma de imagens, seja na mente, seja na tela[94].

Da eufórica sensação de haver dado vida ao corpo do aparato e animá-lo exteriorizando uma criatura capaz existir para além dos muros da realidade molecular vem a terceira e última regularidade mente e choque/ tela e ondas. Com um pequeno porém: onde as práticas de meditação começam, as de mediação terminam. Sem poder avançar nas três últimas camadas da mente - *atimanasa kos'a*, *vijinánamaya kos'a* e *hiranyamaya kos'a* – e eletrocutar-se nos choques de *samádhi*, a tão desejada meta de união com o todo é subconscientemente realizada pelo *tsunami* nervoso proveniente da união entre ondas da mente, ondas do aparato e ondas *wireless*. Isto porque, se sentar para meditar abruptamente faz o "eu" ativamente adentrar na enxurrada de pensamentos subconscientes (terceira camada mental ou *manomaya kos'a*) repletos dos medos anseios, informações, sonhos de *aham* (ou ego) dissolvíveis pela repetição do *Ista mantra* no *Ista cakra*, mediando dá-se o processo inverso: a reverberação verborrágica do mantra "no que você está pensando?" infla o ego e automaticamente exterioriza a mente subconsciente na tela pelo simultâneo jogo entre ação e reação, entre *posts* e *emojis*, comentários e compartilhamentos. Ao contrário do jogo de *samsara* (roda da vida) que atualiza as reações potenciais (*samskaras*) do "eu" ao longo dos ciclos de encarnação e vida e morte, no Facebook quanto mais rápidas e numerosas as

---

[94] Se em um primeiro momento pode parecer descabida a aproximação desses dois horizontes experienciais, é somente porque tendemos a tomar o campo do tecnológico como inteiramente afastado do das vivencias espirituais. Entretanto, a sutilização do corpo na presença telemática e a expansão da consciência em redes digitais se encontram na interface de conceitos como *animismo*, *transcendência* e *epifania*. Como define Margaret Wertheim, por exemplo, "o cibernauta é, em certo sentido, um ser idealizado, uma criatura do éter" (1999, p. 24). Aqui lidamos, portanto, com antropotecnias que complexificam, de formas muitas vezes semelhantes, a aparente simplicidade dos pares corpo-espírito, materialidade-imaterialidade, susbtância-pensamento.

reações, mais o "eu" se multiplica ao se aproximar do rastro digital deixado pelo toque daqueles que estão longe. Atualizando o princípio iogue que entende o próprio pensar como ação (*karma*), o vínculo entre pessoa e tela faz do perfil um ente cujo pensamento é, por excelência, o campo da ação agora eletromagneticamente irradiável por tentáculos afetivos de um corpo mentalmente agigantado, capaz de ao globo abraçar e sentir-se "conectado" ao todo.

Porém, ao longo do trajeto teórico-experimental de investigação descobrimos que o deslumbre das expansões interior e exterior muito facilmente pode cair ladeira abaixo rumo tanto ao vício por mediação quanto à obsessão por meditação. Da fusão destas duas antropotecnias vem a chamada "sede de onipresença", isto é, a exacerbação de todas as expectativas de ilimitado seguida pela frustração de tal desejo ao ponto de cristalizar o governo[95] zoopolítico de uma "economia geral da luz". Neste contínuo gerenciamento energético de si enquanto imagem – seja a imagem do perfil, seja a imagem do *guru* -, distintos graus de manifestação da sede de onipresença objetivam modos de subjetivação[96] levados a cabo através de três etapas: primeiro temos a elevação programada pela polarização dos afetos divididos entre "positivos" e "negativos" que acaba por internalizar a autopromoção e o *marketing* pessoal enquanto códigos de conduta social; após, extirpada a possibilidade do "negativo", dá-se início ao processo de achatamento e neutralização dos afetos positivados pela dilatação da consciência que busca um ponto de equilíbrio não só estático como também invariável; por fim, a persistência na manutenção de tal equilíbrio se esbara com os limites que separam corpo e energia: o que antes pertencia ao plano do "chato" começa a tornar-se curvo pela distorção inconsciente dos processos de percepção da realidade. Nesse estágio, três comportamentos sintetizam os últimos altos graus de sede de onipresença: o engajamento do militante que propaga a si mesmo enquanto causa e medida de luta na arena mental da tela do *newsfeed*; a indiferença do juiz que desdenha e sentencia a mediocridade do outro a partir de uma premissa de imparcialidade; e, por fim, a apatia do *voyeur* que desiste de toda forma de régua e apenas desfruta do inocente prazer de sentir-se Deus pelo poder de remotamente "escrolar" (*to scroll*) a intimidade alheia pelo choque dos dedos na tela: não

---

[95] Partindo da noção de arte de governar proposta por Michel Foucault, governo aqui designa "modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros" (2010b, p. 288). A ideia de governo constitui, então, uma disposição, uma grade de inteligibilidade histórica a partir da qual se podem articular diferentes formas de conduzir condutas. As formas de governar não estariam, assim, centradas em um sujeito ou em uma instituição, mas sim em formas de ser do pensamento a partir das quais um conjunto de práticas passa a ser operado em diferentes épocas.

[96] É importante lembrar que a palavra sujeito, para Foucault (DREYFUS, H. e RABINOW, 2010, p. 235), tem dois significados: o primeiro é o de sujeito enquanto assujeitado, ou seja, sob julgo de alguém pelo controle ou dependência, e o segundo é o de sujeito aprisionado à sua identidade por uma consciência ou autoconhecimento.

coincidentemente, o desejo expresso no mantra “Eu sou Consciência Infinita” tão bem se materializa no modelo do mútuo panóptico global do Facebook.

Daí para o próximo passo na escalada de abstração dos processos técnicos de alienação expansiva é um pulo: aliando o controle energético da mente e o controle imagético da tela em mecanismos de hipercontrole não mais de coisas, mas principalmente da luz, de fótons, de elétrons, de prana, da fissura nuclear e das mais ínfimas forças do espectro eletromagnético, obstinadamente marchamos ao rumo desejo de fazer do corpo, um corpo de luz tal qual o corpo ressurreto de Cristo. Tudo para fugir daquilo que o Anjo de Klee parece querer se afastar, mas fixamente encara (BENJAMIN, 1994): a dor do trauma desgraçadamente sentida na carne. Para tal, óculos de realidade virtual, dispositivos de comando por voz, telas destravadas pelo movimento dos olhos, *gadgets* de realidade aumentada, objetos inteligentes e, logo depois, a mansa inserção de sensores que decodifiquem as sinopses nervosas em sinais conversíveis ao código binário de *bits* e possibilitem a instantânea partilha social das ondas da mente. Contudo, quando a flecha certeira do progresso tecnológico salta em direção ao abismo e ameaça a simbiótica massificação corpo-aparato pelo simples medo de sofrer, é preciso dar um basta: um basta que contemple e quebre o círculo mágico da atual economia geral da luz com vias a “emancipar a sociedade do absurdo” (FLUSSER, 1985, p. 33) por meio de sistemas de colonização mercadológica dos processos mentais. Por isso, trazer a concepção tântrica de mente aqui emerge menos como um “esoterismo” e mais como uma forma de resistência aos atuais processos de alienação via consumo neoliberal de modos de vida. Aliás, já está mais do que na hora de nos apropriarmos dos mecanismos de funcionamento da mente humana de modo a utilizá-los a nosso favor, isto é, em prol do nosso autoconhecimento enquanto espécie: afinal, qual a natureza de nossa humanidade?

Por isso, puxar o freio de mão da bola de neve que gira as engrenagens de tal automatização não só é uma questão vital como também a “única revolução ainda possível” (p. 41). Isso não significa ser contra ou a favor, amaldiçoar ou louvar tecnologias. Mas implica em questionar a premissa naturalizante de que elas são a expressão de nosso mais alto grau de evolução e arriscar a proposição de ontologias do presente alternativas: ao contrário de um óbvio resultado do progresso, tecnologias são apenas uma manifestação histórica, um produto material contingente de nosso subconsciente (*manomaya kos’a*) desesperado por autoconhecer-se. Já diria Flusser que “fazemos instrumentos para simular quaisquer aspectos de nossa existência, e esses instrumentos contra-atacam, e nós simulamos o instrumento e nos conhecemos melhor” (FLUSSER, 2005, p. 99). Nesse raciocínio, por que não lançar questões

como: por que fazemos uso de inventos singulares como *smartphones* e Facebook, e não quaisquer outros? Que desejos estão sendo ali expressos de modo a preencher aquilo que é da ordem do necessário? Que parte de nosso inconsciente tecnológico está sendo manifesta nas atuais práticas de mediação? Como nossas telas materializam aquilo que desejamos conhecer dos processos cognitivos? E qual o limite entre os processos de dissociação do corpo via perfis imagéticos e sua relação com transtornos de dissociação psíquica? Menos que respostas, é importante semear provocações. Com as mãos tocamos a primeira camada da mente, o corpo físico ou *annamaya kos'a*, e a segunda camada dos desejos manifestos nos dez órgãos sensório-motores (*kamamaya kos'a*). Mas se não for por práticas de introspecção ativa, como agarrar nosso subconsciente (*manomaya kos'a*) senão por telas e aparatos tecnológicos?

Enxergar telas como substratos de manifestação de desejos subconscientes permite desdobrar três possibilidades: a primeira é relativizar a grandiloquência gerada em torno de fenômenos epocais como *smartphones* e plataformas como Facebook como se fossem tudo que há e sempre existirá; a segunda é interrogar como o ímpeto de tatear imagens, sonhos, medos, projeções, informações e questionamentos existenciais são exteriorizados materialmente em suportes mnemônicos que permitem vermo-nos melhor enquanto sujeitos; e, por último, estar atentos aos modos como desejos latentes nas telas da mente de *atimanasa kos'a*, *vijinánamaya kos'a* e *hiranyamaya kos'a* estão sendo subconscientemente perseguidos e exteriorizados através tanto da materialidade dos meios técnicos como de práticas de mediação e expansão exterior.

REFERÊNCIAS

ACCONCI, Vito. Art & Authority. In: *Vito Acconci* – Writings, Works, projects. Edited by Gloria Moure. Barcelona: Ediciones Polígrafa: 2001.

ACCONCI, Vito. *Diary of a Body: 1969-1973.* Milan: Edizioni Charta, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. A Graça do Senhor – Parte 2. Brasília: Ananda Marga, 2013b.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. A Liberação da Mente através do Tantra Yoga. Brasília: Ananda Marga, 2008.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. Ananda Marga Ideology and Way of Life in a Nutshell - Part 5. Kolkata: Ananda Marga Publications, 2001.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. *Ánanda Vacanámrtam* – Parte 1. Brasília: Ananda Marga, 2013b.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. Ánanda Vacanámrtam Part 12. Fiesch, Switzerland: Ananda Marga Publications, 1979.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. CARYÁCARYA – Part III. Kolkata: Ananda Marga Publications, 2000.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. *Discourses on Tantra* – volume 1 and 2. Kolkata: Ananda Marga Publications, 1993.

ÁNANDAMÚRTI, Sri Sri. Psicología del Yoga. Valencia: Ananda Marga Publicaciones, 2005.

ANTOUN**,** Henrique; MALINI, Fabio. Controle e Biolutas na Cibercultura: monitoramento, vazamento e anonimato na revolução democrática do compartilhamento. In: *Anais do XX Encontro Anual da COMPÓS*. Porto Alegre, UFRGS, 2011, p. 1-17.

ASCOTT, R. Quando a onça se deita com a ovelha: a arte com mídias úmidas e a cultura pósbiológica. In: DOMINGUES, D. (Org.) *Arte e vida no século XXI*: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Editora da UNESP, 2003. p. 273-283.

ASCOTT, Roy. *Homo telematicus* no jardim da vida artificial. In: André Parente (Org.), *Tramas da rede***:** novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**.** Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 241- 247.

AVADHÚTIKÁ, ÁNANDAMITRÁ. Beyond The Superconscious Mind. Kolkata: Ananda Marga Publications, 1999.

BAIO, César. *Máquinas de imagem:* arte, tecnologia e pós-virtualidade. São Paulo: Annablume, 2015.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP. Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 52-75.

BATAILLE, Georges. La Parte Maldita. Barcelona: Editorial ICARIA, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: Tadeu Capistrano (Org.), *Benjamim e a obra de arte:* técnica, imagem e percepção. Tradução Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: 2012.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única* – Obras escolhidas, volume 2. Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa (trads.). São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Walter Benjamin - Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Sérgio Paulo Rouanet (trad.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDO. Gustavo. Um espelho retorcido. In: FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.

BERTÃO, Re-nato. Edmond Coucht e Roy Ascott: future da arte. In: *Da Vinci*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 79-86, 2005.

BLACKMAN, Lisa. Researching Affect and Embodied Hauntologies: Exploring na Analytics of Experimentation. In: *Affective Methodologies* - Developing Cultural Research Strategies for the Study of Affect. Britta Timm Knudsen e Carsten Stage (Editors). UK: PALGRAVE MACMILLAN, 2015.

BLASSNIGG, Martha. *Clairvoyance, Cinema, and Consciousness*. In: *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdam-New York: Rodopi, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. João Wanderley Geraldi (Trad.). In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

BRUNO, Fernanda. Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cultura contemporânea. In: BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, R. (Orgs.**)** *Vigilância e visibilidade*: espaço tecnologia e identificação. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais: o que eles se tornam quando vistos sob a perspectiva da teoria ator-rede? In: *Anais XXI Encontro Anual da Compós*, 12, 12, 14, 15 de junho de 2012. Juíz de Fora, UFJF, p. 1-18.

BURNET, John. *A aurora da filosofia grega*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

BURNET, John. *A aurora da filosofia grega*. Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

CAETANO, Kati. Impregnações tecno-estéticas na vida cotidiana: inconsciente óptico, filosofia da caixa preta, artealização e *everyware*. In: *Em Questão*, v. 18, p. 247-264, 2012.

CANCLINI, Néstor García. Consumo, acesso e sociabilidade. In: *Comunicação, mídia e consumo.* Vol. 6. N. 16, p. 111 – 127. São Paulo, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet:* reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CAUQUELIN, Anne. *No ângulo dos mundos possíveis.* Dorothée de Bruchard (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAZELOTO, Edilson. Monocultura informática, permacultura e a construção de uma sociabilidade contra-hegemônica. In: *DOSSIÊ:* perspectivas autorais nos estudos de comunicação V. MATRIZES: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ano 3, n. 2, p. 187-200, jan.-jul. 2010.

CLOUGH, Patricia T. The Affective Turn: Political Economy, Biomedia and Bodies In: *Theory, Culture & Society*, Vol 25, Issue 1, pp. 1 – 22, 2008.

CLOUGH, Patricia. Introduction. In: CLOUGH, Patricia; HALLEY, J. (Org.). The affective turn: theorizing the social. Durham: Duke University Press, 2007.

COCCIA, Emanuele. A vida sensível. Cervelin, Diego (trad.). Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2010.

COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de criação. São Paulo: Perspectiva, 1989.

COUCHOT, E. Entre o real e o virtual. In: *A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 299-312.

COYNE, Richard. *Technoromanticism*: Digital Narrative, Holism, and the Romance of the Real. Cambridge: The MIT Press, 2001.

CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX. In: CHARNEY, Leo; SCHWARZ Vanessa R., *O Cinema e a invenção da vida moderna.* São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 81-114.

DAGOGNET, François. *O corpo*. Michel Jean Maurice Vincent (trad.). Rio de Janeiro: 2012.

DAVIS, Erik. *Techgnosis:* Myth, Magic+Mysticism in the Age of Information. New York: Three Rivers Press, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. 7 ed. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DELEUZE, Gilles**.** *Cours Vincennes 24/01/1978*. In: Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: https://www.webdeleuze.com/textes/194, acesso em 31/03/2018.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon*: lógica da sensação. Roberto Machado (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo.* Lisboa: KKYM, 2012.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 8 ed. Marina Appenzeller (trad.). Campinas: Papirus, 2004.

ESPOSITO, Roberto. *Comunitas:* Origen y destino de la comunidade. Tradução Carlo Rodolfo MclinariMarotto. Buenos Aires, Amorrortu, 2003.

ESTELA PRIETO, Francisco Borja. *El individuo en la pantalla*: la soledad del narciso contemporaneo. 2013. 124 f. Dissertação (Máster Oficial en Producción Artística) – Facultat de Belles Artes de San Carles: Universidad Politécnica de Valencia, 2013.

FELINTO, Erick. *A imagem espectral* – Comunicação, cinema e fantasmagoria tecnológica. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2008.

FELINTO, Erick; PEREIRA, Vinicius Andrade. A Vida dos Objetos: um Diálogo com o Pensamento da Materialidade da Comunicação. In: *Contemporânea*: Revista de Comunicação e Cultura, Salvador, v. 3, n.1, p. 75-94, 2005.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lúcia. *O explorador de abismos*: Vilém Flusser e o pós-humanismo. São Paulo: Paulus, 2012.

FEYERABEND, Paul K. *Contra o método.* São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, Nov. 2001.

Flusser, Vilém (28/05/1974), unpublished correspondence, Vilém Flusser Archive, Berlin (reference number: CORRESP. 9, 6-DORA (3126).

Flusser, Vilém (29/06/1974), unpublished correspondence, Vilém Flusser Archive, Berlin (reference number: CORRESP. 9, 6-DORA (3126).

FLUSSER, Vilém. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011a.

FLUSSER, Vilém. *A Escrita: Há futuro para a escrita?* Trad. do alemão por Murilo J da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *A história do Diabo*, São Paulo: Annablume: 2010.

FLUSSER, Vilém. *Até a terceira e a quarta geração*. Vilém Flusser Archive, Berlin inédito.

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos*: uma autobiografia filosófica, São Paulo: Annablume: 2007.

FLUSSER, Vilém. Como Filosofar em Cultura de Massa? In: *Revista Brasileira de Filosofia*, 1976.

FLUSSER, Vilém. *Comunicologia* – Reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes: 2015.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. *Em Busca de um Novo Homem*. Organização e prefácio de Gustavo Bernardo Krause. Rio de Janeiro: EdUERJ: 1998.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*: ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 1985.

FLUSSER, Vilém. In Search of Meaning (Philosophical Self-portrait). In: *Writings*. Andreas Strohl (Org.). Trad. Erik Eisel. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

FLUSSER, Vilém. *Luzes*. Texto inédito preservado no Flusser Archiv, s/d.

FLUSSER, Vilém. *Natural:mente*: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. *No Além das Máquinas*. Texto inédito preservado no Flusser Archiv, s/d.

FLUSSER, Vilém. *O Universo das Imagens Técnicas* – Elogio da Superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém; LOUIS, Bec. *Vampyroteuthis infernalis*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010d.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II* – O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010c.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits* - Vol I, II, III e IV, Paris, Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3*: o cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I:* A vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2010a.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. MACHADO, R. (Org). Tradução Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica.* Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, R. (Org). *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2011b, p. 15-37.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2 ed. In: DREYFYS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b, p. 273 - 295.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLASTEGUI GONZÁLEZ, Samuel. De lo virtual a lo real – La emersión como cambio de paradigma en la experiencia de los juegos digitales. In: *Actas de lo II Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales* (ANIAV), Valencia, 2015.

GALLOWAY, Alexander. *Protocol*: how control exists after decentralization. Cambridge: MIT Press, 2004.

GIL. José. *Movimento Total* – O Corpo e a Dança. Lisboa: Relógio D'água, 2001.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOLDBERG, RoseLee. A arte da performance: Do Futurismo ao Presente. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Performance multimídia: Laurie Anderson e a arte feita de palavras e bits. In: *Lusocom* - Congresso Internacional de Ciências da Comunicação dos Países de Língua Portuguesa, 2004, Covilhã. Congresso Internacional de Ciências da Comunicação dos Países de Língua Portuguesa, 2004a.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação. In: *Logos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 1, n.20, p. 76-95, 2004b.

GRUSIN, Richard. *Premediation*: Affect and Mediality After 9/11. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*: O que o sentido não consegue transmitir. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HALL, Stuart. The work of representation. In: *Representation: cultural representations and signifying practices.* London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University, Sage: 1997.

HANSEN, Mark. Living (with) technical time: from Media Surrogacy to Distributed Cognition. In: *Theory, Culture and Society*, v. 26 (2-3): 2009.

HARDT, Michael. Para que servem os afetos? Luiz Roberto Leite Farias (Trad.). In: *Intersemiose*, Ano IV, n. 07, Jan /Jun 2015.

HAYLES, Katherine. RFID: Human Agency and Meaning in Information-Intensive Environments. In: *Theory, Culture and Society*, v. 26 (2-3): 2009.

HAYLES, Katherine. The traumas of Code. In: *Critical Inquiry*, v. 33, pp. 136-157.

HENNIGEN, Inês. *Publicidade do crédito:* que práticas de consumo e endividamento são incitadas? Porto Alegre, 2011.

HILLIS, Ken. *Sensações digitais*: espaço, identidade e corporificações na realidade virtual. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

JAMMER, Max. *Conceitos de espaço* – A história das teorias do espaço na física. Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: André Parente (Org.), *Tramas da rede:* novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 80- 90.

KASTRUP, Virgínia; TADESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KASTRUP. Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 32-51.

KERCKHOVE, Derrickde. *A Pele da cultura*: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

KNUDSEN, Britta Timm; STAGE, Carsten. Introduction: Affective Methodologies. In: *Affective Methodologies* - Developing Cultural Research Strategies for the Study of Affect. Britta Timm Knudsen e Carsten Stage (Editors). UK: PALGRAVE MACMILLAN, 2015.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

LARROSA, Jorge. Leitura e metamorfose. Em torno de um poema de Rilke. In: *Pedagogia profana***.** Danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora.* Bauru: Edusc, 2001.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Carlos Irineu da Costa (trad.). 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial* **–** Formas de vida e produção de subjetividade. Tradução Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*: antropologia e sociedade. 6 ed. Campinas: Papirus, 2011.

LEMOS, André. *Cibercultura* **–** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004a.

LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. In: *Razón e Palabra.* México, n. 41, out.- nov. 2004b.

LEMOS, André. Espaço, Mídia Locativa e Teoria Ator-Rede. In: *Anais XXI Encontro Anual da Compós,* 12, 12, 14, 15 de junho de 2012. Juíz de Fora, UFJF, p. 1-15.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LONGONI, Ana; SANTONI, Ricardo. *De los poetas malditos al video clip.* Buenos Aires: Editorial Cantaro, 1998.

LUDUEÑA ROMANDINI, Fabián. *A comunidade dos espectros.* I. Antropotecnia. Alexandre Nodari e Leonardo D'Ávila de Oliveira (trads.). Desterro, Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2012.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular* – introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense: 1984.

MARCOLLI, Attilio. *Teoría del Campo* – Curso de educación visual. Madrid: IBERDOS: 1974.

MARKS, Laura U. *Touch*: Sensuous Theory and Multisensory Media. University of Minnesota Press: Minneapolis, 2002.

MARTINS, Marcus Vinícius. *O Pensamento de Heráclito:* uma aproximação com o pensamento e de Parmênides. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia: Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

MCLUHAN, Stephanie e Staines, David. *McLuhan por McLuhan*: conferências e entrevistas. Tradução Antonio de Padua Danesi. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2005.

MICHELIN, Simone. O espaço-entre. In: *Estéticas tecnológicas*: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008, p. 169-174.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência.* 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo.* 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MORIN, Edgar. *O Método 1:* a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.* 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

MOSCO, Vincent. *The Digital Sublime*: Myth, Power, and Cyberspace. Cambridge: The MIT Press, 2004.

MOZZINI-ALISTER, Camila. *Impressões de um corpo conectado*: como a publicidade está nos incitando à conexão digital. Curitiba: Appris, 2019.

MOZZINI-ALISTER, Camila. La sobrevida de la imagen: esbozos para una energética de la existencia. In: III Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales, ANIAV 2017 - GLOCAL, 2017. *Libro de Actas - III Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales*: ANIAV 2017, GLOCAL. Valencia: Universitat Politècnica València, 2017.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: André Parente (Org.), *Tramas da rede:* novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-38.

O'LEARY, Timothy. Foucault, Experience, Literature. In: *Foucault Studies.* No. 5, jan. 2008, p. 5-25.

OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. *Arché e telos* – Niilismo filosófico e crise da linguagem em Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger. 1. ed. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Biontes, bióides e borgues. In: NOVAES, Adauto (org.). *O homem-máquina*: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação. In: André Parente (Org.), *Tramas da rede:* novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 91- 110.

PARIKKA, Jussi. *What is Media Archaeology?* Cambridge: Polity Press, 2012.

PEPPERELL, Robert. Where's the screen? The paradoxical relationship between mind and world. *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdan/New York: Rodopi, 2006.

PEREIRA, Vinícius Andrade. Reflexões sobre as materialidadesdos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias. In: *Revista Fronteiras* – estudos midiáticos (Unisinos), v. VIII(2), p. 93-101, maio/agosto 2006.

PINK, Sarah. Situating Sensory Ethnography: From Academia to Intervention. In: *Doing Sensory Ethnography.* London: Sage Publications, 2009.

PINTILIE, Ileana. Beetween Modernism and Postmodernism: A contextual Analysis on Ion Grigorescu's Work. In: *Ion Grigorescu* – The man with a single camera. Berlin: Sternberg Press, 2013.

PISTERS, Patricia. The Spiritual Dimension of the Brain as Screen: Zigzagging from Cosmos to Earth (and Back). In: *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdam-New York: Rodopi, 2006.

PUNT, Michael. Introduction. In: *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdam-New York: Rodopi, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGIS, Fátima; MESSIAS, José. Comunicação, tecnologia e cognição: rearticulando homem, mundo e pensamento. In: REGIS, F.; ORTIZ, A.; AFFONSO, L. C.; Timponi, R (Orgs.), *Tecnologias de Comunicação e Cognição.* Porto Alegre: Sulina, 2012.

REVEL, Judith. O pensamento vertical – uma ética da problematização. In: *Foucault:* a coragem da verdade. Frédéric Gros (org.); Philippe Artières... [et al.]; Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Pedro Süssekind. Porto Alegre: LP&M, 2011.

RIST, Pipilotti. In: PEGGY, Phelan; OBRIST, Hans Ulrich; BROFEN, Elisabeth. *Pipilotti Rist*. Ner York: Phaidon Press, 2001.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. *Yo no creo em brujas, pero que las hay, las hay*: a publicidade, o consumo e a crença descafeinada. In: *Comunicação, Mídia e Consumo.* São Paulo, vol. 4, n. 9, p. 127-137, mar. 2007.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação? In: *Revista Eco Pós* (UFRJ), v. 18, n. 2, 2015, p. 35-56.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano* **–** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo, Paulus: 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Afrontamento, 1995.

ŞERBAN, Alina. To think or to imagine Good and Evil. In: *Ion Grigorescu* – The man with a single camera. Berlin: Sternberg Press, 2013.

SHARP, Willoughby. Videoperformance. In: *Perfomatus*, n. 6, set. 2013. Disponível em: http://performatus.net/videoperformance. Acesso em: 04 ago. 2014.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes* **–** A escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVESTRE FRIQUES, Manoel. Não sobre o amor: produção de presença e novas mídias na arte contemporânea. In: *O Percevejo Online*, v. 3, p. 1-16, 2011.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARZ Vanessa R., *O Cinema e a invenção da vida moderna.* São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho.* Petrópolis: Vozes, 2002

SODRÉ, Muniz. Objeto da comunicação é a vinculação social. *PCLA*, v. 3, n. 1: out. nov. / dez. 2001. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm. Acesso em: 18 jun. 2014.

SODRÉ, Muniz. Sobre a *episteme* comunicacional. *MATRIZes* (USP), São Paulo, v. 1, n. 1, out. 2007, p. 15-26. Disponível

em: http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZes/article/view/3987. Acesso em: 18 jun. 2014.

STRATHERN, Paul. *Bohr e a Teoria Quântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

STUART, Susan. Extended Body, Extended Mind: The Self as Prosthesis. In: *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdam-New York: Rodopi, 2006.

TEDESCO, Silvia. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 113-135.

THRIFT, Nigel. Remenbering the technological unconscious by Foregrounding Knowledges of Position. In: *Environment and Planning D:* Society and Space, v. 22, n. 1, p. 175-190.

TIKKA, Pia. Cinema as Externalization of Consciousness. In: *Screen Consciousness*: Cinema, Mind and World. Robert Pepperel & Michael Punt (ed.) Amsterdam-New York: Rodopi, 2006.

VARELA, Francisco. *Conhecer*: as ciências cognitivas - tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleonor. *The embodied mind*: cognitive science and human experience. Cambridge: MIT Press, 1991.

VAZ, Paulo. Esperança e excesso. In: André Parente (Org.), *Tramas da rede:* novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 189- 208.

VENTURELLI, Suzete. Estética e arte computacional. In: Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia. Ano 3, n. 1, fev./2010.

WILDEN, Anthony. Comunicação. In: *Enciclopédia Einaudi*, Volume 34, Comunicação - Cognição. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Portugal, 2000.

ZANETTI, D. A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos. ***Ciberlegenda***, n. 25, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/496>. Acesso em: 14 Fev. 2013.

ZIELINSKI, Siegfried. *Deep Time of the Media. Toward an Archaeology of Hearing and Seeing by Technical Means.* Cambridge, MA: The MIT Press, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried. *Siegfried Zielinski: genealogías, visión, escucha y comunicación.* Bogotá: Ediciones Uniandes, 2006.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXO - Flusser e Fenomenologia do Corpo: Carta à Dora Ferreira da Silva

44

ANEXO

VILÉM FLUSSER

Boite Postale 2, 49590 Fontevraud 28/5/74

Minha cara Dora, recebi o seguinte: tua carta sôbre cartas, copia do Agostinho, Cavalo Azul 7, e carta do Viki dizendo do coral por ocasião da inauguração da c pela. Resumindo: efetivamente cartas não são "canais dialogicos" no sentido de Aldo Testa, mas são canais de discursos cruzados feitos no "otium" de Bagolini. O importante são os pontos de cruzamento. Este, por exempolo: tuas cartas têm sôbre mim o mesmo efeito das minhas sôbre você, (intercâmbio vital frustrado), mas considere o seguinte cruzamento: Você està empenhada em capela para adoraç de um Santo, (suponho Francisco), em desacôrdo com o teu tempo, (o da busca da liminação de tôda "mediação" na religiosidade como em tôdos os campos), mas em côrdo com teu espaço, (o das "mediações" mediunicas e outras). Aliàa, ficou pr vado que o culto dos Santos é tradição celta e eslava, não grega e latina, e nã germânica, e a tentativa de aboli-lo, embora enquadrada no "ecumenismo" atual, volta não apenas ao Evangelio, mas também à Stoa. Pois eu estou na mesma: o qu me preocupa atualmente, em desacôrdo com o Zeitgeist, é a mediação que meu corp exerce entre mim e meu mundo. O culto dos Santos é, em certo sentido, a introd ção de corporeidade entre mim e o totalmente diferente. "Abschirmung" é o term não sei se você o capta? O Santo é um "corpo estranho", mas semelhante ao meu, que ponho, para protejer-me, entre mim e a Divindade insuportàvel. Porque a lu direta ofusca. Pois sob este enfoque considere o seguinte:

Fui provocado, por professor de "filosofia da biologia", para contemplar o probl ma fenomenologico dos "organismos". De que trata, fenomenologicamente falando, biologia? Certamente não de moleculas como DNA, nem do equilibrio ecologico de ar e soluções liquidas no figado do peixe. Tal provocação "organismica" veiu em momento no qual meu proprio organismo se problematiza em dois niveis: não funci na perfeitamente, e proporciona os gozos da cosinha e da primavera franceza. Voc conhece minha ambivalencia quanto ao meu corpo, e como a liga à ideia cristã, (ra mim indigestivel), da corporificação historica do Abismo. Em suma: que sig- nifica "ter corpo", (fazer parte da natureza e da historia), para mim, para os o ros seres vivos, (y compri os teus Santos), e para Ele? Gostaria fazer partici- par você em alguns dos meus pensamentos a respeito.

Proponho o seguinte modelo: uma bola pulsante tipo "blastocelo", (por exemplo c ramujo sem casca, tal como você o vê ao comer escargots). No centro da bola est eu, (ou "alma", ou "nada"). Em torno de mim estão flexas parcialmente reversive excentricas e concentricas, ("meu corpo"). Em torno disto estão problemas que s aproximam, e produtos que são expulsos, ("meu mundo"). Em torno disto, formando horizonte, està minha morte, (ou; novamente, "o nada"). Mas eu não estou apenas no centro da bola, mas também fora dela, o que me permite propor para você este modelo. E você não é apenas um dos problemas do meu mundo e um dos produtos que elimino, mas està também acima dele, jà que posso propôr-te o modelo. Esta noss mutua "transcendência da bola" é DEUS, e concordo com Testa, (e com o Talmud), ne te ponto. Deixemos de lado. O interessante agora é refinar o modelo.

Meu corpo; este conjunto altamente organizado de flexas aferentes e eferentes não obstante, confuso. Confunde-se do lado de cà comigo, do lado de là com

45

mundo. Exemplos: meus "olhos" estão proximos de mim, porque não posso contemplá-los diretamente. São quase eu. Meu"figado" està muito afastado de mim, porque sei dele apenas enquanto "problema", isto é enquanto parte do meu mundo. No entanto: posso viver sem olho mas não sem figado, (embora saiba disto não por experiência, mas por teoria). Meu dedo é flexa concetrica, (traz problemas do mundo para mim), excentrica, (solve problemas e os elimina de mim e do mundo), mas é também eu, (quando bato esta carta). Minha fome parece excentrica, e meu sexo concentrico, mas isto não resistirà à anàlise, (tenho fome de alterar o mundo e sexo para dar-me ao mundo). Além disto: serà fome e sexo parte do corpo como o é estomago e phallus, ou é estomago e phallus fome e sexo teoretizados? Mas que entidade teorica é o estomago, se posso vêr o estomago do outro e apalpar o meu? E depois: tudo no meu corpo pode ser fome, inclusive meus olhos e mei sexo. E tudo pode ser olho. Finalmente: Posso transformar deliberadamente meu corpo tôdo em problema, (coisa do meu mundo), como o fae a ciência da natureza, e posso tranformà-lo deliberadamente meu corpo tôdo em produto eliminàvel, (como o faz a yoga). Confusão total.

Claro: tenho mundo porque tenho corpo. O corpo não apenas traz o mundo para cà, ele o antecede logicamente e historicamente. Graças ao corpo estou no mundo,(In-der-Welt-Sein), e graças a ele tenho futuro, (problemas a resolver), e passado, (problemas eliminados). Em outros termos: "mundo" é morfologia do meu corpo, e "tempo" é metabolismo do meu corpo. O que vem a dizer que graças ao corpo sou "imanente e mortal", isto é: pra frente, valido, lucido, e inserido no contexto. Mas hà mais: sendo o corpo mediação entre mim e mundo, não apenas "produz" mindo, mas também o modela. O mundo é como o traz meu corpo. Pode sê-lo muito complicadamente; primeiro meu corpo traz a côr, depois meu corpo manipula problemas, e depois meu corpo traz as ondas electro-magneticas que que "são" a côr no fundo. E ainda: meu proprio corpo tem cores, e no fundo é um conjunto de ondas electro-magneticas, (um "campo"). Pois se meu corpo é o modelo do meu mundo, e se tudo no meu mundo tem meu corpo por modelo, o proprio modelo que te estou propondo tem meu corpo por modelo. Considere, Dora: o molo do meu corpo tem meu corpo por modelo. Melancolico resultado da tentativa de superar a corporeidade reflexivamente.

Meu corpo està implicado em tudo. Talvez meu figado menos que meu olho, mas não tenho certeza nem disto. Toda analise do mundo revelerà, em ultima instancia, meu corpo. E a analize do "eu"? Talvez não haja ultima instância em tal analise, porque talvez eu seja um buraco no centro do meu corpo. Talvez por isto psicanalise seja cretinice, (ou "pecado"), porque "eu" sou "nada", (negaçao dialectica da posição "meu corpo"). Aqui nossos discursos epistolicos se cruzam Teus "Santos", inclusive, ai de mim, Jesus, talvez sejam como nosso corpo modela o horizonte do nosso mundo. De um lado, corpos. Do outro negações da posição "horizonte", ou "minha morte". Hà contradição entre"São" e "Francisco", e entre "Jesus" e "Cristo". E a ultima contradição, a entre "Jesus" e "Cristo"

46 B

-3-

VILÉM FLUSSER

talvez seja a dialectica ocidental entre "mim" e "morte". Urge fazer uma fenomenologia do corpo, antes de fazer não importa que cristologia. A proposito: posso observar aqui claramente a passagem do romanico para o gotico: a passagem do Pantocrator para o crucifixo. O Pantocrator não é corpo, é gem de ôvo. O crucifixo é corpo-cadaver. Alfa-Omega do corpo? Mas ai surge, se quizermos ser fieis à historia, o seguinte problema: o Pantocrator romanico aponta Santiago de Compostela e Jerusalem celeste, (VERACIDADE). Creio que Santiago não é corpo, (nunca vi, nem sequer na propria cidade de Compostela, e você precisa "VERTALCIDADE"). Quanto à Jerusalem, Agnon, (o verdadeiro sionista), diz que ela não tem corpo. Alias, você, se faz sionismo, deve saber que Jerusalem não é Hierosolima, (isto é paganismo), mas Yeruchalaim = IR BA DAVID KHANA, (a que prostrou Davi). Isto é VERACIDADE. Tal acido é a essencia da visão romanica do corpo. Mas o crucifixo é outra coisa. Aponta Maria, Notre Dame de Paris e Chartres, portanto o ventre. O buraco no corpo, o vaso do pecado. Maria é chauvinismo masculino, a "benedicta in mulieribus", a que é mediação entre os machos "pai" e "filho". Va VERACIDADE de Chartres. Mas que corpo estranho é Maria? Barriga serà corpo? Veja Rahel, o prototipo de Maria muito mais que a Magna Mater dos gaulezes. O anjo diz para Rahel: Tu nao és Leah, e dentro de nove mezes daràs risada. Que Anunciação barriguda é essa? Provavelmente antes de toda VERACIDADE jerusalemica, VERACIDADE betlehemica, (a cidade de Rahel, afinal das contas). Antes de todo sionismo um betlehemismo; (Beth Lehem - Casa do Pão), jà que é pão e vinho que Rahel oferece ao anjo. E não esqueeer Isac, (Yitskhak=darà a risada), nisto. Em outros termos: antes de toda teologia urge fenomenologia do corpo.

Cara Dora: faça cruzar nossas cartas. A cruz, é verdade, é simbolo muito ambivalente. Significa, entre outras coisas, "mais", mas também "morreu". Mas significa também "bivio", (encontro decisivo de caminhos). Sejamos biviais, e não triviais, (cruz ortodoxa). Fiquemos na cruz de Malta. Para isto servem cartas. E nunca mais escreva a terrivel sentença: Tenho quase a impressão de que nunca mais escreverei ... cartas. Continua escrevendo cartas. Tanto faz se sobre Hoelderlin ou VERACIDADE, sobre Portugal ou Jerusalem, sempre haverà pontos de cruzamento. Porque em certos sentidos caminhamos ao encontro mutuo e em oufro sentido juntos. Seja abraçada.

Flusser, Vilém (29/06/1974), unpublished correspondence, Vilém Flusser Archive, Berlin (reference number: CORRESP. 9, 6-DORA (3126).